

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE LETRAS – FALE/POSLIN

Maria José de Oliveira

**OS TRAÇOS ASPECTUAIS CONDICIONANTES DA
ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-INCOATIVA DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Belo Horizonte (MG)
2016

Maria José de Oliveira

**OS TRAÇOS ASPECTUAIS CONDICIONANTES DA
ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-INCOATIVA DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha1(F): Estudos em Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte (MG)
Faculdade de Letras da UFMG
2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

UF  G UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS 

Tese intitulada *Os traços aspectuais condicionantes da alternância causativo-incoativa do português brasileiro* de autoria da doutoranda Maria José de Oliveira submetida à aprovação pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

*A todos que cruzaram meu caminho nesta
longa jornada, muito obrigada! Vou levá-los
para sempre em meus pensamentos
“acnde quer que eu vá...”*

*Ao meu orientador, sem o qual
este trabalho não teria existência, meu
eterno agradecimento...*

Aos membros da banca...

*E aos que emanaram forças
positivas para que este projeto se
concretizasse, para sempre muito obrigada!*

Esta tese tem o objetivo de descrever e investigar os traços condicionantes da alternância *causativo-incoativa* no português brasileiro. A investigação começa com a hipótese segundo a qual são os traços aspectuais dos afixos dos verbos dessas construções que fazem emergir tal alternância. Por exemplo, “apodrecer”: *O calor apodreceu a maçã* resulta na mudança *a maçã tornou-se podre*. Sob essa condição, o verbo “apodrecer” participa também da construção intransitiva *a maçã apodreceu*. Pela mudança imposta ao argumento interno (ex.: *a maçã*), esse tipo de verbo é, geralmente, denominado de verbo de mudança de estado. De posse dessas informações, defendo a hipótese segundo a qual a alternância *causativo-incoativa* emerge da natureza e da combinação dos traços dos verbos de mudança de estado licenciados em *morfemas abstratos* e organizados em terminais sintáticos, como preconiza a Morfologia Distribuída (doravante MD). Nesses *morfemas* são inseridos os seguintes itens de vocabulário: a raiz e os afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}. Logo, as condições para a formação dos verbos em análise são: (i) a raiz especificada para dinamicidade; (ii) a projeção de um terminal sintático, rotulado ASP, cujo núcleo contém os traços [+DINÂMICO, +INCOATIVO], motivados pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}. Os prefixos {*a-/en-/es-*} realizam o traço [+DINÂMICO], e o sufixo {-*ec-*} realiza o traço [+INCOATIVO], que projeta o argumento interno com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]; (iii) o *verbalizador* (rotulado v1) que categoriza a raiz porta o traço [±AGENTE], o qual se conecta com o argumento externo das construções em análise; (iv) dessa operação resulta uma construção télica. Os dados analisados são coletados, principalmente, dos seguintes trabalhos: Rio-Torto (2004), Cançado, Godoy e Amaral (2013), Bassani (2013), além de dicionários da Língua Portuguesa. Para o desenvolvimento da análise, adoto os pressupostos da MD combinados com algumas intuições da Estrutura de Eventos.

Palavras-chave: alternância, morfema abstrato, morfologia, traços aspectuais

This thesis aims to describe and investigate the conditioning features of causative-inchoative alternation in Brazilian Portuguese. The research begins with the hypothesis that the aspectual features of affixes of verbs of these structures are the ones that allow such alternation. For instance, *apodrecer* “rot”: *O calor apodreceu a maçã* “The heat rotted the apple” brings about the change *a maçã tornou-se podre* “the apple became rotten”. Under this condition, the verb *apodrecer* “rot” also participates in the intransitive construction *the apple rotted*. By the change imposed on the internal argument (e.g.: *a maçã* “the apple”), this type of verb is generally termed change-of-state verb. With this information, I defend the hypothesis that the causative-inchoative alternation emerges from the nature and combination of the features of change of state verbs licensed in abstract morphemes and organized into syntactic terminals, as supported by the Distributed Morphology (henceforth DM). In these morphemes are inserted the following vocabulary items: the root and the affixes {*a-/en-/es-...-ec-*}. Therefore, the conditions for the formation of the verbs analyzed are: (i) the root specified for dynamicity; (ii) the projection of a syntactic terminal, labeled ASP, whose head has the features [+DYNAMIC, +INCHOATIVE], motivated by the affixes {*a-/en-/es-...-ec-*}. The prefixes {*a-/en-/es-*} perform the feature [+DYNAMIC], and the suffix {-*ec-*} performs the feature [+INCHOATIVE], which projects the internal argument with the feature [+CHANGE OF STATE]; (iii) the *verbalizer* (labeled *v1*) which categorizes the root carries the feature [±AGENT], which connects itself to the external argument of the constructions in analysis; (iv) a telic construction results from this operation. The analyzed data are mainly collected from the following works: Rio-Torto (2004), Cançado, Godoy, and Amaral (2013), Bassani (2013), as well as from Portuguese language dictionaries. For the development of the analysis, I adopt the premises of DM combined with some insights of the Event Structures.

Keywords: alternation, abstract morpheme, morphology, aspectual features

LISTA DE ABREVIATURAS

A	Adjetivo
<i>a</i> ^o	Núcleo <i>adjetivizador</i>
DP	Sintagma determinante (<i>Determiner Phrase</i>)
EF	Traço de margem (<i>Edge Feature</i>)
GU	Gramática Universal
LF	Forma lógica (<i>Logical Form</i>)
MD	Morfologia Distribuída (<i>Distributed Morphological</i>)
<i>n</i> ^o	Núcleo <i>nominalizador</i>
N	Nome
NP	Sintagma nominal (<i>Noun Phrase</i>)
PB	Português Brasileiro
PIC	Condição de impenetrabilidade de fase (<i>Phase Impenetrability Condition</i>)
PF	Forma fonológica (<i>Phonological Form</i>)
P ^o	Núcleo do sintagma preposicional
PP	Sintagma Preposicional (<i>Prepositional Phrase</i>)
Spec	Posição de especificador
T ^o	Núcleo da categoria funcional TP
TP	Sintagma de tempo (<i>Tense Phrase</i>)
<i>v</i> ^o	Núcleo <i>verbalizador</i>
V	Verbo
vP	Sintagma verbal que tem como núcleo um <i>verbalizador</i>
vP	Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo leve
VP	Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo lexical (<i>Verbal Phrase</i>)
XP	Sintagma de qualquer natureza semântica

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Verbos prefixados, circumfixados e sufixados	34
Quadro 2: Sentido dos prefixos { <i>ad-</i> , <i>ex-</i> , <i>in-</i> } em latim	37
Quadro 3: Processos de afixação dos verbos de mudança de estado do PB	46
Quadro 4: Síntese das informações de causa da raiz.....	152
Quadro 5: Classes aspectuais, traços e alternância sintática	189
Quadro 6: A inserção de vocabulário em ASP ^o	232

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Prefixos e sufixos realizados e nulos.....	41
Tabela 2: Traços aspectuais distintivos das quatro classes verbais	138

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A arquitetura da gramática	92
--	----

SUMÁRIO

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Lista de abreviaturas	vii
Lista de quadros	viii
Lista de tabelas	ix
Lista de figuras	x
Sumário	xi
 CAPÍTULO 1: ESTRUTURA DA TESE	 14
1.1. Introdução	14
1.2. Hipóteses	18
1.3. Objetivos	21
1.4. Metodologia	22
1.4.1. Seleção do <i>corpus</i>	23
1.4.2. Análise dos dados à luz da MD	27
 CAPÍTULO 2: DELIMITAÇÃO DOS DADOS	 29
2.1. Os verbos de mudança de estado	29
2.1.1. O processo de afixação dos verbos de mudança de estado	30
2.1.1.1. Os prefixos { <i>a-/en-/es-</i> }	36
2.1.1.1.1. Algumas restrições da prefixação { <i>a-/en-/es-</i> }	39
2.1.1.2. O sufixo {- <i>ec-</i> } (-esc-)	40
2.1.1.2.1. O sentido incoativo do sufixo {- <i>ec-</i> }	41
2.1.2. Os verbos e os afixos fonologicamente nulos.....	44
2.2. Sobre a causativização.....	46
2.2.1. Causativas perifrásticas ou analíticas	48
2.2.2. Causativas morfológicas	49
2.2.3. Causativas lexicais	53
2.3. Toda construção transitivo-intransitiva é <i>causativo-incoativa</i> ?	60
2.3.1.Os verbos de mudança de estado e a alternância <i>causativo-incoativa</i>	65

2.3.1.1. Verbos de mudança de estado psicológico.....	70
2.3.1.2. Verbos de modo de movimento.....	74
2.3.1.3. Verbos de mudança de lugar e de posse	77
2.3.1.4. Construção medial	80
2.4. Resumo do capítulo	85
CAPÍTULO 3: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA (MD)	87
3.1. A Morfologia Distribuída (MD): do surgimento	87
3.2. Os primitivos sintáticos: raiz e morfemas abstratos	94
3.2.1. Raiz	94
3.2.1.1. Categorização da raiz	99
3.2.2. Morfemas abstratos	101
3.3. As operações morfológicas	103
3.3.1. Empobrecimento	103
3.3.2. Fusão	105
3.3.3. Fissão	107
3.4. A inserção de vocabulário (IV)	111
3.4.1. Princípio de subconjunto	112
3.4.2. Subespecificação de itens de vocabulário	114
3.5. Das Fases	119
3.6. Resumo do capítulo	122
CAPÍTULO 4: ESTRUTURA DE EVENTOS	124
4.1. Algumas representações semânticas dos tipos de evento	124
4.1.1. As classes vendlerianas	125
4.1.2. Os operadores abstratos	127
4.2. A telicidade das classes vendlerianas.....	132
4.3. Representação sintática dos eventos segundo a MD	139
4.4. Resumo do capítulo	144
CAPÍTULO 5: OS MORFEMAS ABSTRATOS: RAIZ, ASP E V°	146
5.1. <i>Morfema lexical</i> : a raiz.....	147
5.1.1. A raiz e o traço de especificação para dinamicidade	154
5.2. <i>Morfema abstrato</i> : o núcleo de ASP	157
5.2.1. O núcleo de ASP: algumas evidências	157

5.2.2. O núcleo de ASP em PB: minha proposta	159
5.3. <i>Morfema verbalizador</i> : $v^0_{[\pm\text{AGENTE}]}$	166
5.4. A inserção de vocabulário em ASP ^o	172
5.5. Resumo do capítulo	182
 CAPÍTULO 6: O TRAÇO [+MUDANÇA DE ESTADO], A TELICIDADE E O ARGUMENTO EXTERNO	186
6.1. O traço [+MUDANÇA DE ESTADO] e a telicidade	187
6.1.1. Naves (2005): dos traços [MUDANÇA DE ESTADO] e [TÉLICO]	187
6.2. Proposta teórica: argumento interno e telicidade	192
6.2.1. A correlação entre os traços [+INCOATIVO] e [+MUDANÇA DE ESTADO]	196
6.2.2. Testando a telicidade das construções <i>causativo-incoativas</i>	199
6.3. <i>Spell-out</i> da primeira fase (vP)	210
6.4. O argumento externo das <i>causativo-incoativas</i>	221
6.5. Resumo do capítulo	223
 CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS FUTUROS	226
7.1. Considerações finais	226
7.2. Dados desafiadores: pesquisas futuras	234
Referências.....	238
Anexo	252

CAPÍTULO 1: ESTRUTURA DA TESE

1.1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa desenvolve-se a partir da hipótese segundo a qual a alternância *causativo-incoativa* do português brasileiro (doravante PB) emerge da combinação do traço da raiz dos verbos de mudança de estado com os traços dos afixos que a ela são juntados (ex.: *a-podr-ec-er*, *em-pobr-ec-er*, *es-fri-ar*). Para testar esta hipótese geral, bem como as específicas que surgirão no desenrolar da investigação, este trabalho segue algumas etapas básicas, quais sejam: (i) coleta dos verbos do PB que codificam mudança de estado (mais especificamente “mudança de estado físico”¹); e (ii) análise dos traços morfológicos, sintáticos e semânticos à luz da teoria adotada, com o intuito de elaborar uma restrição que justifique a participação desses verbos nas duas construções em estudo, quais sejam: a *causativa* e a *incoativa*. Seguem exemplos de tais construções:

- | | |
|--------------------------------|------------------|
| (1a) O calor apodreceu a maçã. | <i>causativa</i> |
| (1b) A maçã apodreceu. | <i>incoativa</i> |

¹ Adoto também o termo simplificado “mudança de estado” para os verbos de “mudança de estado físico”, em oposição aos demais verbos de “mudança”, que não serão investigados nesta tese. Quando fizer referência à mudança de estado não físico, sempre especificarei o tipo de mudança para evitar possíveis confusões terminológicas.

- (2a) A inflação alta empobreceu a população do Brasil. *causativa*
(2b) A população do Brasil empobreceu. *incoativa*

- (3a) Maria esfriou o leite. *causativa*
(3b) O leite esfriou. *incoativa*

Uma vez definido o objeto de pesquisa, esta análise inspira-se em autores que consideram a relevância dos traços abstratos condicionando tal alternância. Entre tantos que adotam esta linha de investigação, encontra-se Naves (2005). Consoante a autora, a alternância sintática emerge de dois traços formais, quais sejam: o traço [+TÉLICO] do item lexical verbal e o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno. Para ela, esses traços são responsáveis por mapear os argumentos na sintaxe e, conseqüentemente, liberar a alternância.

Tendo em conta as propostas que contemplam essa perspectiva, verifico, no decorrer da investigação, a relevância e a função desses traços nos contextos alternantes em foco. Concordo que o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] está diretamente envolvido na alternância. No entanto, diferentemente de Naves (2005), proponho que o traço [+TÉLICO] não é um traço inerente ao verbo de mudança de estado, e sim uma consequência do processo de formação desses verbos e do ambiente em que são inseridos. Assim sendo, a tese que proponho neste trabalho é a de que este traço não determina que a alternância ocorra.

Além de investigar os traços acima, busco mapear o licenciamento de outros traços presentes na estrutura dos verbos de mudança de estado, com o objetivo de comprovar ou refutar a hipótese segundo a qual a alternância em estudo emerge da combinação dos traços da raiz e dos *morfemas abstratos* organizados nos nós terminais ASP^o e v^o. Para tanto, prevemos as seguintes condições: (i) raiz especificada para dinamicidade; (ii) projeção de um terminal sintático, rotulado de ASP, cujo núcleo contém os traços [+DINÂMICO, +INCOATIVO], motivados pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}. Os prefixos {*a-/en-/es-*} realizam o traço [+DINÂMICO], e o sufixo {-*ec-*} realiza o traço [+INCOATIVO], o qual projeta o argumento interno com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]; (iii) o *verbalizador* (rotulado de v1) que categoriza a raiz deve portar o traço [$\pm$ AGENTE], que se conecta com o argumento externo das construções em análise; (iv) dessa operação resulta uma construção télica.

O modelo teórico adotado para a análise dos dados que compõem o *corpus* desta investigação se insere no arcabouço da Morfologia Distribuída (MD), uma teoria não lexicalista, principalmente com base nos pressupostos de Halle e Marantz (1993), Marantz (1997), Acquaviva (2009), Embick (2010), Harley (2014), combinados com algumas intuições da Estrutura de Eventos.

Diante disso, a empreitada que ora se inicia é mais uma tentativa de propor uma restrição baseada em traços aspectuais condicionando a alternância

causativo-incoativa do PB, sem a pretensão de esgotar o assunto, pois sou ciente das limitações desta pesquisa e da dimensão do fenômeno. Para alcançar os objetivos propostos, esta tese estrutura-se em sete capítulos, da maneira descrita a seguir.

O capítulo 1 apresenta a estrutura da tese, ou seja, a introdução, as hipóteses, os objetivos e a metodologia de pesquisa. O capítulo 2 descreve o objeto de pesquisa, a saber: (i) os processos de formação dos verbos de mudança de estado (afixados ou não); e (ii) as diferentes construções causativas do PB, especialmente a *causativo-incoativa*, na qual os verbos em análise aparecem. O capítulo 3 apresenta pressupostos básicos da MD, uma teoria não lexicalista. O capítulo 4 expõe as ideias básicas da Estrutura de Eventos, uma teoria lexicalista.

A análise dos dados e a apresentação da proposta teórica compõem os capítulos 5 e 6. O 5 apresenta a análise da raiz e dos *morfemas abstratos*² ASP^o e v^o, cujos traços estão envolvidos na alternância *causativo-incoativa*. Este capítulo discute ainda como se processa a inserção de vocabulário em tais *morfemas* e como a raiz adquire sua categoria de verbo, na sintaxe. Já o 6 delinea a função do argumento interno junto a estrutura em que é projetado. O mesmo capítulo traz a investigação sobre o tipo de argumento externo, com o

² Para a MD, *morfema abstrato* é o feixe de traços organizados em um nó terminal da estrutura sintática.

objetivo de verificar se a natureza desse argumento é relevante para alternância *causativo-incoativa*. Ademais, este capítulo testa a telicidade dessas construções e verifica seu papel na alternância.

Por fim, o capítulo 7, expõe a conclusão das hipóteses levantadas no início da pesquisa. Além disso, aponta questões não resolvidas, seja por delimitação de espaço e/ou de tempo, seja por conta dos dados. Na sequência, encontram-se as referências consultadas durante a elaboração deste trabalho e o anexo contendo os verbos analisados.

Na próxima subseção, apresento as hipóteses, os objetivos e a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.2. Hipóteses

Para comprovar ou refutar a hipótese geral assumida nesta pesquisa, qual seja, a alternância *causativo-incoativa* emerge da combinação dos traços presentes na raiz e nos *morfemas abstratos* (ASP e *v^o verbalizador*) que formam os verbos de mudança de estado, levanto as seguintes hipóteses:

- (i) A raiz, chamada também de *morfema lexical* pela MD, dos verbos de mudança de estado deve ser especificada para dinamicidade e ser requerida pelo núcleo de ASPP. Em PB, a projeção ASPP é motivada

pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}, mesmo que não realizados fonologicamente.

- (ii) O núcleo de ASPP porta os seguintes traços aspectuais: [+DINÂMICO, +INCOATIVO]. A função do aspecto [+DINÂMICO] é introduzir o evento dinâmico, desencadeando a mudança, e inserir nele a raiz; enquanto a do traço [+INCOATIVO] é projetar um argumento interno com traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Este traço delimita o evento dinâmico e marca o ponto final da mudança. Dessa operação resulta uma construção télica.
- (iii) Em PB, existem, pelo menos, dois tipos de *verbalizadores*: v1[±AGENTE], que verbaliza a raiz do verbo de mudança de estado; e v2[+AGENTE], que verbaliza outros tipos de verbos transitivos dinâmicos. Provavelmente, um terceiro tipo, v3[-AGENTE], daria conta de verbalizar os verbos dinâmicos não alternantes. Nesta pesquisa, nosso foco é o v1. Os dados a seguir ilustram, respectivamente, verbos que resultam dos três tipos de verbalizadores, conforme a minha proposta.

- (1) Ana Clara/ o calor *derreteu* o sorvete.
- (2) Maria *empilhou* os livros.
- (3) O dia *amanheceu*.

- (iv) Quando o traço [+INCOATIVO] ocorre na formação do verbo, o *verbalizador* requerido é o v1 [$\pm$ AGENTE], que se conecta com argumento externo de diferentes tipos semânticos. Esta opcionalidade de papéis semânticos permite que, na ausência do argumento externo, o argumento interno possa alçar à posição de Spec-TP. Sendo assim, o verbo resultante de v1 participa tanto da construção *causativa* quanto da *incoativa*; ou seja, alterna.

(4a) *Ana Clara* derreteu o sorvete.

(4b) *O calor* derreteu o sorvete.

(4c) O sorvete derreteu.

- (v) Quando o traço [+INCOATIVO] não ocorre na formação do verbo, o *verbalizador* requerido é o v2 [+AGENTE]. Este se conecta com um argumento externo agentivo, cuja presença na construção é sempre requerida. Desse modo, o alçamento do argumento interno a Spec-TP é bloqueado e a alternância *causativo-incoativa* não converge.

Com o intuito de comprovar ou refutar essas hipóteses, submeto-as a testes sintático-semânticos para verificar se é a combinação de todos os fatores levantados acima que faz emergir a alternância ou se algum deles é mais relevante e, por isso, desencadeia os outros. Este questionamento guiará os testes.

1.3. Objetivos

As estratégias traçadas para testar as hipóteses apresentadas acima e todas as outras que surgirão no decorrer da análise têm o intuito de corroborar a hipótese geral defendida nesta pesquisa. Para tanto, os dois objetivos maiores deste trabalho são: (i) contribuir para a discussão teórica sobre a presença de traços aspectuais dos verbos de mudança de estado condicionando a alternância sintática *causativo-incoativa* do PB; e (ii) elaborar uma proposta teórica fundamentada nesses traços. Já os objetivos específicos são os que seguem:

- (i) Proceder ao levantamento dos verbos em que um dos prefixos {*a-/en-/es-*} coocorre com o sufixo {-*ec-*}. Em seguida, coletar verbos que são só prefixados {*a-/en-/es-*} ou só sufixados {-*ec-*}.³
- (ii) Analisar as propriedades das construções em que tais verbos aparecem e, a partir desta análise, selecionar outros verbos que, apesar de não serem afixados fonologicamente (ex.: *quebrar*, *molhar*, etc.), se comportam semelhantemente aos que são (ex.: *amolecer*, *esfriar*, *fortalecer*, etc.). Incluir esses “novos” verbos ao *corpus* de estudo.

³ Para a coleta desses dados, utilizo trabalhos existentes na literatura, principalmente Bassani (2013), Cançado *et al.* (2013) e Rio-Torto (2004), além de dicionários da língua portuguesa.

- (iii) Investigar se as raízes desses verbos codificam traços semânticos e/ou sintáticos. Se sim, quais são estes traços e quais consequências trazem para a estrutura sintática. Verificar também se essas raízes impõem restrições aos afixos que a ela são juntados.
- (iv) Descrever os diferentes tipos de alternância transitivo-intransitiva, com o intuito de comprovar a seguinte hipótese: as construções *causativo-incoativas* são somente aquelas que emergem dos traços dos verbos em análise, denominados de verbo de mudança de estado.
- (v) Adotar para a análise dos dados e consolidação da proposta teórica, uma teoria que considere que as palavras são formadas pelas mesmas operações sintáticas que formam as sentenças (ex.: *Merge*, *Move*, etc.).

A seguir, apesento a metodologia de pesquisa, detalhando as etapas pelas quais esta investigação perpassa.

1.4. Metodologia

Para testar as hipóteses levantadas acerca do fenômeno em estudo e, assim, atingir os objetivos propostos, este trabalho segue uma metodologia cujas etapas básicas são a seleção do *corpus* e a análise dos dados.

1.4.1. Seleção do *corpus*

1ª etapa: o primeiro momento da coleta embasou-se principalmente no trabalho de Bassani (2013), cujo *corpus* coletado pela autora contém 380 verbos prefixados por {*a-/en-* (*em-/e-*), *es-* (*ex-*)}, coocorrendo ou não com os sufixos {-*e-*, -*ej-*, -*ec-*, -*iz-*}. Nesta etapa, recorri ao dicionário da Língua Portuguesa (Houaiss eletrônico 2009) nos casos de dúvidas quanto ao uso, à etimologia e ao significado desses verbos.

2ª etapa: de posse dos 380 verbos coletados por Bassani (2013), formulei e/ou coletei sentenças em que esses verbos aparecem, para verificar quais deles participam de construções transitivo-intransitivas e quais aparecem apenas em uma delas. Essa limitação dos dados foi necessária com vistas à análise que se desenvolverá a partir do capítulo 5. Nesta etapa, recorri principalmente a Cançado *et al.* (2013).

3ª etapa: a partir das construções transitivo-intransitivas, testei a causatividade das mesmas. Os testes aplicados foram: (i) sentença clivada (5b); e (ii) ambiguidade gerada pela inserção de *quase* e *de novo* (5b) e (5c). É válido ressaltar que esses testes funcionam com todos os eventos complexos, ou seja, com todas as construções que possuem dois subeventos (o da causação e o

causado) e não apenas com as *causativo-incoativas* (6). Seguem exemplos dos testes citados.

(i) *Causativo-incoativa*

(5a) Fábio abriu a janela.

(5b) A janela abriu.

1ª leitura: O que Fábio *quase* fez foi abrir a janela.

2ª leitura: O que Fábio fez foi *quase* abrir a janela.

(5c) Fábio abriu a janela *de novo*.

1ª leitura: Fábio abriu duas vezes a mesma janela.

2ª leitura: A janela foi aberta duas vezes por causadores diferentes.

(ii) *Causativo-locativa*

(6a) Maria engavetou os documentos.

(6b) * Os documentos engavetaram.

1ª leitura: O que Maria *quase* fez foi engavetar os documentos.

2ª leitura: O que Maria fez foi *quase* engavetar os documentos.

(6c) Maria engavetou os documentos *de novo*.

1ª leitura: Maria engavetou duas vezes os documentos

2ª leitura: Maria engavetou os documentos que outra pessoa engavetara.

4ª etapa: após a seleção das construções causativas, procedi a uma nova seleção. Desta vez, embasei-me em testes que verificam se os verbos são de mudança de estado (ex.: *apodrecer*, *empobrecer*, *esfriar*, etc.). Tais testes possibilitaram a seleção das construções *causativo-incoativas*. Estas construções são resultado de todos os verbos que constituem a paráfrase *tornar-*

se estado⁴ e participam de construções adjetivais, conforme Fillmore (1970), Dowty (1979), Naves (2005), Cançado *et al.* (2013), entre outros. A seguir, apresento exemplos dos testes aplicados:

(7a) A umidade apodreceu as folhas das árvores.

(7b) As folhas das árvores *tornaram-se podres*.

(7c) As folhas das árvores apodreceram.

(8a) A inflação empobreceu a população.

(8b) A população *tornou-se pobre*.

(8c) A população empobreceu.

5ª etapa: com base nos testes acima, foi possível buscar outros verbos de mudança de estado que, mesmo não realizando na fonologia prefixo e/ou sufixo (ex.: *derreter, quebrar, molhar, abrir*, etc.), se comportam semelhantemente aos afixados. Todos os que responderam positivamente aos testes de causatividade e de mudança de estado compõem o *corpus* de investigação (ver anexo p. 248). Seguem, respectivamente, exemplificados tais testes.

(i) *Causativa*

(9) Maria derreteu a manteiga.

1ª leitura: O que Maria *quase* fez foi derreter a manteiga.

2ª leitura: O que Maria fez foi *quase* derreter a manteiga.

⁴ Utilizo ‘estado’ no sentido de resultado (adjetivo).

(ii) *Mudança de estado*

(10a) Maria derreteu a manteiga.

(10b) A manteiga *tornou-se derretida*.

(10c) A manteiga derreteu.

Enfim, para chegar ao *corpus* de verbos em análise nesta tese, excluí os verbos simultaneamente afixados, prefixados ou sufixados que não constroem a paráfrase *tornar-se estado*⁵, bem como aqueles que, embora causativos, não alternam. Adianto que os prefixos e/ou sufixos em estudo, por serem idiossincráticos em PB, codificam, nesses verbos excluídos, traços diferentes dos assumidos para os verbos de mudança de estado. A hipótese é a de que faltam à estrutura desses verbos excluídos o traço [+INCOATIVO] e, conseqüentemente, o de [+MUDANÇA DE ESTADO]. Além disso, a ausência do traço [+INCOATIVO] permite que o *verbalizador* ao qual a raiz se concatena seja do tipo v2 [+AGENTE], bloqueando a alternância. Seguem exemplos dos verbos excluídos, cuja paráfrase seria “*ficar em/com*” (c) e não “*tornar-se estado*”. Vejamos:

(11a) Maria **empilhou** os livros.

(11b) * Os livros empilharam.

(11c) Os livros *ficaram em pilhas*.

⁵ Adoto, inspirada em Parsons (1990), Levin e Rappaport Hovav (1995), Cançado *et al.* (2013), Amaral (2015), entre outros, o acarretamento *tornar-se estado* para testar os verbos de mudança, em detrimento de *ficar estado*, uma vez que este pode apresentar tanto uma leitura de mudança como uma leitura estativa (AMARAL 2015, p. 18). Ademais, Bassani (2013, p.146) acrescenta que “a interpretação do auxiliar *ficar* aproxima-se do sentido de *permanecer* mais do que de somente mudar de estado”.

(12a) A vendedora **encaixotou** as mercadorias.

(12b) *As mercadorias encaixotaram.

(12c) As mercadorias *ficaram em caixotes*.

(13a) A população **acorrentou** o bandido.

(13b) *O bandido acorrentou.

(13c) O bandido *ficou com correntes*.

Assim sendo, o *corpus* desta pesquisa contempla os verbos de mudança de estado físico, fonologicamente afixados ou não, podendo se estender a um grupo de verbos de mudança de estado psicológicos (ex.: *preocupar*). Esses verbos, de acordo com minha proposta, são os que dão origem à alternância *causativo-incoativa*. Veremos mais adiante que outros tipos de alternância existem, mas são reflexos de outros tipos de verbos e, conseqüentemente, de outros tipos de traços, como ocorre com as construções de modo de movimento e voz medial.

1.4.2. Análise dos dados à luz da MD e da Estrutura de Eventos

A análise dos traços dos verbos de mudança de estado e das construções *causativo-incoativas* (capítulos 5 e 6) à luz do referencial teórico adotado constitui a sexta etapa desta pesquisa. Para tanto, ancore-me nos arcabouços da MD (ver capítulo 3) por ser esta teoria a mais adequada para conduzir uma investigação a partir de traços dos verbos. Desta teoria, adoto principalmente a noção de *morfemas abstratos* e a operação *Merge*, por meio da qual os traços da

raiz e dos afixos são juntados. Embaso-me ainda em alguns pressupostos da Estrutura de Eventos (capítulo 4), uma vez que há traços sintático-semânticos que interferem diretamente na valência dos verbos, bem como no tipo de evento nos quais esses verbos são inseridos. Todos esses apontamentos e tantos outros que surgirão no decorrer da pesquisa integram o texto desta tese.

No próximo capítulo apresento a delimitação e a descrição dos dados desta pesquisa. Ressalto que cada capítulo inicia e encerra sua enumeração de dados.

CAPÍTULO 2: DELIMITAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo tem por objetivo primeiro delimitar e descrever o objeto de pesquisa, qual seja: os verbos de mudança de estado⁶ e a construção alternante *causativo-incoativa*, da qual eles participam. Para tanto, o presente capítulo organiza-se em quatro seções, a saber: a seção 2.1 descreve o processo de formação dos verbos de mudança de estado; a seção 2.2 apresenta o fenômeno da causativização; a seção 2.3 traz diversas construções causativas do PB, cujos verbos codificam mudança; por fim, a seção 2.4 faz um resumo do capítulo.

A seção a seguir descreve os processos de formação dos verbos de mudança de estado, focando nos afixos fonologicamente realizados ou não.

2.1. OS VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO

O *corpus* de estudo desta tese compõe-se de verbos de mudança de estado, formados por quatro processos diferentes, a saber: (i) afixação simultânea, (ii) prefixação, (iii) sufixação, e (iv) afixação fonologicamente nula. A inclusão deste último tipo ao *corpus* de investigação justifica-se porque se comporta semelhantemente aos demais e é muito produtivo em PB. Sugiro que

⁶ Conjecturo que a análise adotada nesta pesquisa possa ser estendida aos verbos de mudança de estado psicológico alternantes do tipo de *aborrecer* (ex.: *A filha aborreceu a mãe/A mãe se aborreceu*), mas não aos do tipo de *temer* (*Maria teme o bandido/*O bandido se teme*), que não alternam.

os traços necessários para desencadear a alternância *causativo-incoativa* de todos esses verbos estão codificados em núcleos funcionais nos quais os afixos são inseridos, mesmo que estes sejam fonologicamente nulos.

Na subseção a seguir, descrevo cada um dos processos de derivação afixal dos verbos em estudo.

2.1.1. O processo de afixação dos verbos de mudança de estado em PB

A derivação de palavras, no PB, é marcada por ‘irregularidade e imprevisibilidade’ (cf. CÂMARA JR 1970, entre outros). Por exemplo, quando a Gramática Tradicional (GT) faz alusão ao gênero dos substantivos, mostra que há hesitações quanto à escolha do sufixo e à possibilidade de ocorrência de itens lexicais distintos para expressar o feminino de certos substantivos. Essa anomalia vem atestar a regra de derivação se aplicando. Para Câmara Jr (1970), a derivação é pontuada na língua portuguesa pela: (i) *irregularidade* – os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática; (ii) *não-concordância* – os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase; e (iii) *opcionalidade* – os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a intenção do falante. Esse processo de derivação é conhecido na literatura como *derivatio voluntaria* e remonta a Varrão (116 a.C

– 26 a.C). Tal processo cria novas palavras e remete ao esclarecimento do caráter desconexo e fortuito que a derivação apresenta. Para Câmara Jr (1970):

As palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De *cantar*, por exemplo, deriva-se *cantarolar*, mas não há derivações análogas para falar e gritar, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado. Foi ela que sugeriu a Varrão o adjetivo *voluntaria* (CAMARA JR, 1970, p. 71).

O processo, intitulado como *derivatio voluntaria*, permite explicar a derivação dos verbos no PB, em especial, a dos verbos de mudança de estado, que ora apresentam os prefixos aspectuais {a-/en-/es-} (ex.: *amolecer*, *entardecer*, *esfriar*), ora não (ex.: *fortalecer*, *ruborescer*). O sufixo aspectual {-ec-} apresenta menos irregularidade que os prefixos, mas assim como estes pode ocorrer ou pode estar ausente (ex.: *amadurecer*, *empobrecer*, *esfriar*). Além dessas irregularidades, os prefixos e os sufixos podem coocorrer (ex.: *amadurecer*, *entontecer*) ou não (ex.: *amaci*ar, *fortale*cer).

Diante desses fatos, percebe-se, então, que os afixos derivacionais se realizam de diferentes maneiras nos verbos e que ambos podem realizar-se fonologicamente ou apenas um, sem prejuízos para a semântica e a sintaxe do verbo, conforme veremos no decorrer da análise. Observo que a recorrência

desses afixos não é algo trivial no PB. Essa constatação motiva a hipótese que busco defender neste trabalho, conforme a qual a combinação dos traços dos afixos com o traço da raiz dos verbos de mudança de estado faz emergir a alternância sintática *causativo-incoativa*.

Segundo a maioria dos gramáticos, quando o processo de afixação consiste na inserção simultânea do prefixo e do sufixo ao radical de uma palavra primitiva, a classificação mais recorrente para definir este processo é a parassíntese (cf. CAMARA JR. 1970, LUFT 1990, ROCHA LIMA 2008, entre outros). Corroborando esta afirmação, Bechara (2009, p. 421) propõe que as formações parassintéticas mais comuns ocorrem com a inserção simultânea dos prefixos {*es-/a-/en-*} e dos sufixos {-*ear*, -*ejar*, -*ecer*, -*izar*}. Seguem alguns dados colhidos desse autor:

- (1) anoitecer, apodrecer, aterrorizar, encolerizar, enraivecer, entardecer, esclarecer, esverdear.

Na literatura morfológica, a parassíntese é concebida sob duas perspectivas. Uma delas afirma que este fenômeno é o processo por meio do qual um prefixo e um sufixo são adicionados simultaneamente a uma raiz (cf. SANDMANN 1997). A outra descreve a parassíntese como um processo de

circunfixação⁷ (cf. BECHARA 2009; RIO-TORTO 2004). O argumento mais forte apresentado pelos autores para assumir esta proposta está na inexistência da palavra, caso um dos afixos seja subtraído. Os exemplos abaixo ilustram esta afirmação.

(2) amolecer	→	*molecer	→	*amoler
(3) empobrecer	→	*pobrecer	→	*empobrer

Entretanto, em outros itens verbais é possível que apenas o prefixo ou apenas o sufixo esteja fonologicamente realizado, sem registrar prejuízo para a gramaticalidade da palavra. Assim, acompanhando a proposta de Rio Torto (2004), a propriedade de circunfixação pode ser descrita de seguinte maneira:

pode alternar com as modalidades unissegmentais (ou só com prefixo, ou só com sufixo) sem prejuízos significativos em termos de funcionalidade semântica, e com larga vantagem no sistema afixal, uma vez que o processo mais oneroso tende a perder capacidade concorrencial e também espaço estrutural (RIO-TORTO 2004, p. 22).

Observem que, assim como o que ocorre com os afixos em (2) e (3) acima, não é possível a perda nem do prefixo, conforme ilustrado em (4)

⁷ Para Valente *et al.* (2009), seguindo Lopes (2003), Silva e Koch (2005) e Henriques (2007), “circunfixação é o mecanismo do tipo não-concatenativo, que pressupõe não a anexação de um prefixo e um sufixo simultaneamente, mas a existência de um circunfixo, um morfema descontínuo que se separa pela intercalação da base: (i) *eN-caro-ecer* (encarecer); (ii) *a-podre-ecer* (apodrecer). Em (i. ii), teríamos os circunfixos “eN...ecer” e “a...ecer” que se separam para que as bases *caro* e *podre* possam ser inseridas em seu interior. Dessa forma, a semântica do processo de formação de palavras estaria, segundo essa proposta, no circunfixo como um todo (e não somente no prefixo ou no sufixo isoladamente) (VALENTE *et al.*, 2009, p. 4).

abaixo, nem do sufixo, em (5), nas modalidades unissegmentais. Seguem os exemplos:

- (4) aterrar → *terror
 (5) ruborescer → *ruborer

Para melhor visualizar esses processos, empresto de Rio-Torto (2004) um quadro ilustrativo dos verbos portadores dos diferentes tipos de constituintes afixais fonologicamente realizados. Neste quadro, estão distribuídos os três conjuntos de verbos como proposto pela autora. Alerto que minha preocupação, neste momento, não é apresentar apenas os verbos de mudança de estado, mas sim os diferentes processos de derivação pelos quais um verbo pode perpassar.

Verbos		
Prefixados	Circunfixados	Sufixados
a[...] _{Radical} ^{ar} (aclarar, agrupar)	a[...] _{Radical} ^{ear} (assenhorear, arroxear) a[...] _{Radical} ^{ecer} (amadurecer, amanhecer) a[...] _{Radical} ^{izar} (atemorizar, aterrorizar) a[...] _{Radical} ^{ejar} (apedrejar)	[...] _{Radical} ^{ear} (lisonjear) [...] _{Radical} ^{izar} (martirizar) [...] _{Radical} ^{ejar} (fraquejar) [...] _{Radical} ^{ecer} (escurecer) [...] _{Radical} ^{escer} (ruborescer)
en[...] _{Radical} ^{ar} (enlatar, enviuvar)	en[...] _{Radical} ^{ecer} (ensurdecir, enraivecer) en[...] _{Radical} ^{ear} (enlamear) en[...] _{Radical} ^{izar} (entronizar, encolerizar) en[...] _{Radical} ^{ejar} (encarvoejar)	
es[...] _{Radical} ^{ar} (esfarrapar, esvaziar)	es[...] _{Radical} ^{ear} (esfaquear, espernear) es[...] _{Radical} ^{ejar} (esbravejar, esquartejar) es[...] _{Radical} ^{ecer} (esclarecer, estontecer) as[...] _{Radical} ^{izar} (esfossilizar, evaporizar)	

QUADRO 1: Verbos prefixados, circunfixados e sufixados (Rio-Torto 2004, p. 21)

Rio-Torto (2004) afirma que uma das propriedades comuns aos afixos (prefixos, sufixos ou circunfixos) que ocorrem nos verbos em análise é a capacidade argumental dos mesmos. Segundo essa autora, por força desses afixos, novos argumentos podem surgir. Esta afirmação vem ao encontro da análise que delineio nesta pesquisa (ver capítulos 5 e 6).

Enfim, a tese da autora corrobora a minha proposta, segundo a qual os prefixos dos verbos de mudança de estado codificam, em PB, aspecto dinâmico, desencadeando uma mudança de estado. Por sua vez, assumo adicionalmente que o sufixo {-ec-} realiza mudança de estado e introduz o argumento interno, o qual delimita o evento dinâmico, marcando o ponto final da mudança desencadeada pelo prefixo. Dessa delimitação origina uma construção télica (ver detalhes desta análise no capítulo 6). Destarte, afirmo que tais afixos interferem diretamente tanto na estrutura de eventos quanto na estrutura argumental dos verbos em evidência. Intuição semelhante à minha é prevista em alguns trabalhos na perspectiva da morfologia, especialmente em Rio-Torto (2004), seguida, pelo menos, por Pereira (2004) e por Bassani (2013).

Inspirados em autores que adotam a morfologia como base de pesquisa, pretendo investigar e analisar as propriedades morfológicas, argumentais, semânticas e aspectuais dos afixos {a-/en-/es-...-ec-} dos verbos de mudança, quer sejam fonologicamente realizados, quer sejam nulos. Ressalto, porém, que

a análise será qualitativa, uma vez que nosso objetivo é o de contribuir com discussões teóricas sobre o assunto.

A subseção a seguir descreve os prefixos, com suas respectivas formas variantes, que dão origem aos verbos de mudança de estado.

2.1.1.1. Os prefixos {*a-/es-/en-*}

Os prefixos {*a-/es-/en-*} remontam ao latim (cf. ROMANELLI 1964). Por isso, antes de prosseguir com a análise da função que esta pesquisa atribui a esses prefixos no PB, é imprescindível buscar nas origens os seus significados, com intuito de corroborar a minha proposta teórica apresentada nos capítulos 5 e 6 desta tese.

O quadro abaixo, proposto em Romanelli (1964), apresenta os prefixos do latim {*ad-* (*a-*), *ex-* (*es-*), *in-* (*en-*)}, com seus respectivos significados. Chamo a atenção do leitor para o caráter polissêmico que esses prefixos já apresentavam nessa língua.

Prefixos latinos (<i>ad-</i> , <i>ex-</i> , <i>in-</i>)	
<i>ad-</i> <i>/a-</i>	a) Aproximação, direção para; ex: <i>accedo</i> ‘caminhar para, aproximar-se’ b) Adição, junção, acréscimo; ex: <i>addo</i> ‘colocar junto de, ajuntar, acrescentar’ c) Intensidade; ex: <i>addisco</i> ‘acrescentar ao que se sabe, aprender além do que se sabe’ d) Elevação, ascensão; ex: <i>acclivis</i> ‘em aclave, em rampas ascendentes’ e) Começo de ação; ex: <i>accido</i> ‘começar a cortar, abater, destruir’ f) Retorno da ação sobre o agente; ex: <i>accipio</i> ‘tomar para si, receber, aceitar’ g) Fim, destino, escopo; ex: <i>accingo</i> ‘cingir, ligar por meio de um cinto’ h) Hostilidade; ex: <i>adversor</i> ‘voltar-se contra, ser contrário, hostil, opor-se’ i) Parentesco de quarto grau (nominal); ex: <i>admitia</i> ‘tia de quarto grau’
<i>ex-</i> <i>/es-</i>	a) Movimento de dentro para fora, saída, extração; ex: <i>effero</i> ‘levar para fora, tirar, levar’ b) Elevação, ascensão; ex: <i>emineo</i> ‘destacar-se em saliência, estar saliente, elevar-se’ c) Ausência, privação; ex: <i>effreno</i> ‘tirar o freio, desenfrear’ d) Mudança de estado, passagem de um a outro estado; ex: <i>eduro</i> ‘endurecer’, <i>effemino</i> ‘tornar feminino, efeminar’, <i>effervesco</i> ‘esquentar, entrar em ebulição’, <i>exalbesco</i> ‘fazer branco, tornar-se pálido’ e) Acabamento (processo chegando a seu termo); ex: <i>ebibo</i> ‘beber até o fim, beber sugando, sugar’, <i>edormio</i> ‘dormir a sono solto, acabar de dormir’ f) Aumento, reforço, intensidade; ex: <i>ebullio</i> ‘deixar sair em borbulhões, ferver muito’, <i>edisco</i> ‘aprender a fundo, aprender de cor’ g) Sentido zero (esvaziamento semântico); ex: <i>effercio</i> ‘enchar, fartar’
<i>in-</i> <i>en-</i>	a) Movimento em, sobre, superposição; ex: <i>inmorio</i> ‘morrer em ou sobre’ b) Movimento para dentro, penetração; ex: <i>imbito</i> ‘entrar em, penetrar’ c) Movimento em direção a, para junto de, aproximação; ex: <i>incedo</i> ‘avançar, caminhar para’ d) Movimento em direção a, com ideia acessória de hostilidade, agressão; ex: <i>illido</i> ‘bater contra, lançar contra’ e) Ingresso, entrada em um novo estado; ex: <i>inmadesco</i> ‘umedecer-se, molhar-se’ f) Movimento para trás, renovação; ex: <i>instauro</i> ‘renovar, recomeçar, reparar, restaurar’ g) Sentido zero (esvaziamento semântico); ex: <i>illaboro</i> ‘trabalhar em’

QUADRO 2: Sentidos dos prefixos *ad-*, *ex-*, *in-* em latim (Romanelli 1964, p. 29-31 (*ad-*), p. 57-61(*ex-*), p. 68-70 (*in-*))

Pela diversidade de sentido atribuído ao mesmo prefixo, é possível conjecturar que os verbos derivados desse prefixo sejam também extremamente “heterogêneos em termos da sua semântica, sintaxe e tipos de bases a que se ligam” (cf. PEREIRA 2004, p. 100). Esta constatação configura um argumento robusto para a proposta segundo a qual os efeitos sintáticos e semânticos produzidos por tais verbos dependem da combinação dos traços dos afixos com os traços da raiz ou base.

A heterogeneidade dos prefixos identificada por Pereira (2004) pode comprovar-se, por exemplo, ao contrastar aqueles que ocorrem nos domínios locativos e de mudança de posse (verbos *location* e *locatum*, cf. HALE; KEYSER 1993, 2002) com os que ocorrem nos domínios de mudança de estado. Essa diferença segue, respectivamente, exemplificada:

- | | | |
|-----------------------|---|--|
| (6) engarrafar | → | parafraseado por ‘colocar x em y’ |
| (7) encerar | → | parafraseado por ‘prover y com x’ |
| (8) empobrecer | → | parafraseado por ‘tornar-se estado’ |

O resultado final de um verbo como *engarrafar*, em (6), é o de “fazer algo (*água*) ficar em algum lugar (*garrafa*)”. Com o verbo *encerar*, em (7), o resultado final é “y (*madeira*) passa a ter posse de determinado objeto ou substância, neste caso, de *cera*”. Já em (8), o resultado é “a passagem de um estado (*não pobre*) a outro (*empobrecido/pobre*)”.

A seguir, discuto se tais prefixos podem ligar-se livremente a uma raiz ou se existem restrições determinando os ambientes de ligação.

2.1.1.1.1. Algumas restrições da prefixação {a-/en-/es-}

De acordo com Pereira (2004), algumas restrições de ordem fonológica, semântica e sintática são estabelecidas entre os prefixos {a-/en-/es-} e à raiz (ou base) a que se ligam. De acordo com este autor, uma dessas restrições, de caráter fonológico, é a preferência por bases iniciadas por segmentos consonantais. Vejamos os dados a seguir:

(9a) *segmentos consonantais*: aclarar, alongar, amaciar, anoitecer, aterrar, embranquecer, empobrecer, endurecer, enfraquecer, enrugar, ensopar, esfriar, esquentar, etc.

(9b) *segmentos vocálicos*: *adazular, *enazular, *esazular, etc.⁸

Ainda segundo Pereira (2004), do ponto de vista morfológico, essa prefixação parece selecionar, de preferência, bases morfológicamente simples, não se ligando à base já prefixada. O verbo *fazer* ilustra esta restrição.

(10) *adesfazer, *endesfazer, *esdesfazer, etc.

⁸ Alguns dados em que os prefixos se ligam a segmentos vocálicos em PB são: *enamorar*, *enaltecer* e *exorbitar*.

Entretanto, os prefixos em estudo aceitam o acréscimo de algum tipo de prefixo ligando-se a eles:

- (11) **acelerar** $\longrightarrow$ ***des*acelerar**
(12) **entristecer** $\longrightarrow$ ***des*entristecer**

Quando os prefixos {*a-/en-/es-*} se envolvem em processos de afixação simultânea é bem frequente sua ocorrência com o sufixo {-*ec-*}. Teço, na próxima subseção, alguns comentários básicos sobre este sufixo, uma vez que tem papel crucial na alternância *causativo-incoativa*.

2.1.1.2. O sufixo {-*ec-*} (-*esc-*)⁹

O sufixo {-*ec-*} é adicionado à raiz (ou base) que origina verbo, ocorrendo sempre seguido da vogal temática {-*e-*}, como em *apodrecer*, *empobrecer* e *escurecer*. Além desta particularidade, {-*ec-*} pode coocorrer com qualquer um dos prefixos em estudo {*a-/en-/es-*} ou pode aparecer isoladamente (ex.: *ruborescer*). Não obstante, quando {-*ec-*} coocorre com um prefixo, é com {*en-*} que mais se combina, conforme observa Bassani (2013). Nos dados coletados por esta autora, do total de 136 verbos prefixados, {-*ec-*}

⁹ O sufixo {-*esc-*} (ex.: *florescer*) é uma forma variante de {-*ec-*}.

ocorre 27 vezes com {*en-*}, contra 10 ocorrências com o prefixo {*a-*} e apenas 2 com o prefixo {*es-*}. Segue a tabela reproduzida da autora:

Verbos de mudança de estado					
Prefixos	Sufixos				Total
	-e-	-ec-	-iz-	Ø	
a-	1	10	1	63	75
e/N/-	0	27	1	25	53
e/S/-	1	2	0	5	8
Total	2	39	2	93	136

Tabela 1: Prefixos e sufixos realizados e nulos (adaptada de BASSANI 2013, tabela 18, p. 149)

Pela discussão feita em relação ao sufixo {-*ec-*}, percebe-se que este impõe (ou encontra) poucas restrições à raiz a que se liga. Neste ponto, surge uma indagação: este sufixo estabelece sentido à raiz a qual se liga? Este é o nosso próximo assunto.

2.1.1.2.1. O sentido incoativo do sufixo {-*ec-*}

Há grande tendência na literatura de correlacionar o sufixo {-*ec-*} com *incoação* (SAID ALI 1966, RIO-TORTO 2004). Este sentido incoativo é o que me interessa explorar, pois o foco desta proposta considera que o traço aspectual incoativo de {-*ec-*} combinado com outros traços do verbo de mudança de estado faz emergir a alternância *causativo-incoativa* em PB.

O sufixo {-ec-} tem sua origem no latim, derivando muitos verbos do português. O dicionário Houaiss assim registra para {-ec-}:

de v. latinos em *-escère* (ver *-escer*); sua fecundidade como incoativo ficou cedo manifesta em port. nos v. da 2ª conj., fecundidade que perdurou na língua por largo lapso de tempo, originando grande número de tais v. com radicais vulg. e vern.: enquanto os v. em *-escer* somam cerca de 53, os v. em *-ecer* montam a cerca de 220 (...) (HOUAISS - Dicionário eletrônico da língua portuguesa 2009).

Segundo vários estudos, o aspecto *incoativo* está relacionado ao tempo do acontecimento no cenário temporal. Este aspecto pode ser expresso de diferentes formas em PB: pelo sentido do verbo (ex.: *começar*), pela construção perifrástica (ex.: *começou a falar*), ou pelo sufixo {-ec-} (ex.: *amadurecer*).

Ataliba Castilho (1968), em *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*, afirma que o aspecto incoativo é usado quando se quer “referir o começo puro e simples da ação, ou o começo seguido de mudança de estado” (CASTILHO 1968, p. 62). Para o autor, “dois sufixos indicam em português a incoação, *-ecer* e *-ejar*, representando os escassos morfemas-afixo com que se expressa o aspecto na língua portuguesa” (CASTILHO 1968, p. 67).

Reafirmo que o foco desta proposta está na combinação dos traços aspectuais dos afixos que são juntados na formação dos verbos de mudança de estado, principalmente no aspecto incoativo de {-ec-}. Os ambientes em que os

afixos são inseridos partilham traços, “convergindo para um mesmo valor, ou para valores próximos e complementares”, como afirma Rio-Torto (2004, p. 56). Assumo que tal valor é aspectual e opera da seguinte maneira: o prefixo desencadeia a mudança, inserindo o evento dinâmico, e o sufixo delimita este evento, marcando o ponto final desta mudança (ex.: **a**-MOL-**ec**-er: *tornar-se mole*). Nesse sentido, a hipótese que defendo é a de que a função dos prefixos {*a-/en-/es-*} é engatilhar a mudança, enquanto a função de {-ec-} é impor o fim dessa mudança.

Enfim, corroborando a tese sobre a importância dos traços dos afixos na formação dos verbos de mudança de estado, Rio-Torto (2004, p. 61) afirma que “a estrutura aspectual que marca diferenciadamente estes verbos começa por ser herdada das suas bases e/ou do seu componente afixal” (RIO-TORTO 2004, p. 61). Veremos com mais detalhe, nos capítulos de análise, que tais afixos possuem valores fundamentais na estrutura em que são projetados.

Pela discussão realizada até aqui, vimos que os prefixos {*a-/en-/es-*} podem coocorrer ou não com o sufixo {-ec-} (ex.: **amolecer**, **amaciar**, **fortalecer**, etc.) na formação dos verbos de mudança de estado. Sendo assim, é possível que o prefixo ou o sufixo não se realize fonologicamente. Além disso, ambos podem estar fonologicamente nulos, como em *quebrar*, *abrir*, etc. Na próxima subseção, apresento evidências que corroboram esta proposta.

2.1.2. Os verbos e os afixos fonologicamente nulos

Considerando os dados analisados (ver anexo, p. 248), percebe-se a existência de um grupo significativo de verbos em PB – totalizando 174 de 330 verbos – que não realiza fonologicamente o prefixo e o sufixo em estudo (ex.: *abrir, azedar, derreter, ferver, quebrar, molhar, etc.*). Entretanto, os verbos desse grupo, quando submetidos aos testes de alternância,¹⁰ apresentam comportamento muito semelhante ao dos verbos que recebem prefixos e sufixos, codificando mudança de estado¹¹. Diante dessa constatação, acompanhando o essencial da MD, elaboro uma análise com base nos traços dos *morfemas abstratos*, organizados em terminais sintáticos em que tais afixos são inseridos (mesmo os fonologicamente nulos). Ressalte-se que, para ser inserido em um nó terminal, o afixo deve conter traços compatíveis com os do nó hospedeiro. Caso este requerimento não seja satisfeito, a derivação não converge.

¹⁰ Para alternar, o verbo deve: (i) ser compatível com a paráfrase *tornar-se estado*; (ii) aceitar a forma incoativa; (iii) participar da formação de passivas adjetivais; e (iv) apresentar uma leitura ambígua quando o advérbio *quase* é inserido (ver capítulo 1).

¹¹ Com verbos sem afixos realizados fonologicamente, o resultado final do evento é o mesmo dos que realizam os afixos na fonologia. Por exemplo, *abrir, azedar* e *derreter* resultam em *tornar-se aberto/azedo/derretido*; *apodrecer, amolecer* e *empobrecer* resultam em *tornar-se podre/mole/pobre*.

Para comprovar a hipótese apresentada acima, inspiro-me em trabalhos que contemplam tal base teórica. Seguindo essa perspectiva de análise, Bassani (2013) afirma o seguinte:

Quando o núcleo não está fonologicamente realizado, isso não indica que não existe um núcleo verbal naquela posição na estrutura. Como já apontamos, diferentemente da análise de Pereira (2007), assumimos a mesma análise para verbos parassintéticos com ou sem realização fonológica do sufixo (BASSANI 2013, p. 25).

Por fim, após submeter os verbos de mudança de estado não afixados fonologicamente aos mesmos testes aplicados aos verbos afixados, constatei que, independentemente da realização fonológica dos afixos, todos se comportam da mesma maneira em face da alternância. Assim sendo, estou apta a incluir o último tipo de verbo analisado à lista estabelecida por Rio-Torto (2004). Para tanto, adapto o quadro proposto pela autora (ver quadro 1, p. 34) incluindo nele o quarto processo de afixação dos verbos de mudança de estado do PB, representado como segue:

Verbs of change of state in PB			
Prefixados	“Circunfixados”	Sufixados	Afixos Ø
a[...]Radical[...]lar (aclara(r))	a[...]Radical ^{ecer} (amadurecer)	[...]Radical ^{ecer} (escurecer)	[...]Radical[...] (abrir, azedar, derreter, quebrar, ferver, molhar)
en[...]Radical[...]lar (enrugar)	en[...]Radical ^{ecer} (ensurdecer)		
es[...]Radical[...]lar (esvaziar)	es[...]Radical ^{ecer} (esclarecer)	[...]Radical ^{escer} (ruborescer)	

QUADRO 3: Processos de afixação dos verbos de mudança de estado do PB

Os verbos formados pelos processos exemplificados no quadro 3 são encontrados em construções causativas. Diante desta afirmação, descrevo, na próxima subseção, as propriedades da causativização. Em seguida, procedo à análise de diferentes construções transitivo-intransitivas como um fenômeno amplo do qual a *causativo-incoativa* é um subtipo.

2.2. SOBRE A CAUSATIVIZAÇÃO¹²

A causativização é um intrigante fenômeno que tem motivado inúmeras pesquisas linguísticas sob as mais diferentes perspectivas teóricas. Isso porque

¹² Concebo, neste trabalho, *causativização* como processo pelo qual uma língua representa uma situação que envolve um causador e o efeito dessa causa; já a expressão *causativa* refere-se à construção em que um verbo causativizado aparece.

“sua análise requer uma abordagem complexa combinando sintaxe, semântica e morfologia” (COMRIE 1985, p. 309)¹³.

Em linhas gerais, pode-se assumir que a causativização é um evento que acarreta necessariamente a ocorrência de um segundo evento. Para Shibatani (1976), nesse processo, há dois eventos envolvidos: o da causação e o causado. Comrie (1981), nessa mesma direção, afirma que tal fenômeno representa um aumento de valência dos verbos pela adição de um argumento externo. Nas palavras de Parsons (1990), a causativização envolve um evento complexo, composto de um evento inicial, o qual acarreta um evento resultativo. Por fim, pode-se afirmar que a causativização é uma macrossituação que envolve duas microssituações: a causa e o efeito dessa causa.

É consenso na literatura linguística que a construção causativa pervaga todas as línguas. Contudo, é necessário ressaltar que cada língua utiliza diferentes mecanismos para expressar a causatividade, de acordo com os elementos disponíveis em seu léxico e em sua morfossintaxe. Em termos formais, a causativização pode ser manifesta por meio de três estratégias, a saber: (i) analítica ou perifrástica, (ii) morfológica e (iii) lexical. Segue cada tipo brevemente descrito.

¹³ Do original: “(...) their analysis requires a complex approach combining syntax, semantics, and morphology” (COMRIE 1985, p. 309).

2.2.1. Causativas perifrásticas ou analíticas

Nas causativas perifrásticas, os predicados que expressam a noção de causa ocorrem sintaticamente separados daqueles que expressam o efeito dessa causa. Ou seja, um verbo causativo (i.e., CAUSAR, MANDAR, FAZER, PERMITIR) aparece realizado morfologicamente, de modo a constituir um predicado separado. Nos dados a seguir, as construções em (a) ilustram a contraparte não causativa dos verbos *abrir*, *estudar* e *assistir*; já em (b) estão as causativas perifrásticas desses verbos.

(13a) A porta (se) abriu.

(13b) Ana Júlia **causou** a porta **abrir**.

(14a) O filho estudou.

(14b) O pai **fez** o filho **estudar**.

(15a) A criança assistiu à TV.

(15b) A mãe **mandou** a criança **assistir** à TV.

As construções causativas exemplificadas em (b) acima são biclausais (cf. COMRIE 1985, RADFORD 1988, KOZINSKY; POLINSKY 1993, entre outros), pois codificam as noções de causa e resultado em cláusulas diferentes. Neste tipo de construção, o verbo principal codifica a causa, e o verbo “lexical”

expressa o resultado dessa causa. As causativas perifrásticas podem ocorrer com diferentes tipos de verbos, como ilustrado pelos dados acima: inacusativos, em (13); inergativos, em (14); e transitivos, em (15).

Na seção a seguir, descrevo construções em que a causativização ocorre por meio de partículas causativas. A maioria dos trabalhos sobre a causativização do PB atesta que tal estratégia não se encontra disponível nesta língua.

2.2.2. Causativas morfológicas

As causativas morfológicas consistem no aumento de valência de um verbo intransitivo por meio de afixos causativos (cf. WHALEY 1997). Estas construções são derivadas morfológicamente, sendo compostas de um afixo causativo e de um verbo “lexical”. É válido ressaltar que a produtividade das causativas morfológicas varia de uma língua para outra.

De acordo com Ramchand (2008, p. 83), em Indonésio, em Japonês e em todas as línguas do subcontinente indiano, a expressão de causatividade é fortemente marcada na morfologia. Para esta autora, o Hindi/Urdu é outra língua que utiliza a estratégia morfológica para marcar a causativização, uma vez que raízes intransitivas se tornam transitivas (i.e., causativizadas) pela

adição de um sufixo causativo ‘-aa’. Os dados abaixo exemplificam esta operação:

(16) <i>Intransitive</i>	<i>Transitive</i>	<i>Gloss</i>
(a) chal-naa	chal- aa -naa	move, walk/cause to move, drive
(b) hās-naa	hās- aa -naa	laugh/cause to laugh
(c) naach-naa	nach- aa -naa	dance/cause to dance

(RAMCHAND 2008, p. 159)

Entretanto, há línguas em que a causativização se expressa morfológicamente pela subtração do afixo intransitivo, de tal sorte que a relação causativa ocorre por uma operação inversa daquela discutida acima. Este é o caso do russo, em que o predicado que expressa o efeito da causa recebe sufixo -s’, como em (17a), em contraposição ao verbo causativo que não recebe qualquer morfologia para expressar o evento da causação, em (17b), como afirma Comrie (1981). Seguem exemplos dessa língua.

(17a) Palka slomala-s’.
The stick broke.

(17b) Tanja slomala palku.
Tanya broke the stick.

(COMRIE 1981, p. 161)

Existem outras línguas em que tanto o verbo intransitivo como o causativo recebem morfologia. Neste caso, torna-se difícil prever a direção da derivação morfológica (cf. COMRIE 1981). Em Swahili, por exemplo, o verbo intransitivo *boil* é ‘chem-**k**-a’, e o verbo causativo *cause to boil* é ‘chem-**sh**-a’. Ambos são, portanto, morfológicamente marcados.

Além da afixação – que é o meio mais comum de se marcar as causativas morfológicas em uma língua –, as causativas podem ser marcadas por meio de outras estratégias (cf. SHIBATANI; PARDESHI 2001, p. 142-143). Por exemplo, Marathi (língua indo-ariana) opera com causativas lexicais, morfológicas e analíticas. Entre as morfológicas, o sufixo é a forma predominante de marcação, mas outros recursos também são utilizados, conforme os exemplos a seguir:

(i) *Internal consonant change:*

(18a) *phaaT-Ne* to tear (intr.)

(18b) *phaaD-Ne* to tear (tr.)

(ii) *Internal vowel change*

(19a) *mar-Ne* to die (intr.)

(19b) *maar-Ne* to kill (tr.)

(iii) *Suffixation*

(20a) *waaL-Ne* to become dry (intr.)

(20b) *waaL-aw-Ne* to dry (tr.)

(SHIBATANI; PARDESHI 2001, p. 142-143)

As línguas indígenas, geralmente, utilizam a estratégia de aumento de valência do verbo por meio de afixos causativos. Por exemplo, no Tenetehára, conforme Camargos (2013), a causativização ocorre pela adição de {*mu-*} e {(u)*kar*} à raiz verbal. Para este autor, o prefixo {*mu-*} geralmente causativiza verbos inergativos e inacusativos, enquanto {(u)*kar*} transforma verbos transitivos em bitransitivos, conforme exemplos a seguir:

(i) *Causativização de inergativos*

(21a) *w-ata* *kwarer* *a'e*
3-andar menino ele
O menino andou.

(21b) *u-mu-ata* *awa* *kwarer* *a'e*
3-CAUS-andar homem menino ele
O homem fez o menino andar. (Literalmente: O homem andou o menino)

(CAMARGOS 2013, p. 39)

(ii) *Causativização de inacusativos*

(22a) *u-pirik* 'y *a'e*
3-pingar água ela
A água pingou.

(22b) *u-mu-pirik* *kwarer* 'y *a'e*

3-CAUS-pingar menino água ele

O menino fez a água pingar. (Literalmente: O menino espirrou a água)

(CAMARGOS 2013, p. 45)

(iii) *Causativização de transitivos*

(23a) *w-exak* *kwarer* *zawar* *a'e*

3-ver menino cachorro ele

O menino viu o cachorro.

(23b) *w-exak-kar* *awa* *zawar* *kwarer* *ø-pe* *a'e*

3-ver-CAUS homem cachorro menino C-por ele

O homem fez o menino ver o cachorro.

(CAMARGOS 2013, p. 55)

O terceiro tipo de estratégia causativa é a lexical, que segue descrita na próxima subseção.

2.2.3. Causativas lexicais

Assim como as outras causativas, as lexicais também envolvem a ampliação do predicado. Entretanto, neste caso, a ampliação ocorre por meio da introdução de um argumento externo. Os exemplos em (b) a seguir ilustram essa afirmação:

- (24a) A vidraça (se) quebrou.
(24b) O **menino** quebrou a vidraça.

- (25a) A terra molhou.
(25b) A **chuva** molhou a terra.

Os dados acima demonstram que a causativização lexical não adiciona à estrutura um verbo causativo morfologicamente realizado, do tipo de MANDAR/FAZER/CAUSAR/PROVOCAR, assim como não se utiliza de morfologia específica para o aumento de valência. As línguas que optam por tal estratégia carregam a noção de causatividade “lexicalizada” no verbo principal.

As causativas lexicais podem manifestar-se por meio de duas estratégias distintas: homônimas ou heterônimas. No caso das homônimas, há aumento do predicado, mas não há alteração da forma verbal, conforme os dados a seguir:

- (26a) O feijão **cozinhou**.
(26b) Maria **cozinhou** o feijão.

- (27a) As folhas **amarelaram**.
(27b) O sol **amarelou** as folhas.

Já as heterônimas são representadas por pares lexicais distintos (ex.: *derrubar/cair; matar/morrer; mostrar/ver, vender/comprar, dar/receber, dizer/ouvir, etc.*). Seguem alguns dados do PB:

(28a) A menina **derrubou** o menino.

(28b) O menino **caiu**.

(29a) O policial **matou** o bandido.

(29b) O bandido **morreu**.

(30a) Eu **mostrei** o arco-íris a meu namorado.

(30b) Meu namorado **viu** o arco-íris.

Por fim, além de utilizar diferentes estratégias a depender da língua, o fenômeno da causativização pode atingir os diferentes tipos de verbos: inacusativos, inergativos e transitivos. A seguir, discuto brevemente cada tipo de verbo causativizado.

• Inacusativos

Os inacusativos são conhecidos na literatura pela incapacidade de selecionarem um argumento externo. Seu único argumento é gerado na posição de objeto/complemento, cujo papel semântico é o de tema/afetado. Esses verbos geralmente figuram em construções causativas alternantes.

Seguindo a Hipótese da Inacusatividade de Perlmutter (1978), Burzio (1986) propõe uma generalização que se tornou conhecida como Generalização

de Burzio¹⁴. Tal generalização prevê que os verbos inacusativos possuem as seguintes características: (i) seu único argumento é gerado internamente ao VP; (ii) não atribuem Caso acusativo; e (iii) não atribuem o papel temático externo. Para ter Caso nominativo valorado, o único argumento do verbo inacusativo move-se para a posição de Spec-TP. Os dados do PB, a seguir, ilustram essa discussão:

(31a) **As taxas de juros** aumentaram.

(31b) O governo aumentou **as taxas de juros**.

(32a) **Minha boca** ardeu.

(32b) A pimenta ardeu **minha boca**.

Outro tipo de verbo que parece sofrer, pelo menos no PB, o processo de causativização é o inergativo, conforme descrevo a seguir. É válido ressaltar que esses verbos não fazem parte do escopo desta tese.

• Inergativos

Diferentemente dos inacusativos, os inergativos possuem uma semântica de atividade (ex.: CANTAR, CORRER, TRABALHAR, SORRIR, ALMOÇAR) como característica básica. Portanto, esses verbos s-selecionam um agente, gerado na

¹⁴ *Generalização de Burzio*: [...] only the verbs that can assign θ -role to the subject can assign (accusative) Case to an object (BURZIO 1986, p. 178).

posição de argumento externo. É voz corrente na literatura que tais verbos não sofrem o processo de causativização, seja morfológico, seja lexical. O PB, no entanto, parece contrariar tal previsão.¹⁵

(33a) O menino subiu no muro.

(33b) A mãe subiu o menino no muro.

(34a) Os alunos agruparam.

(34b) O professor agrupou os alunos.

(35a) A filha se casou.

(35b) O pai casou a filha.

Pelos dados acima, percebe-se a adição de um novo argumento que parece compartilhar da ação com o outro argumento. Por exemplo, em *O pai casou a filha*, tanto o pai é agente da ação de *casar* quanto a filha. Entretanto, a filha é, de alguma maneira, afetada pela ação do pai.

A seguir, apresento uma breve discussão sobre os verbos transitivos que, de acordo com alguns autores, também se causativizam. Estes verbos não são contemplados nesta pesquisa.

¹⁵ Para mais detalhes sobre a causativização de inergativos no PB, remeto o leitor a Cambrussi (2009), Silva (2009) e Souza (2009).

● Transitivos

Verbos transitivos são aqueles que projetam dois argumentos nucleares, a saber: um agente e um tema/afetado. Em tese, estes verbos não deveriam sofrer a causativização, uma vez que já possuem dois argumentos saturados. Seguem exemplos colhidos de Silva (2009, p. 122):

- (36) O mecânico consertou meu carro.
- (37) Maria enviou uma encomenda para o Rio.
- (38) As costureiras da escola fizeram a fantasia.

No processo de causativização de tais verbos, há o aumento de valência de dois para três argumentos. Este aumento ocorre por competência de uma preposição. Consoante Whaley (1997), “se a causativa é construída a partir de uma estrutura transitiva, o *causee* ‘causado’ terá características de objeto indireto, e se ela for construída a partir de uma estrutura bitransitiva, o *causee* ‘causado’ será um argumento oblíquo” (WHALEY 1997, p. 192-193).¹⁶

Silva (2009) propõe que as causativas em (36), (37) e (38) acima sofrem nova causativização. Ou seja, um terceiro argumento é adicionado à construção,

¹⁶ Do original: “If the causative is built on a transitive structure, the causee will be treated as an indirect object, and if the causative is built on a ditransitive clause, the causee will be treated as an oblique” (WHALEY 1997, p. 192-193).

por meio de uma preposição. Essas sentenças, quando causativizadas, são como seguem:

(39) Eu consertei meu carro com aquele mecânico.

(40) Maria enviou uma encomenda para o Rio por aquele motorista.

(41) A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola.

(SILVA 2009, p. 122)

Apesar da breve discussão sobre o fenômeno da causativização, percebemos que o processo é complexo, demandando investigações mais aprofundadas. Como já disse alhures, não é minha pretensão esgotar o assunto nesta pesquisa. Pretendo, sim, contribuir teoricamente com estudos sobre o fenômeno, elaborando uma análise segundo a qual traços aspectuais dos verbos de mudança de estado podem interferir diretamente tanto na estrutura de argumentos quanto na estrutura de eventos.

Na seção subsequente, discuto alguns tipos de construções causativas que apresentam características semelhantes entre si. Estas semelhanças induzem muitos pesquisadores a assumirem todas as que alternam como *causativo-incoativas*. Veremos, entretanto, que muitas delas contrariam esta predição.

2.3. TODA CONSTRUÇÃO TRANSITIVO-INTRANSITIVA É CAUSATIVO-INCOATIVA?

O fenômeno linguístico da alternância verbal tem despontado como um dos mais instigantes objetos de pesquisa, tanto que, em razão disso, vem merecendo destaque especial pelos mais renomados linguistas de diversos campos teóricos, com propostas para as mais diversas línguas. Nesta linha de investigação, encontram-se, por exemplo, Fillmore (1970), Lakoff (1970), Hale e Keyser (1993; 2002), Levin e Rappaport Hovav (1995), Marantz (1997), Miyagawa (1998), Pylkkänen (2002; 2008), Alexiadou e Anagnostopoulou (2003), Naves (2005), Harley (2008), Blanco (2011), Horvath e Siloni (2011), Bassani (2013), Camargos (2013), Cançado *et al.* (2013), Amaral (2015), entre tantos outros.

Em termos sintáticos, a alternância consiste na habilidade de um verbo ocorrer em duas construções diferentes, a saber: uma transitiva [DP1 V DP2] (ex.: *A chuva molhou a roupa*) e outra intransitiva [DP2 V] (*A roupa molhou*). Na construção transitiva, dois argumentos são liberados e mapeados um na posição de argumento externo [DP1] (*a chuva*) e o outro na posição de argumento interno [DP2] (*a roupa*). Fato curioso é que o objeto direto [DP2] (*a roupa*) da construção transitiva passa a ocupar a posição de sujeito [DP2 V] da forma intransitiva. Essa relação segue exemplificada em (42):

(42a) [A chuva]DP1 [molhou]V [a roupa]DP2

(42b) [A roupa]DP2 [molhou]V

Entretanto, é necessário ressaltar que nem toda alternância transitivo-intransitiva configura uma alternância do tipo *causativo-incoativa*. Preciso, portanto, de subsídios para diferenciar as construções *causativo-incoativas* dos demais tipos de construções alternantes. Estou assumindo que, pela identificação do tipo de verbo, pode-se definir o tipo de construção, uma vez que o verbo de mudança de estado dará origem à construção *causativo-incoativa*.

Nessa linha de investigação, entre tantos trabalhos, encontra-se o de Amaral (2015), cujo objetivo principal é discutir e diferir vários tipos de construções transitivo-intransitivas do PB, numa abordagem semântico-lexical. Em sua pesquisa, a autora aponta para a naturalidade da correlação feita por muitos linguistas entre a alternância sintática e os verbos de mudança de estado. Entretanto, Amaral (2015) afirma que essa correlação é apenas aparente, pois “apesar da forte associação que se observa na literatura entre esse tipo de alternância e verbos de mudança de estado, a configuração sintática transitivo/intransitiva não ocorre exclusivamente com essa classe” (AMARAL 2015, p. 18).

De acordo com a autora, a alternância atinge, pois, diferentes tipos de verbos, resultando em diferentes tipos de construções. Entre os tipos discutidos por Amaral (2015)¹⁷, seleciono, a seguir, os que mais se assemelham às *causativo-incoativas* e incluo outros previstos pela literatura. Na sequência, descrevo brevemente cada tipo de construção.

(i) *Mudança de estado físico*

(43a) O vento quebrou a janela.

(43b) A janela (se) quebrou.

(ii) *Mudança de estado psicológico.*

(44a) O filho preocupou a mãe.

(44b) A mãe se preocupou.

(45a) A menina teme o fantasma.

(45b) *O fantasma teme.

(iii) *Modo de movimento*

(46a) O vento sacudiu as folhas do limoeiro.

(46b) As folhas do limoeiro sacudiram.

¹⁷ Além dos exemplos acima, Amaral (2015) discute em sua tese outros tipos de construção transitivo-intransitiva, cujo resultado não pode ser parafraseado por *tornar-se estado*, portanto, não são construções *causativo-incoativas*. Exemplos:

(i) Construção de resultado (ver Negrão e Viotti (2008, 2010) para discussão mais aprofundada em relação a essas construções)).

(a) O corretor alugou a casa. / (b) A casa (já) alugou.

(ii) Metonímia: alternância parte-todo

(a) O motorista acelerou o carro. / (b) O carro acelerou.

(iii) Verbo aspectual

(a) A professora terminou a aula. / (b) A aula terminou.

(iv) Mudança de locação

(a) A tempestade afundou o barco. / (b) O barco afundou.

Para mais detalhes sobre essas construções, remeto o leitor à Amaral (2015).

(iv) *Construção medial (ou média)*

(47a) Maria quebrou os pratos.

(47b) Pratos se quebram facilmente.

(48a) A professora desenhou a menina.

(48b) A menina se desenhou.

Verificando os dados acima com mais rigor, percebemos que a alternância transitivo-intransitiva ocorre, de fato, com diversos tipos de verbos, e certamente diferentes traços abstratos são responsáveis pelos diferentes mapeamentos sintáticos dessas construções. De acordo com Amaral (2015), a alternância em questão pode atingir igualmente (i) verbos de mudança de estado físico; (ii) verbos de mudança de estado psicológico; (iii) verbos de modo de movimento; (iv) construção medial (ou média); entre outros.

Nas construções transitivas exemplificadas em (a) acima, é possível extrair o sentido de causa, mesmo que o verbo causativo (i. e., CAUSAR, MANDAR, FAZER, POSSIBILITAR, PERMITIR) não esteja morfologicamente realizado, como ocorre com *o vento quebrou a janela*, em que é possível afirmar que o vento *causou a janela quebrar*. O mesmo ocorre com as demais construções (exemplificadas com o verbo *causar*), em que *o filho causou a mãe se preocupar*; *o vento causou as folhas sacudirem*; *a tempestade causou o barco afundar*; *a professora causou a menina ser desenhada*. Diante desses fatos, é possível afirmar que todas as construções transitivas em (a) acima são

causativas, mas não se pode ainda afirmar que todas as intransitivas, representadas em (b), são *incoativas*. Ou seja, não está claro que a forma intransitiva codifica realmente uma mudança de estado.

Como já exposto, o objetivo central desta tese é proceder à análise de apenas um dos tipos de construções alternantes transitivo-intransitivas do PB, qual seja, a *causativo-incoativa*, cujo verbo é de mudança de estado. Este tipo de verbo apresenta como especificidade a paráfrase *tornar-se estado*. Por exemplo, *o vento quebrou a vidraça/A vidraça tornou-se quebrada*. Adoto esta estratégia para testar se o verbo codifica mudança de estado ou não.

Antes de iniciar os testes de comparação entre a *causativo-incoativa* e as demais construções transitivo-intransitivas, explico, na próxima subseção, o que a literatura propõe para os verbos de mudança de estado. De acordo com várias pesquisas, esses verbos dividem-se em outras subclasses, como: mudança de estado psicológico, mudança de estado locativo (*location*), mudança de posse (*locatum*). Pode-se afirmar que todos esses verbos são também causativos. Entretanto, nem todos participam da alternância, e entre os que participam, nem todos resultam numa alternância do tipo *causativo-incoativo*.

2.3.1. Os verbos de mudança de estado e a alternância *causativo-incoativa*

Os verbos de mudança de estado (cf. LAKOFF 1970, HALE; KEYSER 1993, 2002, LEVIN; RAPPAPORT HOVAV 1995, NAVES 2005, CANÇADO; GODOY 2012, BASSANI 2013, CANÇADO *et al.* 2013, entre outros) são assim denominados devido a seu caráter impositivo, ou seja, esses verbos impõem uma mudança de estado a seu argumento interno. Por exemplo, os verbos *apodrecer*, *quebrar* e *abrir* exigem que algo passe de um estado a outro, como *de não podre a podre; de não quebrado a quebrado; de não aberto a aberto*. Desse modo, a primeira propriedade classificatória dessa classe de verbos é o acarretamento *tornar-se estado*. Elenco os verbos *apodrecer*, *quebrar* e *abrir* para exemplificar toda a classe de mudança de estado.

(49a) A umidade apodreceu as maçãs.

(49b) As maçãs apodreceram.

(50a) Pedro quebrou o vaso de cerâmica.

(50b) O vaso de cerâmica (se) quebrou.

(51a) Maria abriu a janela.

(51b) A janela (se) abriu.

Nos três dados acima, os verbos acarretam construções do tipo *tornar-se estado*. Por exemplo, *as maçãs tornaram-se podres*, *o vaso de cerâmica tornou-se quebrado* e *as janelas tornaram-se abertas*. Notem que o argumento interno

desses verbos deve sofrer uma afetação física, ou seja, alguma mudança de ordem física deve ocorrer. Por isso, proponho que esse argumento recebe o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do afixo aspectual incoativo {-ec-}, fonologicamente realizado ou não. Na proposta teórica desta tese (ver capítulos 5 e 6), apresento as evidências para tal hipótese, bem como as consequências deste traço para a alternância (cf. NAVES 2005) e para a estrutura de eventos em que tal argumento é inserido.

Outra propriedade dos verbos de mudança de estado é a possibilidade de eles participarem da construção *incoativa*. Ou seja, nesta construção, o acontecimento é apresentado do ponto de vista do afetado. Isso é o que ocorre, por exemplo, com *apodrecer*, *molhar* e *rasgar*:

(52a) O calor apodreceu a maçã.

(52b) A maçã apodreceu.

(53a) A chuva molhou a roupa do varal.

(53b) A roupa do varal molhou.

(54a) Maria rasgou o vestido.

(54b) O vestido rasgou.

As construções transitivas em (a) acima são as formas causativas – discutidas anteriormente – dos verbos *apodrecer*, *molhar* e *rasgar*. Já as construções em (b) são a versão intransitiva desses verbos. A esta construção

várias denominações são atribuídas, como: incoativa, ergativa, anticausativa, inacusativa, intransitiva derivada, decausativa, entre outras. Entre todas essas nomeações, a mais difundida na literatura linguística é a *incoativa*. Adoto tal denominação por essa razão e também por considerar que essa construção é o resultado de um traço incoativo (ver capítulo 5 e 6), o qual impõe a mudança de estado a seu argumento interno. Lembro novamente que nem toda construção intransitiva é *incoativa*.

Em busca de mais evidências sobre a participação do verbo de mudança de estado em construções alternantes *causativo-incoativas*, testo mais uma estratégia que comprova se um verbo alterna ou não, qual seja: a formação de passivas adjetivais. Vejamos os exemplos com os verbos *rasgar* e *apedrejar*. Essas passivas confirmam se as construções são ou não do tipo investigado nesta tese. Com o primeiro verbo, a forma passiva adjetival é gramatical, já com o segundo, ela é bloqueada.

(55a) O prego rasgou o vestido.

(55b) O vestido *tornou-se rasgado*.

(55c) O vestido rasgou.

(56a) O bandido apedrejou o cachorro.

(56b) *O cachorro tornou-se apedrejado.

(56c) *O cachorro apedrejou.

Outra característica relevante dos verbos de mudança de estado é sua participação em construções causativas, em que o acontecimento é apresentado do ponto de vista do causador. Um teste muito recorrente na literatura para verificar se a sentença é causativa é o que utiliza o advérbio *quase*, cujo resultado deve ser uma leitura ambígua (cf. LEVIN; RAPAPPORT-HOVAV 1995, NAVES 2005, CIRÍACO; CANÇADO 2009, CANÇADO *et al.* 2013, entre outros). Isso porque este advérbio tem escopo tanto sobre o evento causado como sobre o evento da causação. Quando a ambiguidade não se verifica, trata-se de uma construção monoeventiva. Os dados a seguir traduzem este resultado:

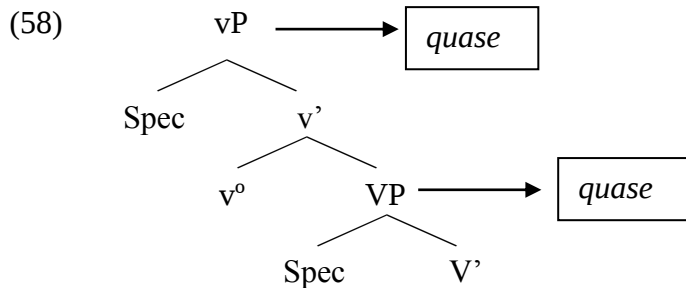
(57a) João *quase* fechou a porta.

(57b) O que João *quase* fez foi fechar a porta.

(57c) O que João fez foi *quase* fechar a porta.

Em (57a), duas interpretações emergem: (i) João *quase* fez algo que fechou a porta, mas desistiu antes. Ou seja, ele nem chegou a desencadear o evento. Neste caso, o advérbio *quase* tem escopo sobre a ação de João (evento causador); e (ii) João fez algo que *quase* fechou a porta. Nesta construção, o advérbio *quase* tem escopo sobre o estado resultante, isto é, João desencadeia o evento, mas não atinge o resultado.

A estrutura arbórea em (58) abaixo representa com precisão os dois pontos de ligação do advérbio em construções causativas:



Agora, comparem os dados apresentados em (57) acima com os dados em (59) abaixo, cujo evento é não causativo:

- (59a) João *quase* apedrejou o cachorro.
 (59b) O que João *quase* fez foi apedrejar o cachorro.
 (59c) * O que João fez foi *quase* apedrejar o cachorro.

Em (59a), o advérbio *quase* tem escopo sobre o evento inteiro (59b). Portanto, a ambiguidade não se verifica, gerando a agramaticalidade de (59c). Neste caso, só uma leitura é permitida: João nem chega a desencadear o evento, talvez tenha pensado em praticar a ação, mas algo o levou a desistir.

Os resultados da aplicação dos testes acima – (i) ser compatível com a paráfrase *tornar-se estado*; (ii) aceitar a forma incoativa; (iii) participar da formação de passivas adjetivais; e (iv) apresentar uma leitura ambígua quando o advérbio *quase* é inserido – levam à identificação de quais verbos codificam mudança de estado, uma vez que somente estes aparecem em construções *causativo-incoativas*.

Nas próximas subseções, apresento alguns dos tipos de construção transitivo-intransitiva do PB. Lembro, entretanto, que se inserem no escopo desta tese apenas as *causativo-incoativas*. Trazer outras construções diferentes destas tem, por enquanto, caráter comparativo, cujo objetivo é definir com exatidão as que constituem escopo desta tese. Em cada tipo discutido, aponto as propriedades que restringem a alternância transitivo-intransitiva de ser *causativo-incoativa*. A discussão começa pelos verbos que indicam mudança de estado ocorrida no nível da mente, e por isso são amplamente conhecidos na literatura como verbos de mudança de estado psicológico ou simplesmente verbos psicológicos.

2.3.1.1. Verbos de mudança de estado psicológico

Os verbos de mudança de estado psicológico (ou verbos psicológicos) caracterizam-se basicamente por denotar mudanças de estado ocorridas no nível da mente. Esses verbos têm merecido destaque especial na literatura, sob as mais diversas perspectivas teóricas. Algumas pesquisas que os contemplam são: Belletie e Rizzi (1988), Grimshaw (1990), Zubizarreta (1992), Levin (1993), Cançado (1995, 2002), Naves (2005), Cançado e Godoy (2012)¹⁸, entre outras.

¹⁸ Remeto o leitor aos trabalhos citados para mais detalhes sobre os verbos psicológicos.

Os verbos psicológicos têm uma característica bem peculiar, qual seja: projetam dois argumentos nucleares, e um deles recebe papel semântico de experienciador do evento, que pode ser tanto o argumento externo como o interno. Exemplifico essas duas situações com os verbos *temer* e *aborrecer*:

(60a) *João* teme *Maria*. —————> Sujeito experienciador
(60b) **Maria* teme.

(61a) *João* aborrece *Maria*. —————> Objeto experienciador
(61b) *Maria* se aborrece.

No primeiro exemplo, o argumento externo *João* é o experienciador do evento de *temer*; já no segundo, *Maria* é o argumento interno e é quem experiencia o evento de *aborrecer*. Curiosamente, os verbos do tipo de *temer* não alternam, ao passo que os do tipo de *aborrecer* alternam. Esta constatação induz muitos pesquisadores a assumirem que os verbos psicológicos se dividem, pelo menos, em duas subclasses quanto à forma de mapear seus argumentos na sintaxe. Para Naves (2005),

(...) a classe dos verbos psicológicos não é homogênea em termos do seu comportamento sintático: há verbos que atribuem o papel temático de Experienciador ao argumento na posição de sujeito e outros que atribuem o papel temático de Experienciador ao argumento na posição de objeto (NAVES 2005, p.19).

Vou focar no segundo tipo, exemplificado por *aborrecer*, por se comportar como os de mudança de estado físico em relação à alternância. Naves (2005) faz o percurso inverso: ela apresenta a proposta para estes e a estende aos de mudança física.

No entanto, apesar de haver semelhança entre os verbos de mudança física e os psicológicos, o argumento interno destes tem uma propriedade semântica a mais que os verbos do nosso *corpus*, ou seja, o papel semântico de experienciador. Outra diferença entre as duas classes estaria no acarretamento. Enquanto os de mudança de estado físico admitem mais facilmente a paráfrase *tornar-se estado* (discutido anteriormente), os psicológicos admitem como melhor paráfrase *ficar estado*. Seguem os dados ilustrando esta preferência:

(62a) A filha aborreceu a mãe.

(62b) ?A mãe *tornou-se* aborrecida (com a filha).

(62c) A mãe *ficou* aborrecida (com a filha).

(62d) A mãe se aborreceu.

(63a) A inflação assustou a população brasileira.

(63b) ?A população brasileira *tornou-se* assustada (com a inflação).

(63c) A população brasileira *ficou* assustada (com a inflação).

(63d) A população brasileira se assustou.

Outra diferença entre os verbos de mudança física e os de mudança psicológica está no licenciamento do clítico ‘se’. Com os primeiros, a ausência do pronome clítico ‘se’ parece ser muito mais natural do que com os segundos.

Essa necessidade maior dos psicológicos em manter o ‘se’, pelo menos em algum dialeto, pode ser justificada pela possível ambiguidade que sua ausência geraria na sentença (cf. SOUZA 1999, RIBEIRO 2010), como em (65) abaixo.

(64) A janela (se) quebrou.

(65) A mãe se assustou.

Observem que em (65) acima existe uma possibilidade maior de ambiguidade que em (64), caso o *se* não esteja presente. Isso porque, segundo Souza (1999), o DP humano, *a mãe*, poderia ser, em princípio, tanto agente/causador como afetado. Desse modo, a inserção do *se*¹⁹ desambiguaria a sentença.

Enfim, pelas semelhanças apresentadas entre os verbos de mudança de estado psicológico do tipo de *aborrecer* e os verbos de mudança de estado físico do tipo de *quebrar* em relação à alternância, é bem provável que a análise estabelecida para *quebrar* dê conta de explicar satisfatoriamente a alternância de *aborrecer*.

Outros verbos alternantes que, à primeira vista, parecem se comportar como os de mudança de estado físico são os que indicam o modo de movimento do argumento interno. Na próxima subseção, apresento uma breve discussão

¹⁹ Ressalte-se, entretanto, que o clítico *se*, pelo menos no dialeto mineiro, pode ser omitido em ambos os casos, sem que a construção se torne agramatical.

sobre esse tipo de verbo, bem como os motivos por que não fazem parte do nosso escopo de investigação.

2.3.1.2. Verbos de modo de movimento

Levin (1993) classifica os verbos *rolar* e *balançar* como verbos de modo de movimento, alegando que ambos envolvem deslocamento. Além disso, a autora afirma que esses verbos participam da alternância *causativo-incoativa*. Não obstante, vários estudos contestam esta denominação e alegam que tais verbos participam sim de uma alternância transitivo-intransitiva, mas que esta não se configura como *causativo-incoativa*, pois o argumento interno não sofre mudança de estado, seja físico, seja psicológico. Para corroborar tal afirmação, os autores citados a seguir comprovam que esses verbos não apresentam as características específicas da alternância *causativo-incoativa* (cf. LEVIN; RAPPAPORT HOVAV 1994, AMARAL 2012, 2015, entre outros). Vejamos alguns exemplos e, na sequência, aponto algumas evidências registradas na literatura de que tais verbos pertencem a um subgrupo diferente do subgrupo dos *causativo-incoativos*.

(66a) O vento/Fábio rolou a bola.

(66b) A bola rolou.

(67a) O vento/Maria balançou a rede.

(67b) A rede balançou.

Uma das evidências que me leva a excluir os verbos do tipo de *rolar* e *balançar* do grupo de verbos de mudança de estado físico é o fato de eles não denotarem uma mudança do tipo *tornar-se estado*. Para Amaral (2015), essa impossibilidade é devida à não incoação desses verbos. De acordo com a tese que defendo, falta a esses verbos o traço aspectual [+INCOATIVO]. Uma consequência direta dessa afirmação é a impossibilidade de formação de passivas adjetivais:

(68) *A bola *tornou-se* rolada.

(69) *A rede *tornou-se* balançada.

Em contraposição a esses, os verbos de mudança de estado, como posto anteriormente, não restringem a formação de passivas adjetivais. Comparem os exemplos (68) e (69) acima com (70) e (71) abaixo.

(70) A janela *tornou-se* quebrada.

(71) A população *tornou-se* pobre.

Mesmo não construindo a paráfrase *tornar-se estado*, *rolar* e *balançar* passam nos seguintes testes: (i) formam construções causativas bieventivas; e (i) alternam na forma transitivo-intransitiva. Essas semelhanças, por vezes, são

a causa da errônea classificação *causativo-incoativa*. Seguem exemplificados os dois casos:

(72a) Fábio rolou a bola.

(72b) O que Fábio *quase* fez foi rolar a bola.

(72c) O que Fábio fez foi *quase* rolar a bola.

(72d) A bola rolou.

(73a) Maria balançou a rede.

(73b) O que Maria *quase* fez foi balançar a rede.

(73c) O que Maria fez foi *quase* balançar a rede.

(73d) A rede balançou.

Embora esses verbos sejam causativos e alternem, eles são barrados nos testes de incoação, conforme (68) e (69) acima. Portanto, não formam *incoativas*. Este fato é crucial para excluí-los da análise apresentada na proposta teórica da tese.

A seguir, discuto brevemente outro tipo de construção que envolve mudança do argumento interno. No entanto, essa mudança se dá na locação ou na posse desse argumento. Esta discussão justifica-se não porque tais verbos alternam, mas porque, geralmente, são prefixados (ex.: *empacotar*, *enlatar*, etc.), assim como os de mudança de estado que compõem o *corpus* de estudo desta pesquisa.

2.3.1.3. Verbos de mudança de lugar (*location*) e de posse (*locatum*)

Os verbos de mudança de lugar (*location*) e de posse (*locatum*), aparentemente se assemelham aos de mudança de estado, uma vez que existem no sentido desses verbos as ideias de mudança e de causação. Entretanto, como afirma Godoy (2012), diferentemente dos verbos de mudança de estado, os dois primeiros não acarretam algo *tornar-se estado* e, normalmente, não aceitam a alternância.

Como afirmam Hale e Keyser (1993; 2002), a estrutura dos verbos de mudança de locação e de posse envolvem uma preposição abstrata, morfologicamente realizada ou não. Normalmente, esses verbos constituem paráfrases com as preposições *in* “em” e *with* “com”, respectivamente. Primeiramente, exemplifico e discuto a mudança de locação em (74) e (75), e, na sequência, a mudança de posse em (77) e (78).

(74a) Os meninos engarrafaram a água.

(74b) *A água engarrafou.

(74c) *A água *tornou-se engarrafada*.

(74d) Os meninos colocaram a água *em garrafas*.

(75a) Os deputados embolsaram a verba da saúde

(75b) *A verba da saúde embolsou.

(75c) *A verba da saúde *tornou-se embolsada*.

(75c) Os deputados colocaram a verba da saúde *em bolsos*.

Os verbos de *location* “locação” podem ser parafraseados por *colocar X em Y*, em que *engarrafar* e *embolsar* seriam, respectivamente, *colocar água em garrafa* e *colocar algo em bolso*. É necessário ressaltar, ainda, que os verbos acima não constituem a paráfrase *tornar-se estado*, por isso, não formam passivas adjetivais (74c) e (75c) e não alternam na forma *incoativa* (74b) e (75b) acima. Pertencem a esse grupo verbos como:

(76) *afundar, aprisionar, embolsar, empacotar, empilhar, emprateleirar, encapar, engavetar, enjaular, ensacar...*

Já os verbos de mudança de posse podem ser parafraseados por *prover X com Y*, e isso nos leva a admitir que *encerar* e *apimentar* seriam *prover algo com*. Além disso, esses verbos também são barrados no teste das passivas adjetivais (77c) e (78c) e da alternância transitivo-intransitiva (77b) e (78b).

(77a) A faxineira encerou os móveis do meu quarto.

(77b) *Os móveis do meu quarto enceraram.

(77c) *Os móveis do meu quarto *tornaram-se encerados*.

(77d) A faxineira proveu os móveis do meu quarto *com cera*.

(78a) A cozinheira apimentou a comida.

(78b) *A comida apimentou.

(78c) *A comida *tornou-se apimentada*.

(78d) A cozinheira proveu a comida *com pimenta*.

Em suma, um verbo de mudança de locação é dependente do local (ex.: *prateleiras e pacotes*) para o qual o objeto do verbo será deslocado (*colocar livros em prateleiras é emprateleirar; colocar livros em pacotes é empacotar*). Por outro lado, o verbo de mudança de posse tem o objeto que será deslocado para algum lugar como referente (ex.: *colocar manteiga no pão é amanteigar o pão; colocar pimenta na comida é apimentar a comida*). Outros verbos dessa classe são:

(79) *amordaçar, acorrentar, afivelar, atapetar, arborizar, enlaçar, engessar, gradear, emborrachar, selar...*

Diante dessa discussão, chamo a atenção para o fato de os prefixos {*a-/en-/es-*} não codificarem o traço aspectual incoativo nos verbos acima, como proposto nesta pesquisa para os verbos de mudança de estado físico. Conjecturo que possam, nos *locatum* e *location*, ser a realização de um traço [p] (cf. HALE; KEYSER 1993, 2002) ou de um traço relacional [r] (cf. BASSANI 2013), codificado em algum núcleo acima da raiz.

Outra construção que, aparentemente, se assemelha à *incoativa* é a chamada *medial* (ou voz média). Por causa da aparente semelhança, esta construção é, por muitas vezes, também rotulada de *incoativa*. Mas as diferenças entre elas são significativas e suficientes para que sejam tratadas como construções distintas. Este é o assunto da próxima subseção.

2.3.1.4. Construção medial²⁰

A medial é um tipo de construção intransitiva e muito comumente chamada de incoativa, por se assemelharem em alguns aspectos. Em realidade, há entre as duas construções diferenças bastante significativas que levam à exclusão das mediais do nosso *corpus* de investigação.²¹ Essas duas construções são exemplificadas a seguir pelos verbos *quebrar*, *amassar*, *entupir* e *cortar*. Em (a), estão as mediais e, em (b), as incoativas.

(80a) Esses cristais (se) quebram *facilmente*.

(80b) Os cristais (se) quebraram.

(81a) Esse tecido (se) amassa *facilmente*.

(81b) Esse tecido amassou.

(82a) Esse ralo (se) entope *facilmente*.

(82b) Esse ralo entupiu.

(83a) Esse pão (se) corta *facilmente*.

(83b) *Esse pão (se) cortou.

²⁰ Para Souza (1999), embora a denominação mais difundida na literatura linguística para este tipo de construção seja “média”, é preferível adotar a forma “medial” para evitar confusões terminológicas com a voz média do grego antigo.

²¹ Remeto o leitor, para maiores detalhes sobre o tema, a Manney (1998), Souza (1999), Camacho (2003), Ciríaco (2011), Camargo (2013).

Muitos são os estudos que apontam as aparentes semelhanças entre a medial e a incoativa. Por exemplo, para Mira Mateus *et al.* (2006):

(...) construções [médias] partilham propriedades que caracterizam a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa e as passivas sintáticas e de -se. Com efeito, os verbos que nelas ocorrem são verbos transitivos, que seleccionam um argumento externo e um argumento interno directo, mas nestas construções apenas ocorre o argumento nominal com o papel temático interno (...) (MIRA MATEUS *et al.* 2006, p. 536).

No grego antigo, a (verdadeira) voz média era assim chamada por apresentar um comportamento híbrido em relação ao sujeito e ao paciente, quando comparada à voz ativa e à passiva. Grosseiramente, o que se tem na voz ativa é um sujeito agente, que pratica a ação, e na passiva, um sujeito paciente, que é afetado pela ação do verbo. A voz média se diferencia dessas duas vozes pela capacidade de incorporar os dois papéis em um único argumento: o sujeito tanto é agente como é afetado. Em outras palavras, é uma estratégia que permite tanto expressar como perceber situações da realidade, cujos significados não se enquadram como puramente ativos nem como puramente passivos (cf. SOUZA 1999). Segue, em (84 abaixo), um exemplo colhido desse autor:

(84) Xenofon *thuetai*.

Xenofonte sacrificar – 3p.sg.média

‘Xenofonte faz sacrifícios (em seu próprio benefício)’

(SOUZA 1999, p. 26)

Ainda de acordo com Souza (1999), a denominação voz média para construções como as exemplificadas em (81a), (82a) e (83a) acima provavelmente tenha surgido quando estudiosos da teoria gramatical começaram a perceber algumas propriedades semelhantes entre estas e a voz média do grego antigo, exemplificada em (84) acima. Mas observem, pelo dado a seguir, como a medial se processa de maneira diferente da média.

(85) Esse livro (se) vende bem.

Em (85), o verbo *vender*, que geralmente tem como sujeito um agente, aparece com um ser inanimado, *livro*, como sujeito. Esta diferença, para Souza (1999), já distingue a medial (85) da voz média propriamente dita (84). Observem que, na medial, o iniciador e a entidade afetada convergem no sujeito (*esse livro*), como representado em (85) acima. Já na média, o sujeito e o objeto são os mesmos da voz ativa, apenas com a diferença de interpretação de o sujeito ser de alguma forma afetado ou de agir em seu próprio benefício (84).

Uma vez justificado o uso da denominação medial em detrimento de média, minha intenção doravante é trazer as diferenças básicas entre a medial e a *incoativa*. Tais diferenças são suficientes para excluir a medial do nosso *corpus* de trabalho, pois a restrição elaborada para justificar a alternância *causativo-incoativa* do PB não dá conta de explicar satisfatoriamente a medial.

Apresento, a seguir, pontos divergentes e semelhantes entre essas duas construções.

(i) A medial está, prototipicamente, associada a uma modificação adverbial, tendo a estrutura [S (se) V modificador]. Já a *incoativa* não necessariamente requer um modificador, e sua estrutura é [S (se) V]. Os dados abaixo exemplificam, respectivamente, as duas construções.

(86) Essas roupas (se) sujam *facilmente*.

(87) As roupas sujaram.

(ii) A construção medial tem caráter genérico em contraste com caráter eventivo da construção *incoativa*. Ou seja, o primeiro tipo não descreve eventos particulares no tempo, enquanto a *incoativa* o faz. Há uma tendência do uso do tempo presente na medial, em (86), enquanto a *incoativa* normalmente ocorre no tempo pretérito, em (87), pois refere-se a um acontecimento concluído.

(iii) A medial ocorre também com verbos que não são de mudança de estado, exemplificado em (88) abaixo. Já a *incoativa* sempre envolve este tipo de verbo, em (89).

(88) Essa carne (se) corta facilmente.

(89) O vaso (se) quebrou.

(iv) A construção medial e a *incoativa* assemelham-se quanto à opcionalidade do uso do clítico *se*, embora exista uma tendência maior de o clítico ocorrer na primeira. Nessas duas construções, o argumento na posição de sujeito (ex.: *essa carne/o vaso*) é afetado.

Muitos pesquisadores entendem que a voz média é um fenômeno mais amplo que engloba diferentes tipos de construções, inclusive a medial (cf. CAMACHO 2003, CIRÍACO 2011, entre outros). Nesses termos, a construção medial é considerada um subtipo da voz média (cf. CAMACHO, 2003).

Por fim, a voz média é uma construção segundo a qual o verbo aponta a um “sujeito que cumpre algo que se cumpre nele” (BENVENISTE 1976). Exemplos dessa afirmação seguem em (90) e (91). Percebam que o participante em posição de sujeito age, em relação à ação denotada pelo verbo, com referência a si mesmo (ou diretamente para si, ou com vantagem para si).

(90) João (se) levantou/ sentou.

(91) A menina (se) desenhou.

Encontramos esta mesma linha de raciocínio em Godoy (2012). Na perspectiva dessa autora, a construção média é um tipo de reflexiva. Vejam no dado abaixo em que os subeventos de agir e afetar são interpretados como simultâneos.

(92) Maria se limpou /se lavou /se enxugou /se arrumou /se maquiou /se penteou /se vestiu.²²

2.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Os dois primeiros capítulos desenvolveram-se com o objetivo primeiro de determinar a estrutura deste texto e delimitar o *corpus* de estudo. Encontram-se, no capítulo 1, a introdução, as hipóteses, os objetivos e a metodologia que guiam e dão suporte a esta pesquisa.

No capítulo 2, apresentei os dados que serão submetidos à análise, a saber: os verbos de mudança de estado físico e as construções *causativo-incoativas* das quais esses verbos fazem parte. Para chegar ao refinamento dos dados, considerei a hipótese inicial segundo a qual os afixos dos verbos em análise codificam traços que condicionam a alternância sintática. A partir disso, comecei a seleção na seguinte ordem: primeiramente, os verbos derivados por afixação simultânea; em seguida, os verbos que são apenas prefixados e os apenas sufixados. Na sequência, incluí os verbos em que os afixos encontram-se fonologicamente nulos. Para a seleção dos dados, segui intuições de alguns autores, como Rio-Torto (2004) e Bassani (2013).

De posse dos verbos acima e a partir da hipótese segundo a qual esses verbos se causativizam, apliquei testes para verificar quais deles constroem, de

²² Dado colhido de Godoy (2012, p. 87, dado 105).

fato, causativas. A seguir, discuti este fenômeno, bem como exemplifiquei as diferentes estratégias que as línguas utilizam para apresentar uma causa e o efeito dessa causa, quais sejam: causativas perifrásticas, morfológicas e lexicais.

Cientes de que nem toda causativa alterna, como também nem toda contraparte intransitiva codifica mudança de estado físico, apliquei alguns testes previstos pela literatura, com o objetivo de selecionar somente as construções causativas nucleadas por verbos de mudança de estado físico. Para tanto, comparei vários tipos de alternância transitivo-intransitiva, inspirada principalmente em Amaral (2015), até chegar às reais construções *causativo-incoativas*. Os testes aplicados às construções, neste momento, foram: (i) construção da paráfrase *tornar-se estado*; (ii); construção de passiva adjetival; (iii) alternância na forma incoativa; (iv) ambiguidade com *quase*.

Para analisar os dados, adoto, principalmente, os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída. Além disso, recorro a algumas intuições da Estrutura de Eventos. Essas duas teorias seguem, respectivamente, apresentadas nos capítulos 3 e 4, que compõem o quadro teórico desta tese.

CAPÍTULO 3: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA (MD)

Este capítulo apresenta o aporte teórico principal adotado nesta pesquisa, a Morfologia Distribuída: uma teoria não lexicalista. Para tanto, o capítulo segue estruturado em seis seções, a saber: a seção 3.1 faz um breve percurso histórico da MD; a seção 3.2 discute os primitivos sintáticos: a *raiz* e os *morfemas abstratos*; a seção 3.3 evidencia as operações morfológicas previstas pela MD; a seção 3.4 discute a inserção de vocabulário (IV) nos terminais sintáticos; a seção 3.5 traz a noção de fases propostas pelo Minimalismo, cujos princípios são adotados pela MD; por fim, a seção 3.6 resume as ideias básicas desenvolvidas no capítulo.

3.1. MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA (MD): DO SURGIMENTO

A partir da publicação de *Remarks on Nominalization* (CHOMSKY 1970), os estudos sobre morfologia derivacional se fortaleceram e passaram a considerar o léxico como o local das relações entre as palavras. Tais estudos tornaram-se conhecidos como Hipótese Lexicalista. Para os seguidores desta proposta (cf. ARONOFF 1976, KIPARSKY 1982, RAPPAPORT HOVAV; LEVIN 1998, HALE; KEYSER 2002, RIO-TORTO 2004, SVENONIUS 2004, PEREIRA 2007, entre outros), o léxico é o repositório de itens lexicais com

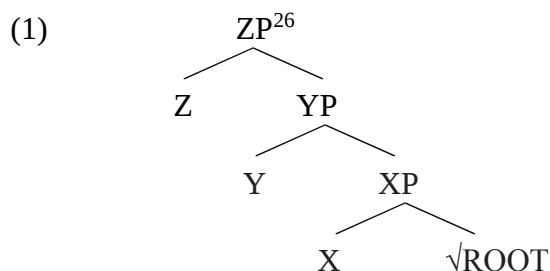
traços fonológicos, semânticos e formais pré-determinados. Do léxico, os itens são retirados para a Numeração²³, de onde são selecionados e concatenados a outros itens, formando objetos sintáticos maiores. É contra tal visão que a MD se posiciona. Esta teoria propõe uma nova maneira de conceber o léxico, em que tanto a estrutura morfológica quanto a sintática são concebidas seguindo os mesmos princípios e ambas estão sujeitas as mesmas restrições. Nesta perspectiva, todos os objetos complexos devem ser montados na sintaxe.

A MD surge em 1993 com a publicação do artigo *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection* por Morris Halle e Alec Marantz. Esta teoria, com forte inspiração no Programa Minimalista, propõe uma nova maneira de pensar a formação de palavras, tanto as derivadas como as flexionadas, a partir da sintaxe. O cerne de tal teoria concentra-se nos traços abstratos. Para Siddiqi (2009) “(...) a sintaxe manipula apenas traços abstratos formais para gerar estruturas sintáticas” (SIDDIQI, 2008, p. 7).²⁴ Sendo assim, as mesmas regras e restrições, que se aplicam à formação de sentenças, também se aplicam à formação de palavras.

²³ Para Lima (2010), “a Numeração é uma estação intermediária na qual os itens lexicais que são usados na construção da frase são coletados. A Numeração é importante também no sentido de que decide o conjunto de referências e providencia os traços formais que desencadearão o movimento sintático” (LIMA 2010, p. 92).

²⁴ Do original: “(...) the syntax only manipulates abstract formal features to generate syntactic structures” (SIDDIQI 2009, p. 7).

Duas propriedades propostas no âmbito do programa minimalista e utilizadas na formação de palavras, equivalem às operações *Merge* e *Move*, cuja principal função é, respectivamente, juntar e mover objetos sintáticos que formam estruturas recursivas legíveis nas línguas naturais. Tais operações surgiram como mecanismo de formação de sentenças e são amplamente adotadas e aplicadas pela MD na formação de palavras (cf. HALLE; MARANTZ 1993, e trabalhos subsequentes). Sobre esta formação, Embick e Noyer (2007) afirmam que os “núcleos complexos são criados pelo processo sintático de movimento de núcleo” (EMBICK; NOYER 2007, p. 302)²⁵. Um exemplo deste processo é a estrutura que segue:



Percebe-se pelo exemplo acima que a sintaxe concatena os objetos sintáticos e cria, em um primeiro momento, uma estrutura do tipo [$\sqrt{\text{ROOT}} - X$

²⁵ Do original: “(...) complex heads are created by the syntactic process of head movement” (EMBICK; NOYER 2007, p. 302).

²⁶ A MD registra os núcleos não fásicos com letras maiúsculas (Z, Y, X) e, com letras minúsculas, os fásicos (categorizadores *v*, *n*, *a*).

– Y – Z]. Em seguida, tal estrutura deve ser linearizada para formar uma palavra. Se os núcleos forem linearizados à direita da raiz, serão todos prefixos e a estrutura resultante é como a exemplificada acima. É válido ressaltar que, antes de a estrutura ser enviada para o componente fonológico, os núcleos [X – Y – Z] poderiam ser linearizados tanto como prefixo (à direita da raiz) quanto como sufixo (à esquerda da raiz), resultando estruturas do tipo: [Z – √ROOT – X – Y] ou [Z – Y – X – √ROOT], e assim por diante.

O termo Morfologia designa uma série de processos que ocorrem tanto na sintaxe como na pós-sintaxe e que são relevantes para a formação da palavra. Já o termo *estrutura morfológica*, segundo Embick e Noyer (2007), se refere a estruturas que se encontram no estágio da PF. Alguns aspectos da formação de uma palavra surgem de operações sintáticas, enquanto outros são resultados de operações que ocorrem em PF. Percebe-se, desse modo, que a palavra é formada por diversos processos distribuídos entre diferentes componentes da gramática (i.e., sintático, morfológico e fonológico), por meio de operações combinatórias, como *concatenação (Merge)*, *movimento (Move)*, *fusão*, *cisão*, *empobrecimento*, *linearização*, entre outras. Daí a denominação *Morfologia Distribuída*.

A partir dessa concepção, a MD adota uma nova maneira de conceber o “léxico” proposto inicialmente em *Remarks on Nominalization* (CHOMSKY

1970) e em trabalhos subsequentes. Para Marantz (1997), a MD “explode o léxico e inclui um número de listas distribuídas, não computacionais, para substituir o léxico” (MARANTZ 1997, p. 203)²⁷, originando uma nova arquitetura da gramática. Esse “novo léxico” contém listas de feixes de traços morfossintáticos e gramaticais sintático-semânticos, determinados pela Gramática Universal (doravante GU), e talvez por princípios particulares das línguas, já que esses conjuntos são formados livremente, sujeitos aos princípios de formação. É com esse conjunto de traços abstratos que a sintaxe opera.

Segue abaixo a figura ilustrativa da arquitetura da gramática, tal como é concebida pela MD.

²⁷ Do original: “(...) explodes the Lexicon and includes a number of distributed, non-computational lists as Lexicon-replacements” (MARANTZ 1997, p. 203).

(2) A arquitetura da gramática

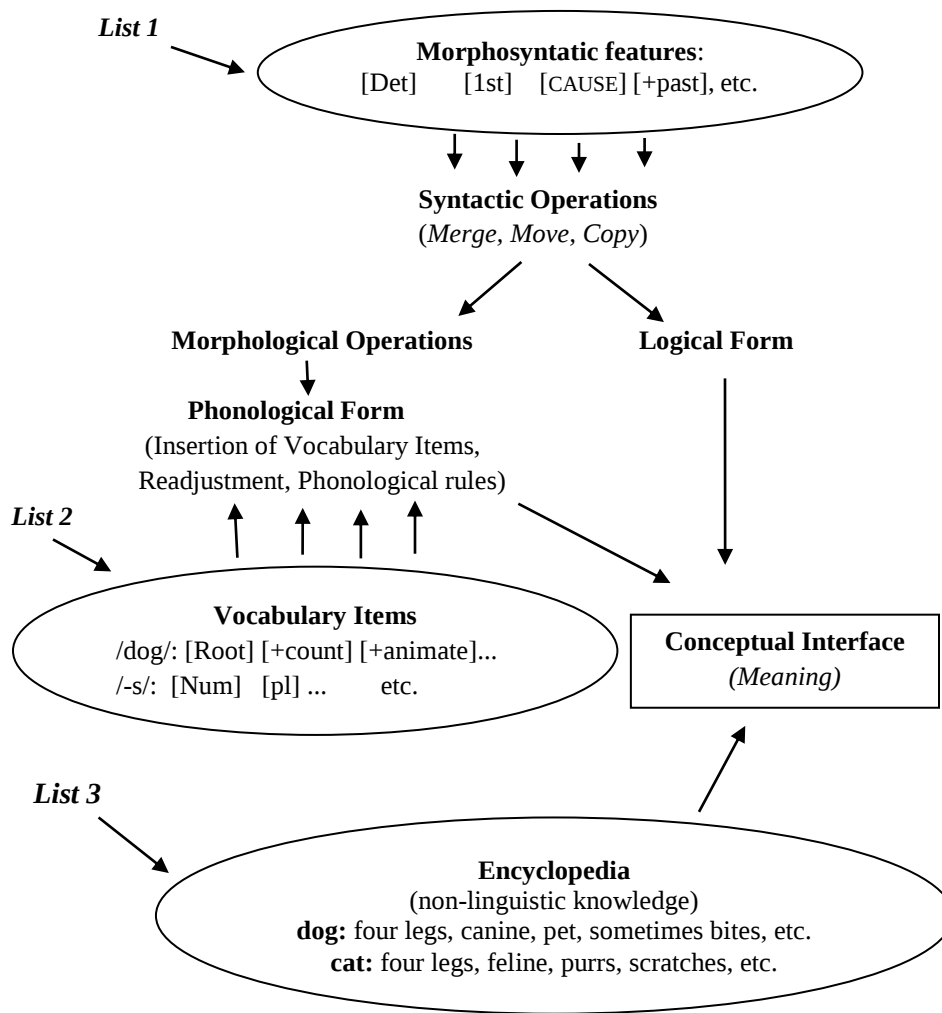


Figura 1: A arquitetura da gramática (adaptada de HARLEY e NOYER, 1999, p. 3).

Na **Lista 1**, estão armazenados os primitivos sintáticos, quais sejam: a *raiz*, também chamada de *morfema lexical* por alguns seguidores da MD, e os *morfemas abstratos*. Muitos autores afirmam que a raiz, por carecer de

categoria, é destituída de traços gramaticais (cf. EMBICK; NOYER 2007, NÓBREGA 2015, dentre outros), enquanto os *morfemas* são constituídos de feixes de traços, como [n], [v], [pl], [past], [asp], [CAUSE], organizados em nós terminais. Para a MD, a lista 1 substitui diretamente o léxico, uma vez que fornece as unidades com as quais a sintaxe opera.

Na **Lista 2**, encontram-se os itens de vocabulário (IVs), os quais fornecem conteúdo fonológico aos nós terminais da sintaxe, tanto para as raízes como para os feixes de traços gramaticais. Segundo Marantz (1997),

o Vocabulário inclui as conexões entre os conjuntos de traços gramaticais e os traços fonológicos e, assim, determina as conexões entre os nós terminais da sintaxe e suas realizações fonológicas. O Vocabulário não é gerativo, mas é expansível. Os itens do Vocabulário são subespecificados no que diz respeito aos traços dos nós terminais da sintaxe; eles competem pela inserção nos nós terminais, e o item mais altamente especificado, que não possui traços conflitantes com os do nó terminal, vence a competição (MARANTZ 1997, p. 204).²⁸

Por fim, na **Lista 3**, estão as entradas enciclopédicas que relacionam itens de vocabulário a significados. Ou seja, trata-se da interpretação dos IVs. Assim como o vocabulário, a enciclopédia não é gerativa, mas é expansível.

²⁸ Do original: “The Vocabulary includes the connections between sets of grammatical features and phonological features, and thus determines the connections between terminal nodes from the syntax and their phonological realization. The Vocabulary is non-generative but expandable. The Vocabulary items are underspecified with respect to the features of the terminal nodes from the syntax; they compete for insertion at the terminal nodes, with the most highly specified item that doesn’t conflict in features with the terminal node winning the competition” (MARANTZ 1997, p. 204).

Na seção a seguir, apresento com mais detalhes a proposta da MD sobre os primitivos sintáticos (hospedeiros da Lista 1).

3.2. Os primitivos sintáticos: *raiz e morfema abstrato*

Segundo Embick e Noyer (2005), os primitivos sintáticos são as unidades (*morfemas*) com as quais a sintaxe opera. Ou seja, a *raiz* (morfema lexical) e os *morfemas abstratos*, que são conjuntos de traços fonológicos e gramaticais sintático-semânticos. Estes *morfemas* encontram-se organizados em nós terminais (i. e., terminais sintáticos da configuração arbórea).

Na próxima subseção, apresento e discuto a noção de raiz, de acordo com a MD.

3.2.1. Raiz

Raiz é um item lexical (ex.: $\sqrt{\text{CAT}}$, $\sqrt{\text{OX}}$, $\sqrt{\text{SIT}}$)²⁹ composto por uma sequência de traços complexos. Pertence a classes abertas (i. e., nome, verbo e adjetivo) e novas raízes podem ser inseridas na gramática individual de uma determinada língua a qualquer momento.

²⁹ A MD utiliza letras maiúsculas após o símbolo $\sqrt{}$ (ex.: $\sqrt{\text{QUEBR-}}$) para representar a noção de Raiz.

A definição do estatuto da raiz divide os seguidores da MD entre duas perspectivas. A primeira traça o perfil de uma raiz destituída de traços gramaticais sintático-semânticos (cf. HARRIS 1996, EMBICK; NOYER 2007, ACQUAVIVA 2009, NÓBREGA 2015, dentre outros). Nesta linha de investigação, Harris (1996) faz a seguinte afirmação: “(...) raízes não têm nenhuma categoria morfossintática, nenhum gênero, e não há forma de filiação de classe” (HARRIS 1996, p. 105, nota 15)³⁰.

Seguindo o mesmo viés de raciocínio, Acquaviva (2009) afirma que “faltando sintaticamente informações legíveis, elas [raízes] não podem projetar: não podem ser, então, ‘RaizP’, e nenhum argumento pode, pois, aparecer no especificador ou na posição de complemento de uma raiz” (ACQUAVIVA 2009, p. 16)³¹. Isso porque falta à raiz qualquer traço gramatical que lhe permita ser núcleo de um sintagma. É importante salientar que apenas núcleos podem tomar complemento.

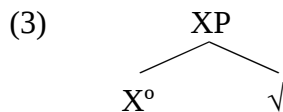
Em favor dessa perspectiva teórica, Nóbrega (2015) propõe que, em um modelo teórico que pretende estabelecer uma relação transparente entre a sintaxe e a morfologia, não se pode admitir que raízes tenham as seguintes propriedades sintáticas:

³⁰ Do original: “(...) roots have no morphosyntactic category, no gender, and no form of class affiliation” (HARRIS 1996, p. 105, note 15).

³¹ Do original: “Lacking syntactically legible information, they cannot project: there can be, then, no ‘RootP’, and no argument may therefore appear in the specifier or complement position of a root” (ACQUAVIVA 2009, p. 14).

a presença de uma categoria sintática ou de informações gramaticais e semânticas restritas a uma determinada categoria sintática, (ii) a capacidade de selecionar argumentos e (iii) a ideia de que as raízes sejam entidades sintáticas autônomas capazes de projetar (NÓBREGA 2015, p. 281).

Ainda sobre o estatuto das raízes, Scher *et al.* (2012), inspirados em Goldberg (1995), em Harley e Noyer (1999) e em Marantz (2001, 2007a, 2007b), afirmam que “a estrutura não é projetada dos itens lexicais – os itens lexicais (raízes acategoriais) é que são licenciados em determinadas estruturas de evento e negociam seu significado com elas” (SCHER *et al.* 2012, p. 7). Desse modo, a estrutura em que uma raiz seria projetada é como a que segue:



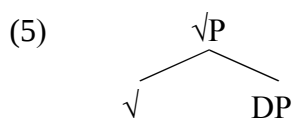
Mais um argumento em favor dessa perspectiva é encontrado em Bassani (2013). Esta autora cita um exemplo com a raiz $\sqrt{\text{CALM}}$ - para propor que, na verbalização *acalmar*, “a presença do prefixo é a evidência morfológica da existência de um núcleo que licencia de modo direto um argumento interno” (BASSANI, 2013, p. 122), como em (4a) abaixo. Segundo ela, essa mesma raiz em uma estrutura nominal, como em (4b), não licencia esse mesmo argumento; nem a verbalização sem prefixo, em (4c), é capaz de fazê-lo. Seguem os dados da autora:

- (4a) O remédio acalmou o paciente.
 (4b) *Calmante o paciente.
 (4c) *O remédio calmou o paciente.

(BASSANI 2012, p. 122, dado 192)

Os dados cima corroboram a hipótese segundo a qual a raiz não seleciona o argumento interno. Caso a seleção desse argumento fosse de competência da raiz, este deveria manter-se também na nominalização, em (4b).

Já a segunda perspectiva concebe a raiz provida de alguma marca capaz de conduzir sua inserção em ambientes específicos, por exemplo, nas classes verbais (cf. EMBICK; HALLE 2005, HARLEY 2014, dentre outros). Nesse sentido, a raiz pode, até mesmo, selecionar argumentos e nuclear constituintes sintagmáticos (cf. HARLEY 2014). Nesta última concepção, a raiz projetaria a seguinte estrutura:



Endossando essa linha de raciocínio, alguns autores propõem que a raiz deve ser provida de algum traço, seja ele [$\pm$ CAUSA], [$\pm$ DINÂMICO] (cf. SCHER,

et al. 2012)³², seja [$\pm$ ESTATIVO] (cf. HARLEY; NOYER 2000), seja um traço de borda não interpretável [uR]³³ (cf. LEGATE 2002, CHOMSKY 2005, NÓBREGA 2014), seja codificado na gramática por meio de índices alfanuméricos (HARLEY 2014). A justificativa para tal proposta é a de que somente diante dessa condição a raiz (ou outros objetos sintáticos) torna-se visível a operações sintáticas. Para Marantz (1997),

(...) raízes podem ter significados especiais (na verdade, elas *devem* ter significados “especiais”, já que são definidas como os elementos cujos significados não são completamente determinados por seus traços gramaticais) no contexto (sintático) de outros elementos dentro de um domínio de localidade (MARANTZ 1997, p. 208).³⁴

Para delinear a proposta da raiz dos verbos de mudança de estado (ver capítulo 5), absorvo alguns pressupostos das duas perspectivas de análise discutidas acima. Da primeira, assumo que este item não tem categoria,

³² “(...) a presença/ausência de duas propriedades combinadas tem como efeito a ocorrência ou não de determinada raiz em determinado contexto. Representaremos isso por meio de uma matriz com os traços [$\pm$ DIN, $\pm$ CAUS]. A propriedade DIN dirá que uma raiz associa-se tipicamente a uma eventualidade dinâmica (não estativa); a propriedade CAUS dirá que a raiz associa-se tipicamente a uma eventualidade causada dentro de uma estrutura de evento” (SCHER *et al.* 2012, p. 8).

³³ Nóbrega (2014) afirma que “a noção de traço de borda (do inglês, *edge feature*) é retirada de Chomsky (2005), tenta captar a ideia de que os itens lexicais – no nosso caso, as raízes – contêm uma propriedade que os permite serem combináveis, a saber, um traço que sinaliza “eu sou concatenável”. Para nós, além dessa informação, esse traço de borda formaliza a necessidade que uma raiz tem de adquirir traços gramaticais e de se tornar visível no espaço computacional, algo que ocorre apenas quando elas são concatenadas a um núcleo categorizador” (NÓBREGA 2014, p. 39, nota 13).

³⁴ Do original: “(...) roots may have special meanings (actually, they *must* have “special” meanings since they’re defined as the elements whose meanings are not completely determined by their grammatical features) in the (syntactic) context of other elements within a locality domain” (MARANTZ 1997, p. 208).

portanto, não projeta. Já da segunda, adoto a proposta segundo a qual a raiz desses verbos tem um traço, que proponho ser o de dinamicidade, em oposição ao de estatividade.

Como vimos, existem vários pontos divergentes no âmbito da MD sobre o real estatuto da raiz. Entretanto, há consenso, no âmbito da literatura, que este item é, de fato, acategorial. Nesta linha de raciocínio, é somente quando se concatena a um núcleo definidor de categoria (*n*, *v*, *a*), na sintaxe, que a raiz tem sua categoria gramatical estabelecida, como detalho a seguir.

3.2.1.1. Categorização da raiz

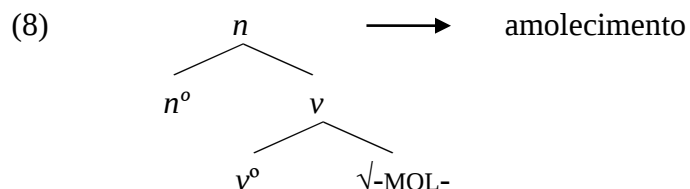
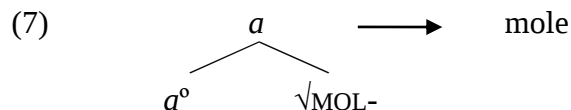
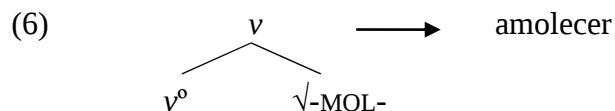
É voz corrente na MD que “raízes não podem aparecer sem estarem categorizadas; raízes são categorizadas na combinação com núcleos funcionais definidores de categoria”.³⁵ (cf. MARANTZ 1995 *apud* EMBICK; NOYER 2007, p. 296). Essa restrição ficou conhecida como Hipótese da categorização. Os núcleos doadores de categoria³⁶ são *v*, *n* ou *a*, que conferem à raiz um

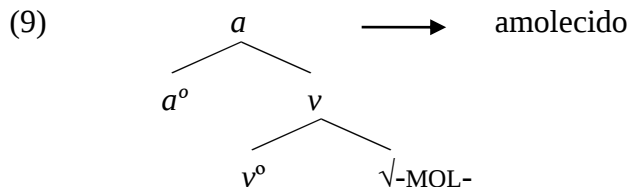
³⁵ Do original: “(...) roots cannot appear without being *categorized*; Roots are categorized by combining with category-defining functional heads” (MARANTZ 1995 *apud* EMBICK; NOYER 2007, p. 296).

³⁶ A MD faz uso dos rótulos “núcleo definidor de categoria”, “núcleo categorizador” ou “categorizador” para se referir aos núcleos *v*, *n* e *a*. Em realidade, esses núcleos fornecem não somente informações de categoria, mas também informações sobre construção e interpretação da estrutura sintática. Essas informações estão contidas em feixes de traços, se valorados ou não, e interpretáveis ou não (cf. NÓBREGA 2014, p. 147).

estatuto de *verbo*, *nome* ou *adjetivo* (cf. MARANTZ 1997, ALEXIADOU; MÜLLER 2005, entre tantos outros).

Acompanhar este viés de raciocínio é mais vantajoso e mais econômico, uma vez que evita uma sobrecarga do léxico como quando se postula que todas as palavras já se encontram completamente formadas (no léxico). Além disso, a sintaxe pode operar com a mesma raiz de diferentes maneiras. Ou seja, uma raiz (por exemplo, $\sqrt{\text{MOL-}}$) pode aparecer em diferentes ambientes sintáticos, não sendo necessário postular entradas lexicais diferentes. Vejamos:





Pelos exemplos acima, percebe-se que as palavras *amolecer*, *mole*, *amolecimento* e *amolecido* têm em comum a mesma raiz ($\sqrt{\text{MOL}}$). Isto significa que devem compartilhar propriedades semelhantes. Observem que, nos dois primeiros casos, apenas uma operação *Merge* é desencadeada. Já nos outros dois, a palavra forma-se por meio de dois *merges* consecutivos. Ou seja, uma palavra já categorizada como verbo (ex.: *amolecer*) pode sofrer um novo *merge*, concatenando-se a *n* ou *a*, e derivar um nome (ex.: *amolecimento*) ou um adjetivo (ex.: *amolecido*).

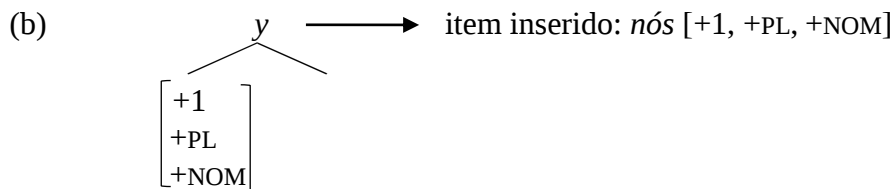
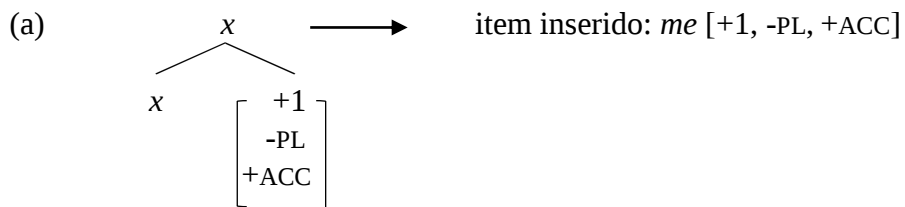
Na subseção seguinte, encontram-se as informações básicas sobre *morfemas abstratos*, conforme pressuposto pela MD.

3.2.2. Morfemas abstratos

O termo *morfema abstrato* é adotado pela MD para se referir a um feixe de traços organizados em um nó terminal sintático. Tal *morfema* é desprovido de material fonológico e está sujeito a operações sintáticas, como *Merge* e *Move*. Nas palavras de Embick e Noyer (2007), “cada morfema é um complexo

de traços, dos quais há dois tipos: fonológicos e gramaticais sintático-semânticos” (EMBICK; NOYER 2007, p. 295)³⁷. Esses traços são universais, disponibilizados pela GU, incluindo o elemento fonológico nulo [$\emptyset$], e são executados (interpretados) pela interface conceitual. Seguem os exemplos:

(10) *Morfemas abstratos*



O *morfema abstrato*, exemplificado em (a), contém o feixe de traços [+1, -PL, +ACC]. Em *Spell-out*, o item de vocabulário que possuir os traços compatíveis com os deste *morfema* será inserido neste nó terminal. No caso em evidência, o pronome *me* satisfaz às condições de inserção. Ressalte-se que, como previsto pela MD, o item a ser inserido não precisa conter todos os traços

³⁷ Do original: “Each morpheme is a complex of features, of which there are two kinds: phonological and grammatical/syntactico-semantic” (EMBICK; NOYER 2007, p. 295).

do *morfema abstrato*, basta que não haja traço conflitante entre eles. Ou seja, um item contendo traço [+PL] não pode ser inserido em um terminal que contém o traço [-PL]. Portanto, antes de ocorrer a inserção de vocabulário, algumas operações morfológicas podem ser aplicadas aos nós terminais. Este é o assunto da próxima seção.

3.3. As operações morfológicas

Algumas das operações morfológicas previstas pela MD para organizar os feixes de traços (*morfemas abstratos*) nos nós terminais podem ocorrer nos próprios nós, antes de a inserção de vocabulário tomar lugar. Entre essas operações, encontram-se: empobrecimento, fusão e cisão. A seguir, apresento e exemplifico algumas propriedades dessas operações.

3.3.1. Empobrecimento

Empobrecimento de traços é uma operação que consiste em alterar traços morfossintáticos de *morfemas*, organizados em nós terminais, antes de ocorrer a inserção de vocabulário (cf. BONET 1991, EMBICK; NOYER 2007). A aplicação das regras de empobrecimento permite que determinado nó tenha seus traços subespecificados e, por isso, torna-se possível a inserção de itens menos marcados nesse ambiente.

O clítico “espúrio” *se*, do espanhol, é um exemplo da aplicação dessa regra. Segundo Bonet (1991), este clítico é inserido quando coocorrem, em uma mesma construção, um clítico dativo e um acusativo, ambos de 3ª pessoa. Contrariamente, quando ocorre apenas o dativo, ele se realiza como *le(s)*, exemplificado em (11b) abaixo; e se o acusativo ocorrer isolado, ele se realiza como *lo(s)*, em (11a). Seguindo Bonet (1991), Oliveira (2009) afirma que o “clítico *se* é resultado de um processo fonológico de dissimilação, que consiste na passagem de *le(s)* para *se*, com a consequente perda do traço de número” (OLIVEIRA 2009, p. 37). Os dados a seguir, colhidos de Bonet, exemplificam a aplicação desse clítico:

(11a) El regalo, no **lo** dí a Carmela.

The present, not 3rd-Acc. gave (1st) to Carmela.

‘I did not give the present to Carmela’

‘O presente, não **o** dei a Carmela’

(11b) A Carmela, no **le** dí el regalo.

To Carmela, not 3rd-Dat gave (1st) the present

‘A Carmela, não **lhe** dei o presente’

(11c) A Carmela, el regalo, no **se lo** dí.

A Carmela, the present, not *se* 3rd-Acc gave (1st)

‘A Carmela, o presente, não **o** dei **a ela**/não *lho* dei’

(BONET 1991, p. 153, exemplo (31))

Percebemos, pelos exemplos acima, que a aplicação da regra de empobrecimento de traços dos nós terminais permite que um item seja inserido em mais de um contexto. A seguir, vejamos como ocorre o processo de fusão de traços.

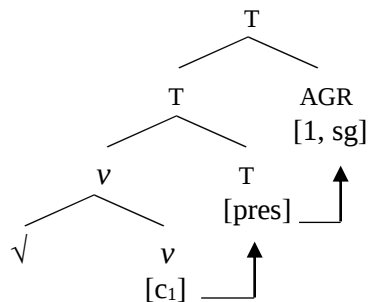
3.3.2. Fusão

Fusão é a operação que junta traços de diferentes nós terminais e permite que apenas um item de vocabulário realize tais traços. Para Siddiqi (2009, p. 24), este processo existe para dar conta de situações em que *Merge* não é a operação mais adequada para distribuir IVs em uma cadeia. Segundo o autor, este é o caso, por exemplo, dos traços de tempo (T^0) e de concordância ($AgrS^0$) que são juntados em um novo nó, e ambos os traços se realizam pelo mesmo item de vocabulário.

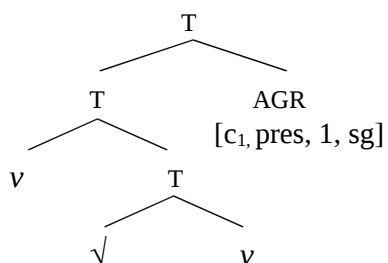
Bassani e Lunguinho (2011), investigando verbos do PB, afirmam que “a fusão opera de forma local e pode combinar os núcleos [$v + T + AGR$]; [$v + T$] e [$T + AGR$], mas não [$v + AGR$]”. Exemplo de fusão, segundo esses autores, ocorre com a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular do tempo presente (ex.: *canto*, *cantas* e *canta*), nas três classes de conjugação do PB, em que os terminais [v , T e AGR] fundem-se em um apenas. Assim sendo, é inserido um

único item de vocabulário, realizando os traços dos nós que foram fundidos. A estrutura a seguir exemplifica como se processa tal fusão:

(12) *Verbo antes da fusão*



(13) *Verbo após a fusão*

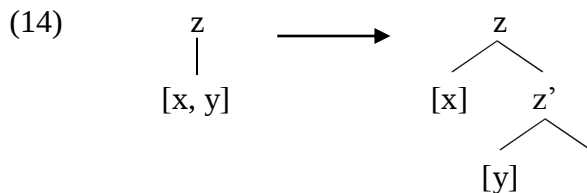


(BASSANI; LUNGUINHO 2011, exemplos (11) e (12))

A seguir, descrevo a operação inversa à fusão, ou seja, a fissão (divisão) de nós terminais.

3.3.3. Fissão

A fissão, de acordo com Noyer (1992), McGinnis (1995), Halle (1997), entre outros, consiste na divisão de um nó terminal em dois ou mais. Esta operação morfológica “envolve movimento de traços de um nó sintático interno a outro nó, deixando uma cópia dos traços movidos” (MCGINNIS 2005, p. 166)³⁸, dentro de uma mesma projeção (por exemplo, z). Observem o exemplo abaixo:



O processo de fissão ocorreria inicialmente como qualquer outra inserção de item de vocabulário. Entretanto, para Cyrino *et al.* (2008):

simultaneamente a tal inserção, é gerado um morfema (i. e., nó terminal) subsidiário para onde são copiados os traços que não tenham sido requeridos para combinar com os expoentes do morfema inicial. Sendo assim, o processo de fissão envolve algum tipo de checagem de resultados parciais da derivação (CYRINO *et al.* 2008, p. 4).

³⁸ Do original: “(...) involves movement of features from one head-internal syntactic node to another, leaving behind a copy of the moved features” (MCGINNIS 2005, p. 166).

Quando a fissão ocorre, os itens de vocabulário não estão em competição para a inserção, pois sempre que um item principal for inserido, uma posição adicional torna-se disponível e um item “subsidiário” é alocado nesta nova posição.

De acordo com Siddiqi (2009), exemplo mais comum de fissão é a separação dos traços-*phi* (pessoa, número), que passam a ser codificados por *morfemas* (nós terminais) independentes. Em circunstâncias normais, cada nó terminal é preenchido por apenas um conteúdo fonológico; isto é, um único nó está sujeito à inserção de um único item de vocabulário (cf. EMBICK; NOYER 2007).

Assumindo a mesma linha de investigação dos autores acima, Nóbrega, (2014) afirma o seguinte:

o componente morfológico especificará se todos esses traços – por exemplo, os traços presentes no categorizador nominal e verbal, como os traços ϕ – serão fissionados em nós terminais distintos a serem preenchidos por diferentes IVs, ou se serão preenchidos por um único IV (e.g., número e pessoa nos verbos do PB). Essa distribuição, no entanto, é determinada pela língua (NÓBREGA 2014, p. 200).

Harley e Noyer (1999) exemplificam o processo de fissão com dados da língua Tamazight Berber. Segundo os autores, na conjugação prefixal desta língua, o morfema AGR pode aparecer como um, dois ou três itens de

vocabulário diferentes. Além disso, esses itens podem realizar-se como prefixo ou como sufixo, conforme exemplificado em (15a). Em (15b), estão os itens de vocabulário aptos à inserção.

(15a) *Tamazight Berber Prefix Conjugation, dawa ‘cure’*

	<i>Singular</i>	<i>plural</i>
3m	i-dawa	dawa-n
3f	t-dawa	dawa-n-t
2m	t-dawa-d	t-dawa-m
2f	t-dawa-d	t-dawa-n-t
1	dawa-γ	n-dawa

(15b) *Vocabulary items*

/n-/	↔	1 pl
/γ-/	↔	1
/t-/	↔	2
/t-/	↔	3 sg f
/-m/	↔	pl m (2)
/i-/	↔	sg m
/-d/	↔	sg (2)
/-n/	↔	pl
/-t/	↔	f

(HARLEY; NOYER 1999, p. 6)

Em (15b), alguns traços dos itens de vocabulário encontram-se entre parênteses. Segundo os autores referidos acima, isto significa que tais itens só

podem ser inseridos se os traços dos parênteses já tiverem sido descarregados. Por exemplo, *-m* só pode ser inserido em um verbo ao qual *-t* '2' já tenha se ligado (ex.: *t-dawa-m*). Assim, os parênteses denotam traços que são secundariamente expressos por um item de vocabulário, enquanto os traços representados por itens primários não se encontram marcados. Estes podem ser inseridos sem que aqueles tenham sido.

Harley e Noyer (1999) ainda observam que, a uma forma como *t-dawa-n-t* (FEM.PL) 'you cure', são adicionados três afixos, *t-*, *-n*, e *-t*. Os afixos são inseridos, segundo esses autores, em uma ordem determinada pela Hierarquia de Traços³⁹. Por isso, *t-* '2' é adicionado em primeiro lugar, em seguida, *-n* 'plural' e, finalmente, *-t* 'feminino'.

Por outro lado, quando uma forma tem apenas um afixo *n-dawa* 'we cure', a inserção de *n-* '1 pl' bloqueia a inserção de $\gamma-$ '1'. Isso mostra que dois itens de vocabulário podem aparecer disjuntivos, mas não por competirem para a mesma posição, mas por competirem para descarregar o mesmo traço.

Após a aplicação das operações necessárias à boa formação da palavra, a inserção de vocabulário deve ocorrer. Este é o assunto discutido na próxima seção.

³⁹ Segundo Harley e Noyer (1999), na Geometria de Traços de Harley e Ritter (1998), fissão separa traços de subtraços e realiza-os como afixos separados, resultando o mesmo efeito.

3.4. A inserção de vocabulário (IV)

Para a MD, a sintaxe opera com conjuntos de traços abstratos gramaticais sintático-semânticos, tais como: [pl], [pess], [pass], [perf], [acc], [cause], entre tantos outros. Opera também com núcleos categorizadores (*n*, *v*, *a*) e com núcleos funcionais, por exemplo, Tempo (T^0), Complementizador (C^0), Aspecto (Asp^0), Causativo (v^0). Tais núcleos são providos de conteúdo fonológico em PF por meio da operação inserção de vocabulário, após as operações morfológicas serem aplicadas e os arranjos se estabelecerem, na sintaxe. É válido ressaltar que a operação de inserção de vocabulário inicia no morfema mais encaixado, isto é, na raiz.

A IV envolve a associação de itens vocabulares a morfemas abstratos. Cada item (ex.: *me*, *nós*, *afixos*) é composto de um conjunto de traços sintáticos, morfológicos, semânticos. Esses traços devem se combinar com os traços do nó terminal em que ocorrerá a inserção. Embick e Noyer (2007) apresentam um exemplo de inserção do plural do inglês:

(16) $z \leftrightarrow [pl]$

Além do traço /-z/, o plural [pl] em inglês pode ser representado ainda pelo item /-Ø/, como em *moose*-Ø; e /-en/, como em *ox*-en. Vejam que há um único morfema abstrato (i. e., nó terminal), cujo traço é [pl], disponível para a

inserção do plural, e há vários itens competindo para ocupar tal nó (-z, -Ø, -en). Vence a competição o item com o mesmo traço ou com a maior quantidade de traços presentes no terminal sintático.

Para Embick e Noyer (2007), essa diversidade fonológica representando o mesmo traço é chamada de “alomorfia contextual”, condicionada pela raiz no contexto de [pl]. Tal condicionamento é viável, uma vez que a raiz e o *morfema* [pl] encontram-se numa relação local quando a inserção de vocabulário ocorre. Seguem exemplos dos autores:

(17) [pl] ↔ /-en/ {√OX, √CHILD, ...}

(18) [pl] ↔ /-Ø/ {√MOOSE, √FOOT, ...}

Quando a regra de inserção se aplica no caso do plural do inglês, o [pl] é pronunciado como /-Ø/ no contexto de *moose* e como /-en/ no contexto de *ox*, dada a alomorfia contextual. Essa competição entre os itens é regulada pelo princípio do subconjunto, descrito a seguir.

3.4.1. Princípio do subconjunto

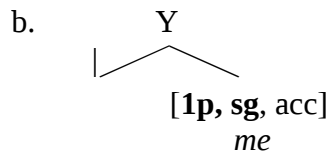
O princípio de subconjunto regula a inserção do item de vocabulário em um determinado nó terminal. Segundo Halle (1997):

O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido num morfema na sequência terminal se o item combina todos ou um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não toma lugar se o item de vocabulário contém traços não presentes no morfema. Se vários itens de vocabulário cumprirem as condições para inserção, o item correspondente ao maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido (HALLE 1997, p. 128)⁴⁰.

Saliente-se que todos os IVs podem competir para inserção em um nó terminal, conforme afirmam Harley e Noyer (1999). Vejamos um exemplo hipotético desta competição:

(19) *Nó terminal Y*

Item A: [1p, sg] ↔ *me*
 Item B: [1p] ↔ *eu*



Em (19), os dois itens de vocabulários (A e B) competem para inserção no terminal Y, em (b). Entretanto, A vence a competição por ter um

⁴⁰ Do original: “The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen” (HALLE 1997, p. 128).

subconjunto maior de traços presentes em Y. Ou seja, A tem dois traços dos três apresentados neste nó, enquanto B carrega apenas um desses traços.

Apesar de haver restrição quanto à inserção de vocabulário, alguns estudos preveem que um item pode ser subespecificado para determinados traços. Esta possibilidade é regulada pela subespecificação dos itens de vocabulário (*Underspecification*), uma propriedade conectada com inserção tardia. Neste caso, a única restrição é a de que este item não tenha traços conflitantes (não presentes) com os do terminal sintático no qual será inserido. Nas palavras de Siddiqi (2009, p. 15), “o nó pode conter mais traços que o IV especificado para ser inserido em tal posição, mas o IV não pode ser mais altamente especificado que o nó”⁴¹. Vejamos, a seguir, como a subespecificação opera e quais as consequências da mesma para a inserção de vocabulário.

3.4.2. Subespecificação de itens de vocabulário

Ainda sobre a inserção de vocabulário, pode ocorrer de um mesmo item ser inserido em dois nós distintos. Esta possibilidade é regulada pela propriedade de subespecificação dos itens de vocabulário. Para ilustrar tal afirmação, empresto um exemplo de Bassani (2013) com o clítico *lhe*. Em PB, este clítico pode denotar tanto 2ª pessoa quanto 3ª pessoa do singular, o que o

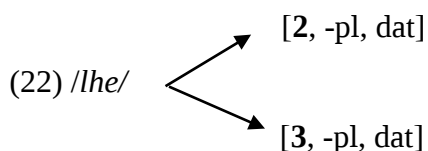
⁴¹ Do original: “The node may contain more features than the VI is specified for, but the VI may not be more highly specified than the node” (SIDDIQI 2009, p. 15).

torna subespecificado para pessoa. Os dados apresentados pela autora exemplificam tal afirmação:⁴²

(20) Oi Maria_i! Trouxe este texto para *lhe_i* entregar.

(21) Não se preocupe, Maria! O Paulo_i vai receber a sua carta. Eu mesmo pedi para o Pedro *lhe_i* entregar.

Segundo Bassani (2013), dois conjuntos distintos de traços gramaticais correspondem à forma fonológica *lhe*. Ou seja, em (20), este pronome clítico refere-se à Maria, que é a interlocutora (2ª pessoa). Em (21), este mesmo clítico faz referência a Paulo, que não é o interlocutor, mas sim a pessoa sobre quem é feita a referência (3ª pessoa). Segue a representação dos dois conjuntos de traços:



(BASSANI 2013, p. 16)

A MD sugere que itens de vocabulário, como o exemplificado acima, podem ser subespecificados para algum tipo de traço. No entanto, os nós terminais receptores desses itens devem ser completamente especificados, isto

⁴² Dados colhidos de Bassani (2013, p. 16, exemplos 13-15).

é, esses nós devem conter traços sintáticos e semânticos. Posto assim, um único item pode aparecer em mais de um contexto sintático-semântico.

Essa subespecificação também ocorre com outros dados do PB. Por exemplo, com o verbo *cantar* no pretérito mais que perfeito do indicativo, a mesma forma é utilizada tanto para a 1ª pessoa do singular (eu *cantava*) quanto para a 3ª do singular (ele *cantava*). Observem a especificação dos traços nas duas ocorrências:

(23a) [*cantar*: pret. mais que perfeito, **1p**, sg]

(23b) [*cantar*: pret. mais que perfeito, **3p**, sg]

Os dados (23a) e (23b) deixam-nos entrever que a forma *cantava*, por ser subespecificada para pessoa (**1p** e **3p**), pode ser inserida em dois contextos distintos. Ou seja, tanto no contexto de primeira pessoa do pretérito mais que perfeito quanto no de 3ª pessoa deste mesmo tempo verbal.

Outro exemplo dessa subespecificação vem de Embick e Noyer (2007), emprestados de Golla (1970 [1960]), sobre os prefixos de pessoa/número marcadores de sujeito e de objeto na língua Hupa⁴³, pertencente à família Athabaskan:

⁴³ A língua Hupa, pertencente à família de línguas Athabaskan', é falada na América do Norte, mais especificamente no sul do Pacífico, com concentração no norte da Califórnia. Das línguas atabascanas da Califórnia, Hupa é a fonologicamente mais preservada e mais elaborada gramaticalmente, conforme afirmação de Golla (1960, p. 11).

(24) *Subject and Object Markers*

	Subject	Object
1S	W-	Wi-
2S	n-	ni-
1PL	di-	noh-
2PL	oh-	noh-

(EMBICK; NOYER 2007, p. 300)

Nas formas do plural representadas em (24), os itens *di-* e *oh-* aparecem na posição de sujeito e são distintos entre 1ª e 2ª pessoas do plural. Já na posição de objeto, o item *noh-* é a realização das duas pessoas gramaticais. Ressalte-se que os nós terminais em que esses itens são inseridos devem ser completamente especificados, mas os itens não obrigatoriamente precisam ser, basta que estes não contenham traços conflitantes (traços não presentes) com os do nó. De acordo com os autores, os nós terminais que devem abrigar os itens da forma plural, em (24) acima, são especificados da seguinte maneira:

(25) *Feixes de traços*⁴⁴ *dos nós terminais*

$$\begin{array}{llll} \text{a.} & \begin{bmatrix} +1 \\ +\text{PL} \\ +\text{SUBJ} \end{bmatrix} & \text{b.} & \begin{bmatrix} +2 \\ +\text{PL} \\ +\text{SUBJ} \end{bmatrix} & \text{c.} & \begin{bmatrix} +1 \\ +\text{PL} \\ +\text{OBJ} \end{bmatrix} & \text{d.} & \begin{bmatrix} +2 \\ +\text{PL} \\ +\text{OBJ} \end{bmatrix} \end{array}$$

(EMBICK; NOYER 2007, p. 300)

⁴⁴ Para a MD, feixes de traços constituem *morfemas abstratos*, organizados em nós terminais.

A seguir estão os traços dos itens de vocabulário plural que competem para inserção nos nós terminais acima:

(26) *Feixes de traços dos itens de vocabulário*

- a. [+1 +PL +SUBJ] ↔ di-
- b. [+2 +PL +SUBJ] ↔ oh-
- c. [+PL+ OBJ] ↔ noh-

(EMBICK; NOYER 2007, p. 300)

De acordo com os dados expostos em (25) e (26) acima, os autores apresentam a seguinte explicação: em (25a) e (25b), os sujeitos (1ª e 2ª pessoas) são representados por itens diferentes, conforme (26a) e (26b). Já em (25c) e (25d), um único item realiza as duas pessoas na posição de objeto, ilustrado em (26c). Portanto, como o item *noh-* não possui um traço que especifique 1ª ou 2ª pessoa, ele é subespecificado em relação aos traços de pessoa, podendo ser inserido em dois contextos diferentes. Ou seja, é considerado uma forma *default*. Tal constatação configura um ganho teórico, uma vez que não é necessário assumir que existem dois itens diferentes, e sim apenas um (*noh-*) codificando traços distintos.

Sobre a concatenação dos objetos sintáticos, a MD propõe que esta ocorre em ciclos, isto é, em fases, como previsto pelo Programa Minimalista

(CHOMSKY 1995, 2001, 2005). Tal modelo é amplamente assumido pela MD. Portanto, apresento a seguir as ideias básicas de fases.

3.5. Das Fases de Chomsky

Chomsky (1995, 2001, 2005) e trabalhos subsequentes assumem que a estrutura sintática deve ser gerada em fases cíclicas e enviada em blocos (fases) para as interfaces fonológica (PF) e semântica (LF). Para o autor, as projeções CP e vP constituem domínios fásicos por apresentarem domínios semântico e fonológico completos. Essa intuição inspirou Halle e Marantz (1993) a adotarem a noção de fases na formação da palavra, propondo que núcleos que formam categorias ‘lexicais’ (adjetivo, nome, verbo) também podem ser fásicos, uma vez que possuem conteúdo fonológico e semântico.

Segundo Chomsky (1995, 2001, 2005), a língua é um sistema organizado hierarquicamente. Para tanto, objetos sintáticos (SOs) já prontos são juntados, por meio da operação *Merge*, a outros objetos originando um novo objeto. Por exemplo, *merge* de X e Y resulta na formação do objeto {X, Y}, com os dois elementos permanecendo invariáveis. *Merge* pode aplicar-se sucessivas vezes se houver motivação para tal. De acordo com o autor, esta

motivação é devida à valoração/checagem do “traço de margem” (EF)⁴⁵, que é não interpretável.

Como vimos, o foco principal de *Merge* é concatenar (juntar) dois sintagmas diferentes. *Merge* aplica-se núcleo a núcleo e vários *merges* podem ocorrer na formação de uma palavra. De acordo com Wurmbrand (2014), dentre outros, a restrição para *Merge* se estabelecer é a seguinte: “Concatene α e β se α puder valorar um traço de β ” (WURMBRAND 2014, p. 130)⁴⁶.

Para Chomsky, “(...) expressões de uma língua são comumente pronunciadas em um lugar e interpretadas em outro” (CHOMSKY 2005, p.7).⁴⁷ Esse movimento, mediado por *Merge*, permite a valoração de traços formais, conforme prevê a proposta da teoria de checagem de traços de Chomsky (1995). No entanto, para que *Merge* se aplique e objetos possam ser concatenados, é necessário haver uma relação entre uma sonda (*probe*) e um alvo (*goal*), operando da seguinte maneira: a sonda, que é um traço não valorado (ininterpretável) em determinado núcleo, busca em seu domínio um traço interpretável (alvo) semelhante ao seu. Por ser interpretável, este traço é capaz de atribuir valor ao traço da sonda.

⁴⁵ Do inglês: *Edge feature*.

⁴⁶ Do original: “Merge α and β if α can value a feature of β ” (WURMBRAND 2014, p. 130).

⁴⁷ Do original: “(...) expressions are commonly pronounced in one place and interpreted in others as well” (CHOMSKY 2005, p. 7).

A operação sintática (*Merge*) descrita acima ocorre em ciclos, ou seja, dentro de um certo domínio de localidade denominado de fases. Assim que a fase se completa, o objeto formado sofre *Spell-out*, sendo enviado em blocos ao componente fonológico e semântico para receber material fonológico e interpretação adequados. Uma consequência direta do fechamento de uma fase é a estrutura formada tornar-se inacessível a operações sintáticas adicionais. Tal inacessibilidade é regulada pela “Condição de Impenetrabilidade de Fase” (PIC)⁴⁸. Essa Condição prevê que “qualquer alvo no domínio de um núcleo fásico é impenetrável a uma sonda fora da fase” (RADFORD 2004, p. 153).

Entretanto, Galves (2010) afirma que a localidade dos processos, garantida pela “Condição de Impenetrabilidade das Fases”, permite que a borda (i. e., margem) da fase (i. e., o núcleo) continue acessível a processos de fora. Já ao complemento de cada fase é vedado o estabelecimento de relações diretas para fora da fase. As relações de movimento ocorrem, então, “entre o interior da fase e suas bordas, e entre as bordas e o exterior da fase” (GALVES 2010, p. 7). Como um item lexical não pode entrar na derivação sem que seus traços sejam satisfeitos, esta necessidade da sonda precisa ser satisfeita para a sentença convergir.

⁴⁸ Radford (2004), seguindo Chomsky (2001), estabelece a seguinte restrição para *Phase Impenetrability Condition/PIC*: Any goal in the (c-command) domain of a phase head is impenetrable to a probe outside the phase (RADFORD 2004, p. 153).

A seguir, apresento as principais ideias desenvolvidas ao longo deste capítulo.

3.6. RESUMO DO CAPÍTULO

A MD é uma teoria cujo pressuposto básico reside na morfologia, ou seja, nos itens que se juntam para a formação da “palavra”. De acordo com tal teoria, cada “palavra” tem uma estrutura sintática exatamente como a sentença tem. Portanto, a formação da palavra deve obedecer às mesmas regras e restrições previstas para a formação de sentenças.

Para a realização de operações sintáticas, a MD propõe listas que abrigam os *primitivos sintáticos* com os quais a sintaxe opera, opondo-se, dessa maneira, a visões lexicalistas. São três as listas assumidas pela MD: na lista 1, encontram-se os *morfemas abstratos* e a *raiz*, organizados em nós terminais; na lista 2, estão os itens de vocabulário que serão inseridos nos nós terminais; na lista 3, estão as entradas enciclopédicas que relacionam itens de vocabulário a significados.

De posse dessas listas e inspirados no Minimalismo, os seguidores da MD propõem que os itens são concatenados em fases cíclicas, via *Merge*, e posteriormente enviados à LF e PF onde recebem conteúdo fonológico e

interpretação adequados. Esta operação é conhecida como *Spell-out* (ou inserção tardia).

Como podemos perceber, a MD não assume um módulo específico responsável pela formação de palavras. Para tal teoria, a palavra é formada por diversos processos distribuídos entre diferentes componentes da gramática (i.e., sintático, morfológico e fonológico), por meio de operações combinatórias (ex.: empobrecimento, cisão, fusão, entre outras). Daí a denominação *Morfologia Distribuída*.

O capítulo subsequente apresenta a teoria da Estrutura de Eventos, cujos pressupostos contemplam noções semântico-lexicais. Os seguidores dessa teoria creditam a posição dos argumentos aos predicadores semânticos.

CAPÍTULO 4: ESTRUTURA DE EVENTOS

Inúmeras propostas sobre os tipos de eventos contemplando as mais diferentes perspectivas teóricas vêm ganhando espaço dentro dos estudos linguísticos recentes. Os seguidores da Estrutura de Eventos propõem que os eventos são mapeados de acordo com a representação semântica de cada argumento previamente determinada no léxico de uma língua. Posicionando contra esta prévia determinação, a MD propõe que esses eventos são mapeados na sintaxe. Neste capítulo, discorro sobre os dois tipos de propostas.

Para tanto, este capítulo estrutura-se em quatro seções, a saber: a seção 4.1 apresenta e discute algumas propostas semânticas da Estrutura de Eventos; a seção 4.2 descreve a telicidade das classes vendlerianas; a seção 4.3 discute as representações da Estrutura de Eventos ocorrendo na sintaxe, como proposto pela MD; por fim, a seção 4.4 sumariza as ideias básicas do capítulo.

4.1. ALGUMAS REPRESENTAÇÕES SEMÂNTICAS DOS TIPOS DE EVENTO

De acordo com Tenny e Pustejovsky (2000), a proposta de uma estrutura temporal e aspectual atrelada aos verbos remete à obra *Metaphysics* de Aristotle (1933), na qual já se previa uma tipologia de eventos baseada na

estrutura temporal interna do verbo. Mais tarde, esta concepção ganha força com os estudos de Vendler (1957, 1967), como veremos na próxima subseção.

4.1.1. As classes verbais vendlerianas

Vendler (1957, 1967), adotando a perspectiva da semântica lexical, propõe a existência de quatro classes verbais, identificando-as por meio das propriedades temporais (duração, terminação e estrutura temporal interna). O autor denomina essas quatro classes assim: *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Essa tipologia segue descrita de acordo com o autor, e exemplifico-as com dados do PB.

- Os *estados* são eventos estáticos, isto é, não dinâmicos, que envolvem um tempo indefinido. Verbos dessa classe são atélcos, isto é, não apresentam um ponto de culminação do acontecimento. Exemplifico com os verbos do PB *saber*, *amar* e *estar*:

(1) Chris sabe português.

(2) Maria ama seu namorado.

(3) Os exercícios estão fáceis.

- As *atividades* opõem-se aos estados, pois são eventos homogêneos, dinâmicos. Esses verbos não indicam tempo único e definido, são também atélcos. Vejamos os dados abaixo com *empurrar*, *nadar* e *correr*:

(4) A criança empurrou um carrinho durante a tarde inteira.

(5) Sandra nadou nas Olimpíadas do Rio.

(6) Fábio correu pela manhã.

- Os *achievements* são eventos dinâmicos, instantâneos, pontuais, acontecem em um momento único. São verbos télcos. Seguem exemplos com os verbos *morrer*, *acalmar* e *derreter*:

(7) O passarinho morreu.

(8) A população se acalmou.

(9) O açúcar derreteu.

- Os *accomplishments* são processos que indicam tempo único e definido e têm um ponto final natural. São, portanto, verbos télcos. Os verbos *matar*, *acalmar* e *derreter* exemplificam essa classe.

(10) O caçador matou o passarinho.

(11) Os governantes aclamaram a população.

(12) A cozinheira derreteu o açúcar.

Essa tipologia proposta por Vendler (1957, 1967) é a mais ampla tipologia aspectual para verbos, perpassando por diversas áreas da linguística. Vários trabalhos desenvolveram-se com base nas classes vendlerianas propondo revisões e/ou alterações das mesmas, por exemplo, Dowty (1979), Kamp (1979a, 1979b), Smith (1991), Verkuyl (1993), Levin (1993), Levin e Rappaport Hovav (1995), Rothstein (2004), Bach (2005), Marantz (2005, 2006a, 2007a, 2007b, 2013a, 2013b), entre tantos outros. A maioria desses trabalhos distingue basicamente, de um lado, os verbos estativos e, de outro, os verbos não estativos (ou eventos), como afirmam Tenny e Pustejovsky (2000, p. 5).

Baseando-se nas quatro classes de Vendler (1957, 1967), Dowty (1979) propõe os operadores abstratos, baseados em fórmulas para medir o tempo de duração de cada evento. Este é o assunto da próxima subseção.

4.1.2. Os operadores abstratos

Seguindo Vendler, Dowty (1979) discute e desenvolve as quatro classes vendlerianas, considerando acarretamento, interação com modificadores temporais e interação com tempo. Para tanto, este autor descreve essas classes por meio dos operadores abstratos DO, CAUSE e BECOME. Em trabalho recente para o PB, Oliveira (2009) afirma que “na descrição [desses eventos], os verbos

são predicados de eventos e os papéis temáticos denotam as funções dos participantes nos eventos” (OLIVEIRA 2009, p. 58).

No intuito de consolidar a proposta dos operadores abstratos, Dowty (1979) propõe fórmulas que, segundo ele, daria conta de calcular e medir a duração de tempo dos eventos das quatro classes vendlerianas. Seguem exemplos dessas fórmulas, adaptados de Dowty (1979, p. 123-124):

(13a) Estados: $\pi_n (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$. Ex.: *John knows the answer.*

(13b) Atividades: $DO (\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)])$. Ex.: *John is walking.*

(13c) Achievements: $BECOME [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)]$. Ex.: *John discovered the solution.*

(13d) Accomplishments: $[[DO (\alpha_1, [\pi_n (\alpha_1, \dots, \alpha_n)])] CAUSE [BECOME [\rho_n (\beta_1, \dots, \beta_n)]]]$. Ex.: *John broke the window.*

Dowty (1979) afirma que os verbos de estados não possuem estrutura interna, ou seja, são predicados simples, abstendo-se de intervalos de tempo. Portanto, não se encontram sob escopo de nenhum operador. Já os verbos de atividades são determinados pelo operador DO. Os *achievements* encontram-se sob o escopo de BECOME, e a ausência do operador CAUSE indica que não há um agente na estrutura. Os *accomplishments* mantêm em sua estrutura três operadores: DO, CAUSE e BECOME. A informação sobre o agente é obtida pelo operador DO, que é regido por CAUSE (um agente X causa a mudança de

estado em Y) e, por seu turno, BECOME adiciona a informação de mudança/resultado final. Os *accomplishments* são eventos complexos mediados por CAUSE, em que há dois subeventos: um causador e um causado.

Trabalhos recentes em Semântica Lexical – inspirados na Semântica Gerativa da década de 70 (LAKOFF 1970, ROSS 1972, dentre outros) – aperfeiçoam a proposta dos operadores abstratos de Dowty (1979) e decompõem as classes vendlerianas em predicados primitivos, que são “uma forma de representar o sentido por meio de uma estrutura de predicados e argumentos” (AMARAL 2015, p. 46). Nessa perspectiva teórica, Dowty (1979), Levin e Rappaport Hovav (1992, 2005), Levin (2000), Cançado *et al.* (2013), entre tantos outros, investigam quantos são e como se realizam os argumentos de um verbo, considerando a estrutura de decomposição de predicados em que são projetados. Para Levin e Rappaport Hovav (2005), um argumento robusto para distinguir eventos simples de complexos fundamenta-se na representação semântica lexical dos argumentos. Essas autoras afirmam o seguinte:

Estruturas de evento têm duas propriedades que as tornam particularmente eficazes: elas codificam uma distinção entre eventos simples e complexos – uma distinção que tem repercussões na realização do argumento – e elas fazem uma distinção entre o significado nuclear de um verbo – sua raiz – e os componentes de

significado que identificam o tipo de evento do verbo (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV 2005, p. 4).⁴⁹

Apoiando-se em outros trabalhos, como Grimshaw e Vikner (1993), van Hout (1996), Rappaport Hovav e Levin (1998), Kaufmann e Wunderlich (1998) e Levin e Rappaport Hovav (1995), Levin (2000) assume a restrição prevista pela *Argument-Per-Subevent Condition*⁵⁰, segundo a qual deve haver, no mínimo, um argumento XP na sintaxe por subevento na estrutura de evento. Seguem as estruturas abaixo propostas por Levin (2000, p. 2), para as quais elaboro exemplos do PB:

- (14a) ACTIVITY: [x ACT<MANNER>] Ex.: João corre.
 (14b) STATE: [x <STATE>] Ex.: Chris sabe inglês.
 (14c) ACHIEVEMENT: [BECOME [x<STATE>]] Ex.: A maçã apodreceu.
 (14d) ACCOMPLISHMENT:[[x ACT<MANNER>] CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]
 Ex.: Marcos quebrou a janela.

Pelas estruturas de decomposição dos predicados acima, notam-se que as representadas em (14a), (14b) e (14c) projetam apenas um argumento (ou na posição de sujeito, ou na posição de objeto). Já em (14d), a estrutura é complexa (dois eventos) mediada por CAUSE. Esta estrutura tem um argumento

⁴⁹ Do original: “Event structures have two properties that make them particularly effective: they encode a distinction between simple and complex events – a distinction which has repercussions for argument realization – and they make a distinction between the core meaning of a verb – its root – and the components of meaning that identify the verb’s event type” (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV 2005, p. 4).

⁵⁰ *Argument-Per-Subevent Condition*: There must be at least one argument XP in the syntax per subevent in the event structure (LEVIN 2000, p. 13).

(agente) para o operador ACT (x ACT), do primeiro evento, e um argumento (Y) para o verbo (representado pela categoria ontológica *STATE*), do segundo evento. Por sua vez, BECOME toma [Y <STATE>] como argumento.

A Semântica Lexical adota a notação X e Y como variáveis que representam os argumentos que saturam um predicado: X satura ACT e Y satura <STATE>. Os elementos entre colchetes angulados, <MANNER> e <STATE>, são representações das raízes ontológicas. ACT, BECOME e CAUSE são predicados. Os colchetes separam os eventos. Apenas (14d) representa dois eventos: [X ACT<MANNER>] e [BECOME [Y <STATE>]]. CAUSE intermedeia a relação entre um evento e outro, atribuindo à construção a semântica de causa.

Sobre a alternância verbal, mais especificamente sobre a alternância *causativo-incoativa*, considerando a decomposição semântica em predicados primitivos, muitos autores afirmam que ela está restrita à propriedade de mudança de estado (cf. CANÇADO *et al.* 2013, AMARAL 2015, entre outros). Ou seja, para esses autores, basta que as construções alternantes tenham as estruturas que seguem:

- | | |
|--|------------------|
| (15a) v: [BECOME [Y <STATE>]] | <i>incoativa</i> |
| (15b) [[X ACT(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]] | <i>causativa</i> |

⁵¹ Cançado *et al.* (2013) adotam a presença do modificador VOLITION nas estruturas causativas. Se a estrutura for estritamente agentiva, VOLITION é grafado sem uso de parênteses; já nas estruturas opcionalmente agentivas, o uso dos parênteses em (VOLITION) marca essa opcionalidade.

Os dados acima refletem a discussão anterior. Ou seja, a estrutura [BECOME [Y <STATE>]] está inserida na estrutura causativa. Esta estrutura tem dois eventos: o primeiro, [X ACT_(VOLITION)], representa o agente ou a causa responsável pela mudança de estado (evento causador). Já o segundo, [BECOME [Y <STATE>]], representa a mudança de estado (evento causado).

É válido ressaltar que nosso objeto de investigação são os tipos de verbos representados em (14c) e (14d) acima. Alerto, ainda, que a filiação teórica desta pesquisa é a MD. Recorro à Estrutura de Eventos para propor que esta pode emergir da sintaxe (cf. MARANTZ 2005, 2006a, 2006b, 2007a, 2007b), por meio de afixos (ver capítulo 5), e não por meio de predicadores semânticos.

Na próxima seção, apresento e discuto a telicidade das classes verbais propostas por Vendler (1957, 1967).

4.2. A telicidade das classes vendlerianas

Rothstein (2004), analisando particularidades das quatro classes de verbos propostas por Vendler (1957, 1967), observa que há uma importante regularidade entre elas capaz de categorizar eventualidades ou tipos de eventos. Para a autora, tal regularidade é determinada por duas propriedades: (i) se o tipo

de evento é marcado por um ponto final natural (i.e., $\pm$ télico) ou (ii) se o evento é dinâmico e tem estágios (i.e., $\pm$ estágio).

A primeira propriedade proposta por Rothstein (2004), ($\pm$ télico), agrupa atividades de um lado, e *achievements* e *accomplishments* de outro. Estes últimos, segundo a autora, constituem eventos [$+$ télico], enquanto os verbos de atividades são eventos [$-$ télico]. Assim, se *João corre*, não há maneira de determinar até que ponto este evento de atividade ocorre. Não obstante, a atelicidade deste evento de atividade pode ser quebrada se acrescentarmos, por exemplo, uma expressão que indica o ponto em que a corrida termina: *João corre até o marco de chegada*. Contrariamente, os *achievements* e os *accomplishments* têm um ponto final que é determinado pela descrição da eventualidade, visto por exemplo em *Maria chegou à estação* e em *Maria leu um livro*. Em ambos os eventos, o ponto final é alcançado, respectivamente, quando Maria chega ao local desejado e quando Maria termina a leitura.

Para verificar a telicidade das construções, Rothstein (2004), seguindo outros autores, sugere a aplicação de teste por meio da modificação adverbial, em que a expressão *em x tempo* verifica VPs télicos, e *por x tempo* verifica os VPs atélicos. Por meio dessa expressão adverbial, é possível identificar se o evento tem um ponto final natural ou se ele tem estágios. Abro espaço, neste ponto, para uma ressalva sobre os dados do PB, qual seja: apesar de cientes de

que esses testes apresentam problemas e não devem, portanto, ser utilizados como o único meio para verificar a telicidade dos eventos, são as ferramentas das quais disponho no momento. Portanto, serão utilizados no capítulo 6, quando testarei a telicidade das construções *causativo-incoativas*. Exemplifico esses testes com dados colhidos de Rothstein (2004, p. 8).

(16a) John knew Mary for years/*in a year. [atélico]

(16b) John danced for hours/*in an hour. [atélico]

(16c) John spotted Mary in a few minutes/*for a few minutes. [télico]

(16d) John built the house in a few weeks/*for a few weeks. [télico]

Diante da fragilidade de tais testes, muitos pesquisadores sugerem a verificação de outros fatores que levam à telicidade, como o tipo do objeto (definido, singular), a delimitação do espaço, cumulatividade e quantificação (cf. KRIFKA 1998, entre outros). No capítulo 6 desta tese, discuto a telicidade dos eventos motivados pela hipótese de que esta por si só não é capaz de definir com segurança nem a classe dos *accomplishments*, nem a das atividades. Para tanto, submeto as construções *causativo-incoativas* a alguns desses testes.

Em Filip (2000), encontra-se uma intuição semelhante à descrita no parágrafo anterior. A telicidade, segundo a autora, envolve associação de um ponto final (i. e., *telos*) ao evento, e alguns verbos, de fato, acarretam lexicalmente um *telos* para o evento que eles descrevem (ex.: *acabar*,

terminar). Entretanto, o ponto final de um evento pode ser derivado através da interação entre as propriedades referenciais de certos tipos de argumento (ex.: *objeto quantificado*) e a semântica lexical do verbo.

Em uma perspectiva semelhante à de Filip (2000), mas considerando dados do PB, Wachowicz (2008) sugere que a informação sobre a telicidade não se encontra no léxico, e sim que este aspecto é resultado de operações linguísticas que estão fora do léxico. Esta afirmação de Wachowicz corrobora a tese que será defendida no sexto capítulo deste texto, no qual também assumo que as informações sobre a telicidade das construções com verbos de mudança de estado não são inerentes ao verbo, mas sim que surge da correlação deste com seu argumento interno. Empresto da autora os exemplos abaixo:

(17a) João *comeu* bem. [atélico]

(17b) João *comeu* todo o chocolate. [télico]

(WACHOWICZ 2008, p. 63)

Na literatura aspectual, existem muitos trabalhos que assumem que o traço [$\pm$ télico] agrupa os verbos de atividades e de estados de um lado e os *achievements* e *accomplishments* de outro. Nos dados em (17) acima, Wachowicz chama a atenção para o fato de o verbo *comer* ser atélico em (17a) e télico em (17b), considerando que *comer* é durativo na primeira construção; e que, na segunda, é progressivo, mas com ponto final determinado.

Diante desse fato, pode-se afirmar que, se o traço de telicidade fosse, de fato, uma propriedade do léxico como muitos defendem, atividades, como *comer*, *correr*, *dançar*, deveriam ser sempre atéticas, enquanto *accomplishments*, como *construir*, *quebrar*, *abrir*, sempre seriam télicos. Entretanto, tal previsão é contrariada, por exemplo, por (17b) acima, uma vez que a simples adição do DP *todo o chocolate* transforma uma atividade em *accomplishment*, passando a realizar o traço aspectual [tético]. Sendo assim, neste contexto, a ação de comer é pontual e ocorre *em x tempo*.

Endosso a análise de Wachowicz (2008), afirmando que o mesmo comportamento dúbio se verifica com os *achievements*. Essas construções são consideradas, pela grande maioria dos autores que investigam a telicidade dos verbos, inerentemente télicas, como Vendler (1957, 1967). No entanto, se o argumento interno, que sobe para a posição de argumento externo dos *achievements*, for um plural nu, por exemplo, a atelicidade é possível até mesmo com essas construções. Vejamos:

(18a) Os vidros quebraram *em apenas 2 minutos*.

(18b) Vidros quebraram *durante o terremoto*.

A constatação feita por Wachowicz (2008) confirma a dependência entre o verbo e seu argumento interno, que deve ser quantificado e definido nos *accomplishments*. Assim, se um verbo que teoricamente é de atividade, em

(19a) abaixo, selecionar um objeto quantificado e definido, ele passa a se comportar como *accomplishment* (19b). Ademais, o inverso também pode ocorrer, ou seja, um *accomplishment* (20a) passa a codificar uma atividade se o objeto selecionado for de quantificação genérica ou massiva (20b), conforme afirma Wachowicz (2008, p. 63). Confiram os dados abaixo:

(19a) João correu. [atélico]

(19b) João correu **os três quarteirões**. [télico]

(20a) João construiu **uma casa** *em um mês*. [télico]

(20b) João construiu **casas** *durante a faculdade de engenharia*. [atélico]

Uma longa discussão sobre essa alternância entre télicos e atélicos é encontrada em Dowty (1979). Este autor afirma não ter encontrado “um único verbo de atividade que não possa ter um sentido de *accomplishment* em, pelo menos, um contexto especial” (DOWTY 1979, p. 61). Para o autor, o inverso também se confirma como verdade.

Retomando a discussão de Rothstein (2004), a segunda propriedade apontada pela autora para identificar as classes vendlerianas, em adição à telicidade, é o progressivo. Tal propriedade indica se o evento pode ter estágios ou não. Segundo a autora, geralmente estados e *achievements* não aparecem no progressivo; já atividades e *accomplishments* podem, sim, aparecer neste tempo. Rothstein (2004, p. 11-15) exemplifica com os seguintes dados:

- (21a) *John is believing in the afterlife/loving Mary. (*state*)
 (21b) *Mary is recognizing John/losing her pen. (*achievement*)
 (21c) Mary is running/walking. (*activity*)
 (21d) John is building a house. (*accomplishment*)

Diante disso, Rothstein (2004) propõe que as propriedades aspectuais [±télico] e [±estágio] são capazes de distinguir as quatro classes vendlerianas. Como já vimos, o traço [±télico] indica se o evento atinge seu ponto final ou não; e o traço [±estágio] informa se o evento é instantâneo ou se ele tem intervalos de tempo. Extraímos da autora a tabela abaixo:

Classes	[±estágio]	[±télico]
Estados	-	-
Atividades	+	-
<i>Achievements</i>	-	+
<i>Accomplishments</i>	+	+

Tabela 2: Traços aspectuais distintivos das quatro classes verbais
 (ROTHSTEIN 2004, p. 12)

Todas as propostas discutidas acima são de cunho semântico. Portanto, de acordo com esta perspectiva teórica, a semântica determina as classes dos verbos e, na decomposição de predicados primitivos, é a semântica que determina a posição dos argumentos, estando dissociada tanto dos papéis temáticos quanto da sintaxe.

Entretanto, com o advento da MD, na década de 90, propostas sobre estruturas de eventos concebidas na sintaxe também ganham espaço. Marantz (2006a) propõe que os categorizadores (v^o) introduzem eventos, na sintaxe. Dessa forma, este autor rejeita a proposta de predicadores exercendo tal função. Esse é o assunto da próxima seção.

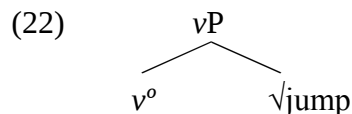
4.3. REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DOS EVENTOS SEGUNDO A MD

Ritter e Rosen (1998, 2000) asseguram que a classificação de evento de um predicado toma informação do verbo, de seus argumentos e de qualquer adjunto que apareça na construção. Essa afirmação sugere que eventos são composicionalmente determinados. Como tal composicionalidade é melhor operacionalizada na sintaxe, os autores assumem que a estrutura de evento é sintaticamente codificada. Esta é a mesma assunção prevista pela MD.

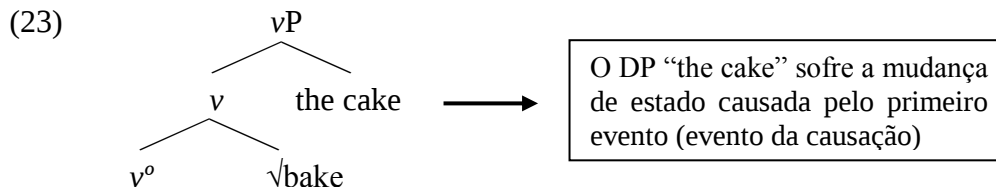
Partindo da indagação “qual é a relação entre sintaxe, morfologia e estrutura de argumento”, Marantz (2006a) desenvolve o artigo *Argument Structure through Syntax: Events in the VP*. Numa visão antilexicalista, o autor defende a decomposição de eventos ocorrendo na sintaxe, posicionando-se contra as teorias que a assumem como propriedade do léxico ou que é a hierarquia temática que determina o mapeamento dos argumentos na sintaxe.

A MD preconiza que as palavras de categorias lexicais N, V e A são compostas na sintaxe por meio da combinação dos categorizadores *n*, *v* e *a* com a raiz. O *verbalizador* introduz um evento, uma eventualidade, que pode ser tanto um evento ou um estado. Desse modo, esta investigação tem o intuito de contribuir teoricamente com a MD, uma vez que elaboro uma restrição para a alternância *causativo-incoativa* baseada nos traços do *morfema abstrato*, sob o rótulo da ASP^o, introduzindo eventos e argumentos.

De acordo com Marantz (2006a), os verbos de atividades, como *jump* “pular” e *run* “correr”, são monoeventivos (um só evento). Neste caso, o *v*^o concatena-se diretamente à raiz. Observe a estrutura a seguir:

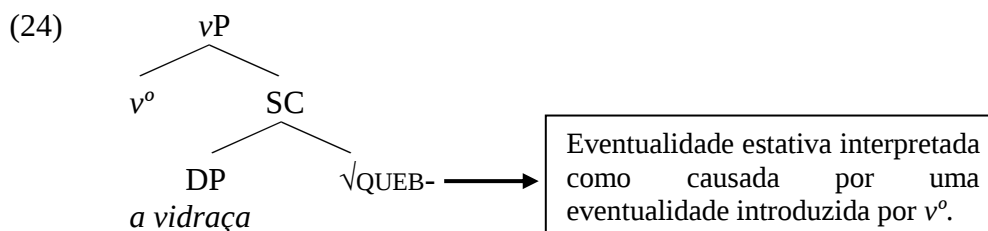


Já os verbos do tipo de *bake* “assar”, *build* “construir” e *clean* “limpar” têm um objeto direto que sofre uma mudança de estado. Esses verbos são bieventivos, uma vez que possuem outro *v*^o concatenado com o *v*^o de atividade, resultando na seguinte estrutura:



(MARANTZ 2006a, p. 2)

A estrutura que Marantz (2006a) propõe para os verbos de mudança de estado é a que segue em (24). Neste tipo de estrutura, “a raiz do verbo pode nomear um estado que é causado pela atividade introduzida pelo núcleo *v*” (MARANTZ 2006a, p. 3)⁵². Sendo assim, a estrutura denota duas eventualidades, a saber: uma estativa e uma dinâmica. Esses verbos são núcleos do complemento de *v*°, ou seja, do evento mais baixo (evento causado). Para o autor, verbos que compartilham essas características geralmente alternam, ocorrendo em construções *causativo-incoativas*. Segue a estrutura conforme a proposta de Marantz (2006a, p. 3):



⁵² Do original: “The verb root can name a state that is caused by the activity introduced by the little *v* head” (MARANTZ 2006a, p. 3).

Para Marantz (2005), em uma estrutura do tipo ilustrado em (24), o DP (ex.: *a vidraça*) complemento do verbo denota um evento que sofre uma mudança de estado (ex.: o DP *a vidraça* passa de “não quebrada” a “quebrada”). Então, “a interpretação de uma *small clause* como evento de mudança de estado seria desencadeada pela posição sintática dessa *small clause* como complemento de v^o ” (MARANTZ 2005, p. 8).⁵³

Na análise apresentada nos capítulos 5 e 6, assumo que v^o se concatena com uma projeção ASP, e não com uma *small clause*. E é no núcleo de ASP^o que estão os traços necessários, [+DINÂMICO, +INCOATIVO], à introdução do evento dinâmico e do argumento interno.

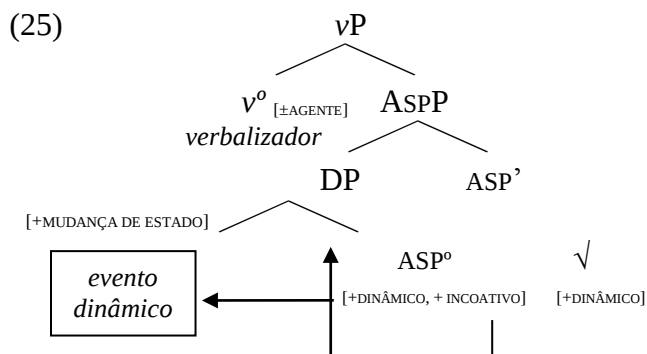
Em 2013, no artigo *Verbal argument structure: Events and participants*, Marantz reforça sua tese ao afirmar que um único DP complemento do núcleo v sofre uma mudança de estado se o núcleo verbal é interpretado como evento dinâmico. Nas palavras do autor, “assim, em um sintagma verbal como ‘abrir a porta’, o v é dinâmico e o objeto direto é interpretado como sofrendo uma mudança de estado” (MARANTZ 2013, p. 156).⁵⁴ Essa afirmação do autor corrobora, de certa maneira, a tese segundo a qual toda raiz do verbo causativo

⁵³ Do original: “The interpretation of a syntactic ‘small clause’ as a change of state event would be, in either case, triggered by the syntactic position of the small clause as complement to little v ” (MARANTZ 2005, p. 8).

⁵⁴ Do original: “So, in a verb phrase like ‘pen the door’, the little v is dynamic and the direct object is interpreted as undergoing a (caused) change of state” (MARANTZ 2013, p. 156).

deve ser inserida em um ambiente dinâmico. Todavia, assumo em minha proposta teórica que o núcleo que introduz este evento é ASP° e não v° (a proposta detalhada sobre a introdução deste evento encontra-se nos capítulos 5 e 6). Minha análise atribui a v° funções importantes sobre a codificação do tipo de argumento externo das construções em que este núcleo está inserido.

Nos capítulos 5 e 6, delinheio a proposta teórica segundo a qual os verbos de mudança de estado possuem um núcleo ASP° entre a raiz e o v° verbalizador. A minha hipótese é a de que esse núcleo ocuparia o lugar da SC, em (24) acima, proposto em Marantz (2006a). A opção por um núcleo aspectual, ASP°, justifica-se pela natureza aspectual dos traços dos afixos {a-/en-/es-...-ec-} que motivam tal projeção. A estrutura dos verbos de mudança de estado conforme minha proposta é a que segue:



Conjecturo, ainda, que diferentes traços podem abrigar-se no núcleo de ASP, por exemplo, um traço [P], que estaria disponível na estrutura dos verbos de *locatum* e de *location* (cf. HALE; KEYSER 1993, 2002). Os detalhes desta proposta serão apresentados nos próximos capítulos.

Apresento, a seguir, um resumo das principais ideias desenvolvidas neste capítulo teórico.

4.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo mostrou o percurso do desenvolvimento da Estrutura de Eventos, cujos pressupostos embasam-se no tempo interno dos acontecimentos. Nessa perspectiva, a proposta mais relevante é a de Vendler (1957, 1967), segundo a qual este tempo interno agrupa os verbos em quatro classes distintas: estados, atividades, *achievements* e *accomplishments*. Outras propostas baseadas nas classes vendlerianas surgiram com intuito de aperfeiçoá-las ou modificá-las, mas sempre considerando a noção de tempo interno do verbo. Uma das propriedades relacionadas a este tempo interno e defendida por muitos autores é o aspecto [$\pm$ télico], que insere atividades no grupo [-télico], e os *achievements* e *accomplishments* no [+télico].

Estudos mais recentes na linha da decomposição de predicados primitivos (ex.: DO, CAUSE, BECOME), inspirados em Dowty (1979),

colocam as classes vendlerianas sob o escopo de algum operador. Dessa maneira, os verbos de atividades são determinados pelo operador DO. Os *achievements* encontram-se sob o escopo de BECOME (mudança de estado). Os *accomplishments* mantêm em sua estrutura três operadores: DO, CAUSE e BECOME. A informação sobre o agente é obtida pelo operador DO, que é regido por CAUSE (um agente X causa a mudança de estado em Y) e, por seu turno, BECOME adiciona a informação de mudança/resultado final. Apenas os estados não se encontram sob escopo de nenhum operador, pois são predicados que se abstêm de intervalos de tempo.

No âmbito da MD, trabalhos recentes propõem que as operações ocorrem na sintaxe e, portanto, é na sintaxe que os eventos são introduzidos. Marantz afirma que as categorias lexicais N, V e A são compostas na sintaxe via combinação dos categorizadores *n*, *v* e *a* com a raiz.

Tendo em conta os dados a serem analisados e o aporte teórico adotado, nos dois capítulos a seguir, delineio minha proposta teórica, cuja base são os traços aspectuais presentes na formação do verbo de mudança de estado.

CAPÍTULO 5: OS MORFEMAS ABSTRATOS: RAIZ, ASPº E Vº

De posse do objeto de investigação e do aporte teórico adotado, este capítulo dedica-se à análise dos traços dos *morfemas abstratos*⁵⁵ que formam os verbos de mudança de estado. Esses traços, segundo a hipótese geral que busco defender, são condicionantes da alternância *causativo-incoativa* em PB⁵⁶, interferindo diretamente na estrutura argumental dos verbos em análise. Para o desenvolvimento do capítulo, tenho por objetivo responder às perguntas a seguir.

- (i) Quais traços compõem os *morfemas abstratos* que formam o verbo de mudança de estado? Como esses traços se organizam nos terminais sintáticos? Quais as consequências dessa operação para a estrutura argumental e a alternância de tais verbos?
- (ii) Como se processa a inserção de vocabulário nos nós terminais que abrigam a raiz, os afixos e o verbalizador? Ou seja, em PB, quais itens devem preencher esses nós e em que condições tal inserção ocorre?

Com o intuito de responder as perguntas acima, este capítulo estrutura-se em cinco seções, a saber: a seção 5.1 apresenta a proposta sobre o *morfema*

⁵⁵ Segundo a MD, *morfema abstrato* é o nome atribuído ao feixe de traços organizado em um terminal sintático.

⁵⁶ Para maiores detalhes sobre este tipo de verbo, remeto o leitor ao capítulo 2 desta tese.

raiz; a seção 5.2 define, sob o rótulo de ASP°, o *morfema abstrato* (terminal sintático) que se concatena com a raiz; a seção 5.3 discute a categorização da raiz do verbo de mudança de estado; a seção 5.4 descreve a IV nos *morfemas abstratos*; e, por fim, a seção 5.5 traz o resumo do capítulo.

5.1. MORFEMA LEXICAL: A RAIZ

Como discuti no capítulo 3, a definição do estatuto de uma raiz divide os seguidores da MD entre duas perspectivas: a primeira assume que a raiz é destituída de informações gramaticais e/ou semânticas. Portanto, não constitui núcleo sintático e não projeta argumentos. Já a segunda considera que este item pode carregar todas essas informações ou, pelo menos, algumas delas. Todavia, parece haver consenso em relação à categorização deste item ocorrer após sua concatenação com um núcleo *verbalizador*.

Diante dos fatos expostos acima, defendo a hipótese que contempla algumas propriedades postuladas por cada uma das correntes teóricas. Ou seja, a raiz do verbo de mudança de estado é acategorial e sua categoria é definida quando se concatena, na sintaxe, com o *verbalizador* [$\pm$ AGENTE]. Por ser destituída de categoria, esta raiz é inabilitada a projetar argumentos, sendo inserida na posição de complemento do núcleo ASP°. Não obstante, assumo que a raiz desses verbos porta o traço aspectual de dinamicidade em oposição ao de

estatividade⁵⁷. No desenvolvimento desta seção, apresento argumentos em favor dessa proposta.

Entre tantos trabalhos que contemplam informações contidas na raiz, ressalto o de Levin e Rappaport (1995) sobre verbos causativos do inglês. Pela importância desse trabalho, as autoras são seguidas, pelo menos, por Reinhart (2000) e por Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006). Para todos esses autores, causa é a propriedade que determina se um verbo alterna ou não e está lexicalizada na raiz, que pode manifestar-se de quatro maneiras distintas. Assim sendo, o tipo de verbo e a alternância definem-se com base no tipo de raiz.

Não sigo exatamente esta proposta para os verbos de mudança de estado do PB. Afirmo que causa não se encontra lexicalizada na raiz e que a alternância resulta da combinação de traços aspectuais dos *morfemas abstratos* que se concatenam para derivar o verbo de mudança de estado. Além disso, reforço que o traço que a raiz deve carregar é o de dinamicidade, em oposição ao de estatividade. Apresento, na sequência, o resumo da proposta dos autores (*op. cit.*) sobre os diferentes tipos de raiz e as justificativas que me levam a refutá-la, pelo menos, parcialmente.

⁵⁷ Adoto a proposta do traço **aspectual dinâmico** da raiz em oposição ao traço aspectual **estativo**, conforme Smith (1991). O autor propõe cinco classes aspectuais derivadas da oposição entre os traços temporais: **estativo/dinâmico**, durativo/instantâneo, télico/atélico. *Accomplishments*, segundo o autor, são eventos dinâmicos, durativos e télicos; já os *Achievements* são dinâmicos, instantâneos e télicos (SMITH 1991).

O verbo de *raiz agentiva* restringe o papel temático do argumento externo a agente. Tal restrição é fator determinante para que a alternância *causativo-incoativa* não seja liberada. Seguem exemplos com o verbo *cut* “cortar” coletados de Levin e Rappaport Hovav⁵⁸:

(2a) The baker cut the bread.	<i>agent subject</i>
(2b) O padeiro cortou o pão.	<i>sujeito agente</i>
(3a) *The lightning cut the clothesline.	<i>*causer subject</i>
(3b) *O relâmpago cortou o varal.	<i>*sujeito causador</i>
(4a) *The bread cut.	<i>*anticausative</i>
(4b) *O pão cortou.	<i>*anticausativa</i>

Minha análise vai de encontro à desses autores, uma vez que a informação sobre a alternância de um verbo não se encontra na raiz, mas sim nos traços aspectuais dos *morfemas abstratos*, mais especificamente na presença (ou na ausência) do traço [INCOATIVO] na estrutura do verbo. Essa hipótese será mais bem detalhada nas próximas subseções.

Outro tipo de verbo é o de *raiz externamente causada*, cuja informação veiculada é a de que “a ação deve ser instigada por um argumento diferente daquele que sofre a ação” (cf. HARLEY; NOYER 2000, p. 20).⁵⁹ Esse tipo de

⁵⁸ Os dados de (2) a (13) são colhidos de Levin e Rappaport Hovav (1995: p. 97, 105-106).

⁵⁹ Do original: “The action must be instigated by an argument other than the one undergoing the action” (HARLEY; NOYER 2000, p. 20).

raiz não impõe muita restrição ao tipo de argumento externo, que pode ser tanto um agente como uma causa. Entretanto, não alterna na forma intransitiva. O verbo *destroy* “destruir” representa essa classe, conforme os exemplos abaixo:

(5a) John destroyed the parcel.	<i>agent subject</i>
(5b) John destruiu o pacote.	<i>sujeito agente</i>
(6a) The explosion destroyed the parcel.	<i>causer subject</i>
(6b) A explosão destruiu o pacote.	<i>sujeito causador</i>
(7a) *The parcel destroyed.	<i>*anticausative</i>
(7b) *O pacote destruiu.	<i>*anticausativa</i>

Para efeitos da alternância, nossa análise prevê que verbos como o descrito acima se comportam semelhantemente aos do primeiro tipo. Ou seja, é o tipo de traços aspectuais dos *morfemas abstratos* envolvidos na formação dos verbos que determinam o bloqueio da alternância, e não a causa lexicalizada na raiz. Ademais, minha análise prevê que na estrutura desses verbos falta o traço aspectual [+INCOATIVO], analisado na seção 5.2.

O verbo de *raiz internamente causada* codifica que “a ação é sempre dependente do argumento interno, que sofre a mudança de estado. É também chamado de evento espontâneo” (cf. HARLEY; NOYER 2000, p. 20)⁶⁰. De

⁶⁰ Do original: “The action is always dependent on the argument undergoing the change of state. Also called spontaneous” (HARLEY; NOYER 2000, p. 20).

acordo com Alexiadou *et al.* (2006), este tipo de verbo aparece apenas na forma intransitiva. Exemplo do inglês é *blossom* “florescer”, como segue:

(8a) *The gardener blossomed the cactus.	* <i>agent subject</i>
(8b) *O jardineiro floresceu o cacto.	* <i>sujeito agente</i>
(9a) *The warm weather blossomed the cactus.	* <i>causer subject</i>
(9b) *O clima quente floresceu o cacto.	* <i>sujeito causador</i>
(10a) The cactus blossomed early.	<i>anticausative</i>
(10b) O cacto floresceu cedo.	<i>Anticausativa</i>

A hipótese que levanto para explicar a não alternância deste tipo de verbo é a de que a raiz desses verbos é verbalizada por um v^0 que possui o traço [-AGENTE]. No entanto, pela delimitação de espaço e de tempo, as reais propriedades que bloqueiam a projeção do argumento externo desses verbos devem ser investigadas em trabalhos futuros.

Por fim, o verbo de *raiz não especificada para causa* não restringe o papel temático do argumento externo, que pode ser um agente (+/- controle), uma causa, um instrumento ou um evento. “A ação pode casualmente originar ou com o objeto da ação ou com um outro argumento” (cf. HARLEY; NOYER

2000, p. 20).⁶¹ Verbo desse tipo sempre alterna na forma *causativo-incoativa*. O verbo *break* “quebrar” ilustra esta classe:

(11a) The vandals broke the window.	<i>agent subject</i>
(11b) Os vândalos quebraram a janela.	<i>sujeito agente</i>
(12a) The storm broke the window.	<i>causer subject</i>
(12b) A tempestade quebrou a janela.	<i>sujeito causador</i>
(13a) The window broke.	<i>anticausative</i>
(13b) A janela quebrou.	<i>anticausativa</i>

O quadro abaixo sumariza a discussão de Alexiadou *et al.* (2006) sobre os diferentes tipos de raiz, conforme o tipo de causa lexicalizada. Assim, o tipo de raiz indica a possibilidade de um verbo participar ou não da alternância.

Raiz √	Exemplos	Alternam
(i) agentiva	<i>murder, assassinate, cut</i>	não
(ii) externamente causada	<i>destroy, kill, slay</i>	não
(iii) internamente causada	<i>blossom, wilt, grow</i>	não
(iv) causa não especificada	<i>break, open, melt</i>	sim

QUADRO 4: Síntese das informações da raiz, segundo Alexiadou *et al.* (2006)

Minha análise contempla a classe (iv), a que contém, segundo os autores (*op. cit.*), *raiz de causa não especificada*. Somente este tipo de verbo é

⁶¹ Do original: “The action may causally originate either with the object of the action or with another argument” (HARLEY; NOYER 2000, p. 20).

habilitado a participar da alternância *causativo-incoativa*. Entretanto, não sigo a abordagem lexicalista segundo a qual os itens verbais vêm do léxico com informações sobre a alternância lexicalizadas em sua raiz. Minha proposta prevê que as palavras se constituem na sintaxe, por meio da relação entre os traços dos *morfemas abstratos* (raiz, ASP^o e v^o). Nesta relação, o traço mais relevante é o incoativo, presente em ASP^o.

Diante da discussão acima, minha hipótese é a de que a liberação da alternância *causativo-incoativa* consiste, principalmente, na presença do traço [+INCOATIVO] no verbo de mudança de estado, projetado em ASP^o. Este traço conecta-se com o *verbalizador* [±AGENTE], e este, por sua vez, se conecta com o núcleo que projeta o argumento externo, informando que tal argumento deve ser de causa não especificada (i. e., papéis semânticos variados: agente, causa, instrumento, evento). Nesse ambiente, não há bloqueio do alçamento do argumento interno para a posição de Spec-TP. Dessa forma, a participação do verbo de mudança de estado tanto na construção causativa quanto na incoativa é consolidada. Essa análise será detalhada nas subseções 5.2 e 5.3.

Voltando à raiz, proponho que a condição inicial para que entre na formação dos verbos de mudança de estado é ser especificada para dinamicidade. Isso porque estes verbos se causativizam, e eventos causativos desencadeiam mudanças que, conseqüentemente, exigem transformação, isto é,

acarretam ao argumento interno a passagem de um estado a outro. Vejam como essa mudança ocorre com o verbo *quebrar*:

(14a) A tempestade quebrou as telhas da minha casa.

(14b) As telhas da minha casa *tornaram-se quebradas*.

Pelos dados acima, percebemos que o argumento interno de quebrar, *as telhas*, sofre uma mudança em suas propriedades físicas causada pela força desencadeadora *a tempestade*. Assim, *as telhas* passam de *não quebradas a quebradas*. Segundo a análise que assumo, a dinamicidade desencatilha o processo de mudança.

Corroborando a hipótese da presença da dinamicidade na raiz dos verbos de mudança de estado, Beavers (2008) afirma que predicados dinâmicos são “predicados que envolvem alguma ‘mudança’ ou mudança potencial em algum participante, incluindo predicados de mudança de estado, de movimento e de consumo/destruição” (BEAVERS 2008, p. 245)⁶². Na próxima subseção, apresento mais evidências da dinamicidade da raiz.

5.1.1. A raiz e o traço de especificação para dinamicidade

Entre tantas propostas sobre traços da raiz, no âmbito da MD, assumo a

⁶² Do original: “(...) predicates that involve some ‘change’ or potential change in one participant, including change-of-state, motion, and consumption/destruction predicates” (BEAVERS 2008, p. 245).

do traço aspectual [+DINÂMICO], uma vez que, além de tornar a raiz visível à inserção na sintaxe, este traço viabiliza a inserção deste item, pelos prefixos {*a-*/*en/es-*}, em um ambiente dinâmico (ex.: $\sqrt{\text{QUEBR-}}$ [+DINÂMICO]; $\sqrt{\text{PODR-}}$ [+DINÂMICO]; $\sqrt{\text{MOLH-}}$ [+DINÂMICO]). Tal ambiente será, posteriormente, delimitado pelo argumento interno do verbo, que marca o ponto final da mudança de estado sofrida por tal argumento. É válido lembrar que o traço [+DINÂMICO] é uma propriedade não só dos verbos de mudança de estado, exemplificado em (i) abaixo, mas também dos outros verbos agentivos, em (ii). Vejamos alguns dados do PB que exemplificam essa proposta teórica inicial.

(i) Raiz [+DINÂMICO] → requerida na formação de verbos de mudança de estado (ex.: $\sqrt{\text{QUEBR-}}$ e $\sqrt{\text{PODR-}}$)

(15a) O professor quebrou a caneta.

(15b) A caneta (se) quebrou.

(16a) A umidade apodreceu a maçã.

(16b) A maçã apodreceu.

(ii) Raiz [+DINÂMICO] → requerida na formação de verbos de atividades (ex.: $\sqrt{\text{CANT-}}$ e $\sqrt{\text{DIRIG-}}$)

(17a) O garoto cantou uma música romântica.

(17b) *Uma música romântica cantou.

(18a) O motorista dirigiu meu carro.

(18b) *Meu carro dirigiu.

(iii) **Raiz [-DINÂMICO] → requerida na formação de verbos estativos (ex.: √SAB- e √EST-)**

(19a) O jovem sabe a resposta certa.

(19b) *A resposta sabe.

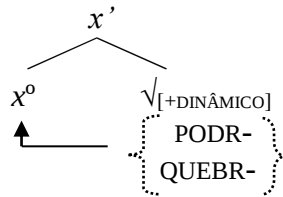
(20a) Maria está em casa.

(20b) *Em casa está.

Os dados acima levantam pistas de que a alternância *causativo-incoativa* emerge quando, pelo menos, um requisito básico é atendido: a raiz do verbo de mudança de estado vier da lista 1 para a sintaxe especificada para o traço de dinamicidade. Caso a raiz porte o traço [-DINÂMICO], dará origem a verbos estativos, como exemplificado em (iii) acima. Reforço, contudo, que o traço aspectual [+DINÂMICO] é uma propriedade relevante do verbo em análise, mas não é o fator que determina a alternância deste verbo entre duas construções distintas, uma vez que verbos de atividades são dinâmicos e não alternam.

Em suma, retomo do capítulo 3 o que afirmam Scher *et al.* (2012) sobre a raiz: “a estrutura não é projetada dos itens lexicais – os itens lexicais (raízes acategoriais) é que são licenciados em determinadas estruturas de evento e negociam seu significado com elas”. A estrutura abaixo, com os verbos *apodrecer e quebrar*, sinaliza que, para ser requerida por um dado núcleo, a raiz precisa estar visível a esta operação. O traço [+DINÂMICO] cumpre tal exigência.

(21)



Na próxima seção, desenvolvo, em detalhes, a proposta sobre quais são os traços aspectuais do *morfema abstrato* que se concatena com a raiz do verbo de mudança de estado. Antecipo que, pela natureza dos traços contidos neste *morfema*, eu o rotulo de ASP^o.

5.2. MORFEMA ABSTRATO: O NÚCLEO DE ASPP

Nesta seção, apresento evidências dos traços aspectuais que corroboram a proposta da projeção ASP. Conjecturo que, em PB, tal projeção encontra motivação nos traços dos afixos $\{a-/en-/es-...-ec-\}$, fonologicamente realizados ou não. Esses afixos se juntam, simultaneamente, à raiz $[+DINÂMICA]$ e formam os verbos de mudança de estado. Antes de delinear a proposta para os dados do PB, busco na literatura linguística evidências de outras línguas em que núcleos aspectuais operam na sintaxe. Este é o assunto da próxima subseção.

5.2.1. O núcleo de ASPP: algumas evidências

Pesquisas sobre projeções de núcleos aspectuais motivadas pelos mais diversos traços aspectuais das palavras (ou dos sintagmas) não são novidades

nem são triviais na teoria linguística. As interessantes descobertas neste campo têm atraído diversos pesquisadores a assumirem tal fenômeno para lidar com dados de diferentes línguas. Por exemplo, a literatura propõe um núcleo aspectual, geralmente sob o rótulo de ASP°, abrigando traços de perfectivo/imperfectivo, progressivo/durativo ou habitual (cf. BYBEE 1985, CINQUE 1999, SVENONIUS 2007). Inúmeras línguas (ex.: as línguas eslavas, como o russo, o tcheco, etc.) marcam aspecto na morfologia por meio de afixos.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Svenonius (2007) afirma que no russo há um sistema rico de marcação aspectual por meio de afixos. Nesta língua, sufixos marcam tempo, como é o caso do verbo *pisal* “write/escrever”, em que *pisu* “write/escrever” realiza o tempo presente, e *pisal* “wrote/escrever” realiza passado. Já o prefixo, apesar de poder marcar tempo em russo, correlaciona-se fortemente com traços aspectuais de perfectividade. Por exemplo, *pisatj* “escrever” é imperfectivo/infinitivo. No entanto, se for adicionado a este mesmo verbo o prefixo **na-**, *napisatj* “escrever”, a leitura que emerge é a de perfectivo/infinitivo (cf. SVENONIUS 2007, p. 55, nota 13).

As propriedades aspectuais, mais especificamente aquelas codificadas pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*} dos verbos de mudança de estado, são relevantes nesta pesquisa. Este assunto será discutido na subseção a seguir.

5.2.2. Proposta do núcleo ASP em PB

Em PB, encontram-se os afixos aspectuais {a-/en-/es-...-ec-} fonologicamente realizados em uma quantidade bastante significativa de verbos. Esses afixos podem coocorrer, como em (22) abaixo, ou podem aparecer isoladamente, conforme ilustrado em (23) e (24).

(22) *Verbos simultaneamente afixados: {a-/en-/es-...-ec-}*

Adoecer, adormecer, amadurecer, amolecer, amortecer, apodrecer, aquecer, emagrecer, embambecer, embarbecer, embrabecer, embranquecer, embravecer, embrutecer, emburrecer, empalidecer, empardecer, empobrecer, emputecer, emudecer, enaltecer, encalvecer, encarecer, endurecer, enegrecer, enfraquecer, engrandecer, enrijecer, enriquecer, enrouquecer, enrubescer, ensurdecer, enternecer, entontecer, envelhecer, envaidecer, etc.

(23) *Verbos prefixados: {a-/en-/es-}*

Alagar, alargar, alisar, aloirar, alongar, amaciar, amarrotar, amassar, emaranhar, embaçar, embananar, embaraçar, embaralhar, embelezar, embolar, empenar, emperrar, empoeirar, emporcalhar, encaracolar, encharcar, encrespar, encurtar, encurvar, endireitar, enfumaçar, engordurar, esfarelar, esfarinhar, esfarrapar, esfolar, esfriar, esmigalhar, espalhar, espedaçar, esquentar, etc.

(24) *Verbos sufixados: {-ec-}*

Escurecer, florescer, fortalecer, obscurecer, rejuvenescer robustecer, ruborescer, umedecer, etc.

Diante dos dados acima, não se pode ignorar a presença dos afixos derivando verbos em PB. Ciente disso, minha análise busca entender os efeitos que tais afixos exercem sobre o ambiente em que são inseridos. Mais precisamente, minha hipótese é que esses afixos podem interferir diretamente na estrutura argumental de verbos do PB. Portanto, defendo que a afixação é uma forte motivação para investigações que adotam perspectivas embasadas em traços aspectuais.

De posse dessas informações, proponho que os afixos aspectuais {*a-/en-/es-...-ec*} preenchem fonologicamente o *morfema abstrato* (rotulado de núcleo ASP^o nesta pesquisa) requerido na formação do verbo de mudança de estado.⁶³ Os prefixos {*a-/en-/es-*} cumprem a função de realizar o traço de dinamicidade, enquanto o sufixo {-*ec-*} realiza o traço de incoação. Diante dessa afirmação, assumo que o feixe de traços aspectuais do núcleo da projeção ASP é: [+DINÂMICO, +INCOATIVO]. Essa assunção constitui o cerne de minha proposta teórica, conforme a qual o prefixo projeta o evento dinâmico, inserindo nele a

⁶³ Esses afixos ocorrem geralmente com verbos do tipo parassintético, conforme denominações nas gramáticas tradicionais (cf. CAMARA JR. 1970, CUNHA; CINTRA 2007, LIMA 2008, entre tantos outros). Esse assunto foi amplamente discutido no capítulo 2 desta pesquisa.

raiz, e, simultaneamente, o sufixo exige a projeção de um argumento interno com o traço de [+MUDANÇA DE ESTADO]. Este traço delimita o evento dinâmico, marcando o ponto final da mudança de estado, a qual é engatilhada pelo aspecto dinâmico.

Ciente da presença e da relevância de traços aspectuais na composição do verbo de mudança de estado, apresento algumas evidências que me instigam a propor que a propriedade [+DINÂMICO], além de ser um traço da raiz desse verbo (cf. seção 4.1), é também um dos traços de ASP^o e, conseqüentemente, dos afixos inseridos neste núcleo. Uma dessas evidências advém dos significados da palavra dinâmico registrados no dicionário eletrônico Houaiss.

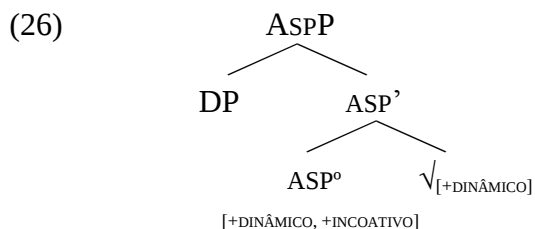
(25) “**dinâmico**” (datação: 1858) – *adjetivo*

(i) Que se modifica continuamente, que evolui; que pressupõe movimento, mudança / Exs.: imaginação dinâmica; visão dinâmica das coisas

(ii) *Derivação: sentido figurado.* – que envolve grande atividade, criatividade e agilidade / Exs.: método dinâmico; aula dinâmica

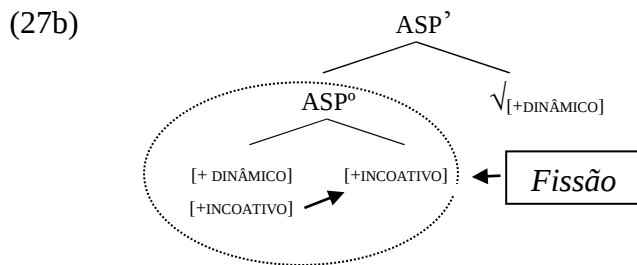
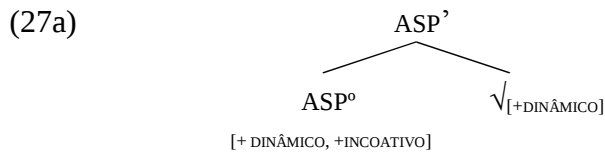
(iii) *Rubrica: linguística.* – que indica processo ou mudança de estado [p.ex.: o verbo tornar-se, p.opos. a ser] (diz-se de aspectualidade verbal)

Na literatura, nos trabalhos de cunho aspectual, o aspecto dinâmico é frequentemente contrastado com o aspecto estativo. Reafirmo que, em adição ao traço [+DINÂMICO], ASP^o tem um traço [+INCOATIVO], motivado pelo sufixo incoativo {-ec-}. Segue em (26) uma representação arbórea preliminar da projeção ASP, com o feixe de traços aspectuais (i. e., *morfema abstrato*) organizado em seu núcleo, o que é consistente com a teoria que estou desenvolvendo nesta tese.



Reforço, neste ponto, que esta investigação tem por objetivo descrever os afixos dos verbos de mudança de estado e a maneira como são inseridos nos núcleos terminais. Ou seja, esses afixos são adicionados simultaneamente à raiz. Diante disso, a pergunta que surge é como seria processada a inserção simultânea dos prefixos {a-/en-/es-} e do sufixo {-ec-} em ASP^o, considerando uma proposta que prevê a inserção de apenas um item de vocabulário em cada terminal sintático?

Para resolver casos especiais de inserções, a MD propõe algumas operações adicionais (ver capítulo 3). Uma dessas operações é a fissão, segundo a qual um nó terminal, como em (27a), pode ser fissionado, abrindo, assim, dois ou mais *slots* para inserção de dois ou mais afixos aptos ao mesmo terminal, conforme ilustrado em (27b) a seguir.



Seguindo as intuições de Halle e Marantz (1993) para a língua Tamazight Berber (capítulo 3, p. 107-109), a fissão de um *morfema* irmão de uma raiz origina uma estrutura composta de duas peças desse morfema juntadas à raiz, sob um nó matriz. Desse modo, se o prefixo é inserido em um *slot* morfológico e o sufixo, em outro, o resultado que apuramos é um circunfixo fonológico.

Portanto, em PB, a fissão é a operação que permite inserir simultaneamente em um nó terminal um dos prefixos {*a-/en-/es-*} e o sufixo {*-ec-*}, concatenando-os à raiz dinâmica. Este terminal em que os prefixos são inseridos tem os traços aspectuais [+DINÂMICO, +INCOATIVO], sendo que apenas o traço [+DINÂMICO] equivale ao traço dos prefixos. Como o traço [+INCOATIVO] não está presente nos prefixos, deve ser copiado para um nó terminal subsidiário, e o sufixo {*-ec-*}, item subsidiário, é inserido nesta nova posição. É válido ressaltar que a fissão ocorre simultaneamente à inserção de vocabulário, conforme sugere a MD.

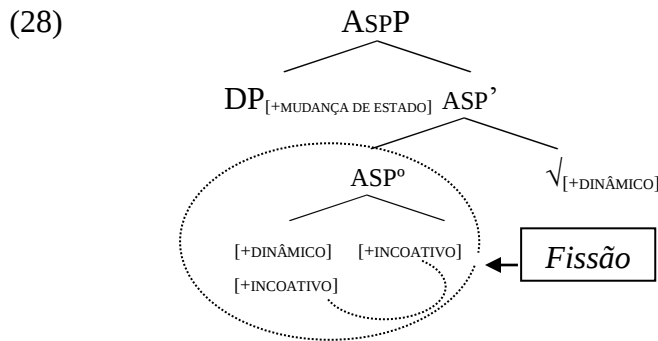
Corroborando minha proposta, Cyrino *et al.* (2008) sugerem que o processo de fissão ocorreria, em princípio, como qualquer outra inserção de item de vocabulário. No entanto, simultaneamente a tal inserção, “é gerado um morfema (i. e., nó terminal) subsidiário para onde são copiados os traços que não tenham sido requeridos para combinar com os expoentes do morfema inicial” (CYRINO *et al.* 2008, p. 4). Ainda para os autores, esse processo envolve algum tipo de checagem parcial da derivação. Ou seja, o traço ainda não checado é requerido ao morfema subsidiário, que, no PB, será checado pelo sufixo {*-ec-*}, conforme minha proposta. Ressalte-se que, quando a fissão ocorre, os itens de vocabulário não estão em competição para a inserção, pois

sempre que um item principal for inserido, uma posição adicional torna-se disponível, e um item subsidiário é alocado nesta nova posição.

A proposta acima traz consequências diretas à minha tese, pois permite elaborar a seguinte generalização para os nossos dados: o prefixo, item principal, realiza o traço aspectual dinâmico; enquanto o sufixo, item subsidiário, realiza o aspecto incoativo. O aspecto dinâmico representa um evento mais amplo que o incoativo, uma vez que a dinamicidade é uma propriedade de diferentes tipos de construções (causativas alternantes, causativas não alternantes, atividades, conforme seção 5.1.1). Por esta razão, deve ser inserido na estrutura em posição prefixal. Já o aspecto incoativo é uma propriedade das construções *causativo-incoativas*, um subtipo das dinâmicas, e deve ser inserido em posição sufixal, isto é, seguindo o prefixo.

Como estabelecido pela generalização acima, o traço dinâmico do prefixo, inserido em ASP°, é responsável pela introdução do evento dinâmico. Este traço desencatilha uma mudança. Já por requerimento do traço [+INCOATIVO] do sufixo, um argumento interno é projetado, necessariamente com traço de [+MUDANÇA DE ESTADO]. Este argumento delimita a mudança desencatilhada pelo dinâmico, marcando seu ponto final (esta proposta será mais bem desenvolvida no próximo capítulo). Caso não haja tal delimitação, a construção resultante terá um evento dinâmico, mas não terá uma mudança de

estado com ponto final marcado; portanto, não será uma construção *causativo-incoativa*. A projeção ASP, conforme minha proposta, é a que segue.



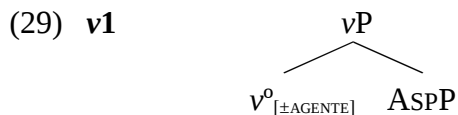
A MD propõe que, quando uma fase se completa, os itens combinados na sintaxe são enviados a *Spell-out*, em PF, onde os feixes de traços abstratos recebem material fonológico e são pronunciados (cf. HARLEY 2008, p. 24). Para essa teoria, os núcleos limítrofes de fase são v^0 , n^0 e a^0 . Portanto, ASP^0 não fecha uma fase e o conteúdo deste núcleo só deve ser enviado a *Spell-out* quando o *morfema verbalizador* (v^0) se juntar à estrutura. Este morfema é o assunto da próxima subseção.

5.3. MORFEMA VERBALIZADOR: v^0 [$\pm$ AGENTE]

A proposta gerativa de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY 1981, entre outros) preconiza que a GU é composta por um conjunto de princípios e parâmetros. Os princípios são invariantes, uma vez que se aplicam a todas as

línguas, enquanto os parâmetros são as escolhas que cada língua faz, ou seja, são as particularidades que as tornam diferentes entre si. Os parâmetros garantem esta diferenciação por meio de uma propriedade denominada "variação paramétrica", fixada no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua.

Seguindo esta perspectiva, minha previsão é a de que o PB parametriza, pelo menos, três tipos de *morfema verbalizador*, dependendo da natureza dos traços presentes em cada um. Seguindo as intuições de Marantz (1997)⁶⁴, vou rotulá-los de v1, v2 e v3. Desses três tipos, o *verbalizador* que se concatena com ASP para originar os verbos de mudança de estado é o v1, um núcleo fonologicamente vazio em PB. Apesar de ser vazio, sugiro que tal núcleo possui um ‘feixe de traços’, como exemplifico a seguir.



Na estrutura em (29), o traço $[\pm\text{AGENTE}]$ sugere a possibilidade de o verbo poder se conectar a um argumento externo não especificado para

⁶⁴ Do original: “Among the functional heads in whose environments roots become verbs (these may be “aspectual” in some sense), one, call it “v-1”, projects an agent while another, call it “v-2”, does not. These little “v’s” could be different flavors of a single head, or perhaps there is some unified account that could have a single head optionally project an agent and thus cover both v-1 and v-2” (MARANTZ 1997, p. 217).

agentividade. Ou seja, um causador de qualquer natureza semântica: causa, instrumento, evento, agente voluntário, involuntário. Rotulo tal núcleo de *v*1 em oposição a outros tipos de *v* (*v*2, *v*3...), que certamente verbalizam outros tipos de verbos. O *v*1 é requerido na presença do traço aspectual [+INCOATIVO] e, conseqüentemente, do traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. O resultado da correlação entre esses traços permite que os verbos de mudança de estado (ex.: *amolecer*, *molhar*, *quebrar*, etc.) figurem na construção *causativa* e na *incoativa*.

Assim, reafirmo que a combinação entre os traços aspectuais da raiz [+DINÂMICO], de ASP° [+DINÂMICO, +INCOATIVO], do argumento interno [+MUDANÇA DE ESTADO] e do verbalizador [±AGENTE] faz emergir a construção *causativa*. Ademais, por causa dessa combinação, é projetado um argumento externo de qualquer natureza semântica. Neste contexto, não há bloqueio do alçamento do argumento interno para Spec-TP, originando a construção *incoativa*. Esse alçamento é liberado em construções que têm o conjunto de traços propostos nesta análise. Seguem exemplos de construções *causativo-incoativas* e da estrutura sintática da projeção *vP*⁶⁵, uma vez que a proposta teórica sobre o nível da projeção do argumento externo em que o argumento externo é inserido na derivação será discutido em detalhe no próximo capítulo.

⁶⁵ Leia-se VP em teorias diferentes da MD.

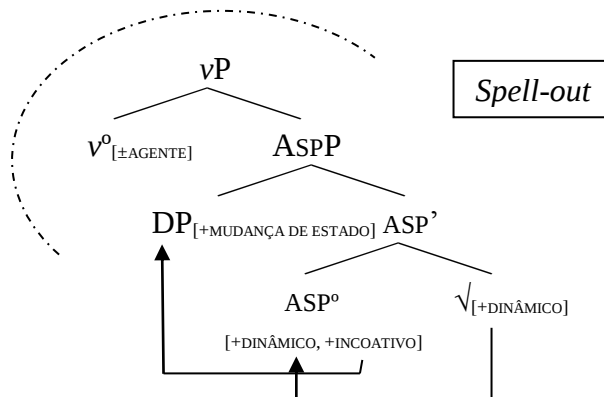
(30a) O calor/A cozinheira **amoleceu** a manteiga.

(30b) A manteiga amoleceu.

(31a) A tempestade/O menino **quebrou** a vidraça.

(31b) A vidraça quebrou.

(32)



A operação exemplificada em (32) percorre os seguintes passos: no primeiro momento, a raiz é requerida por ASP° [+DINÂMICO, +INCOATIVO]. O traço [+DINÂMICO] de ASP° insere a raiz em um evento dinâmico, e o [+INCOATIVO] cumpre a função de projetar um argumento com traço de [+MUDANÇA DE ESTADO], delimitando o evento dinâmico, ou seja, marcando o ponto final da mudança engatilhada pela propriedade [+DINÂMICO]. É válido ressaltar que ASP° é fissionado concomitantemente à inserção de vocabulário. Por fim, o verbalizador $v1[\pm AGENTE]$ é juntado à estrutura, que é enviada a *Spell-out*, onde recebe conteúdo fonológico. O resultado dessa operação é uma construção télica. Detalhes dessa análise serão apresentadas no próximo

capítulo, no momento em que descreverei as propriedades do argumento interno e do externo.

Antes de discutir a inserção de vocabulário, retomo, brevemente, minhas hipóteses sobre os outros tipos de verbalizadores. Não entro no mérito da discussão de cada um, pois constituem construções não contempladas nesta pesquisa.

(33) **v2[+AGENTE]**: esse *morfema verbalizador* carrega o traço [+AGENTE] e é requerido nos contextos de verbos causativos não alternantes ou, talvez, de agentivos não causativos (ex.: *construir, pintar, correr*, etc.). Conjecturo que o traço [+INCOATIVO] não está ativo em ASP°. Por isso, o traço do verbalizador é [+AGENTE], exigindo a obrigatoriedade de projeção de um argumento externo agente. Nesse caso, a alternância é barrada, uma vez que a projeção de sujeito agente é obrigatória, bloqueando a subida do argumento interno para Spec-TP. Caso o traço [+INCOATIVO] se encontrasse ativo, como vimos, o verbalizador requerido seria v1 [$\pm$ AGENTE], permitindo a alternância. Seguem exemplos de construções com v2 e a estrutura arbórea que hipoteticamente as representam.

(34a) João construiu a casa.

(34b) *A casa construiu.

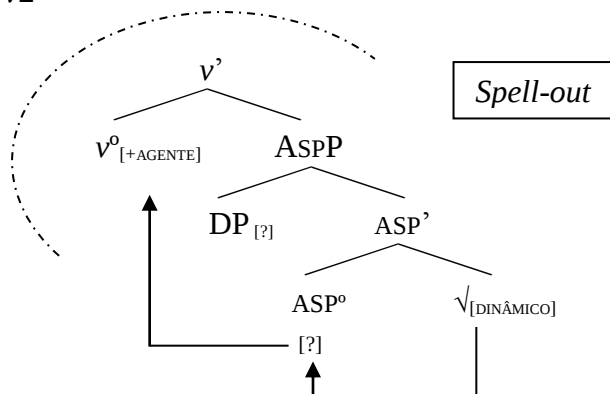
(35a) Maria pintou o muro.

(35b) *O muro pintou.

(36a) Maria correu um quilômetro.

(36b) *Um quilômetro correu.

(37) v2



(38) v3[-AGENTE]: este *morfema verbalizador* teria apenas o traço [-AGENTE] e seria requerido em construções incoativas não alternantes. Seguem os dados e a estrutura arbórea hipotética:

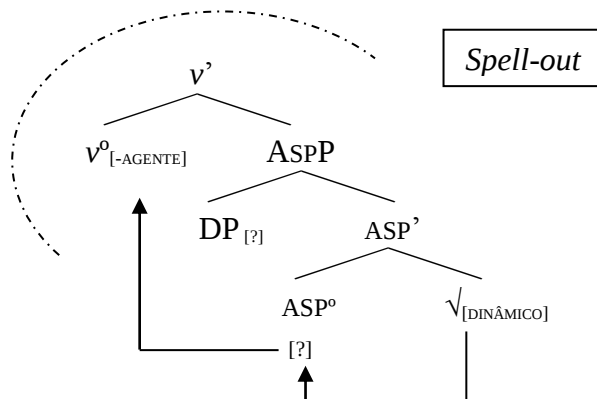
(39a) A planta nasceu

(39b) ??O sol nasceu a planta.

(40a) O dia amanheceu.

(40b) *O calor amanheceu o dia.

(41)



Observem que a diferença entre os três tipos de *morfemas verbalizadores* consiste nas propriedades de seus traços semânticos. O primeiro, (**v1**), tem os traços [$\pm$ AGENTE]. O segundo, (**v2**), porta o traço [+AGENTE]. Já o terceiro, (**v3**), carrega apenas o traço [-AGENTE]. Por limitação de espaço e de tempo, a discussão sobre a natureza sintática e semântica dos *verbalizadores v2 e v3* será adiada para uma investigação futura.

Após a análise e apresentação da proposta da formação dos verbos de mudança de estado, cujos traços condicionam a alternância *causativo-incoativa*, apresento, na próxima subseção, a inserção de vocabulário nos terminais sintáticos.

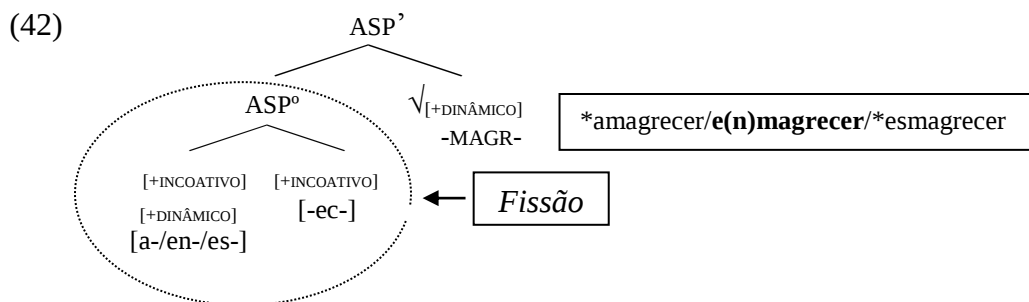
5.4. A INSERÇÃO DE VOCABULÁRIO EM ASP^o

É tarefa da MD adequar a morfologia à sintaxe por meio da operação

Merge, juntando os morfemas abstratos, até que eles possam sofrer *Spell-out* e receber conteúdo fonológico apropriado (cf. HARLEY; NOYER 1999). O sentido de uma palavra surge da construção na qual ela é inserida (cf. HARLEY; NOYER 2000, GALANI 2004), ou seja, surge da combinação dos traços dos nós terminais com os traços do item de vocabulário inserido neles. Para que esta operação convirja e forme palavras ótimas, é necessário que os afixos entrem em competição e aquele que tiver os traços mais especificados e compatíveis com os do terminal sintático vence e é, pois, inserido.

Conforme já assentado, os prefixos derivacionais {*a-/en-/es-*} são inseridos simultaneamente ao sufixo {-*ec-*}. A MD prevê que apenas um item vocabular deve ser inserido em um terminal sintático. Assim, de acordo com a análise detalhada acima, na subseção 5.2.2, a operação fissão é a estratégia adotada, pois permite dividir o terminal ASP^o [+DINÂMICO, +INCOATIVO], criando um terminal subsidiário. Assim, o prefixo é inserido no nó principal, combinando o traço aspectual de dinamicidade do prefixo com o do nó. Os prefixos {*a-/en-/es-*} são alomorfes e realizam o mesmo traço aspectual dinâmico. O traço [+INCOATIVO], ainda não satisfeito, é copiado para o terminal subsidiário, e o sufixo {-*ec-*} é inserido neste local. Ressalte-se que o sufixo pode coocorrer com qualquer um dos prefixos. Na ausência desses, insere-se o

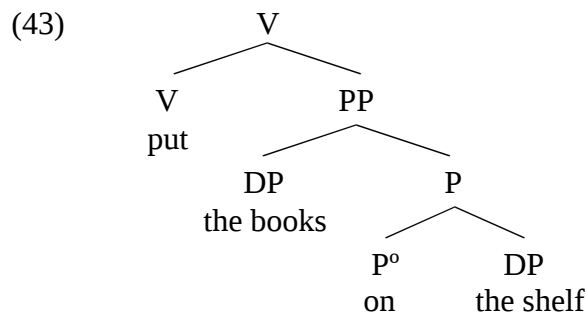
vazio fonológico sem qualquer prejuízo para a sintaxe e/ou semântica da estrutura. Vejamos um exemplo com o verbo emagrecer:



Os prefixos acima poderiam entrar em competição para a inserção no nó principal, mas não competiriam com o sufixo, que é inserido no subsidiário. Diante disso, surge uma questão: por que o prefixo {en-} é inserido se {a-/es-} também preenchem as condições básicas para tal posição, uma vez que codificam o mesmo traço? Seria esta restrição de ordem fonológica, morfológica, sintática ou simplesmente determinada pela raiz? Antes de responder a esses questionamentos, vamos entender qual é, de fato, a natureza desses prefixos e a razão pela qual são os candidatos ao preenchimento de ASP⁰ [+DINÂMICO].

Retomando o que muitos pesquisadores afirmam – já discutido no capítulo 2 desta tese –, os prefixos {a-/en-/es-} têm origem nas preposições do

latim⁶⁶ (cf. ROMANELLI 1964, SAID ALI 1966, BASSANI 2013). Segundo alguns autores, esses prefixos ainda conservam valor preposicional (especialmente de direção) no português atual. Por isso, se alguém assume que tais prefixos se comportam ainda como preposição, a consequência direta dessa análise é poder assumir que eles projetam argumentos, como as preposições o fazem (cf. HALE; KEYSER 1993, 2002, BASSANI 2013, entre outros), interferindo diretamente na estrutura argumental de um verbo. Segue representada uma estrutura que traduz a assunção de Hale e Keyser (2002) para os verbos *locatum* e *location*, em que a preposição constitui o núcleo de uma projeção PP e, portanto, projeta argumentos:



(HALE; KEYSER 2002, p. 8, exemplo 18)

A estrutura acima representa uma construção com um verbo *location* “locação”, como *put* “colocar” (*the books on the shelf* “os livros na prateleira”).

⁶⁶ Remeto o leitor ao capítulo 2 desta tese para maiores informações sobre os prefixos latinos em estudo.

Nessa estrutura, é a preposição *on* “em” que projeta o DP *the shelf* “na prateleira” e o DP *the books* “os livros”. Nestes tipos de verbo, os prefixos parecem se comportar como verdadeiras preposições, considerando que *colocar livros em prateleiras* resulta no verbo *emprateleirar* (em + prateleiras).

Voltando ao latim, os prefixos {*ad-* (a-), *in-* (en-) e *ex-* (es-)} já eram polissêmicos nesta língua, estando relacionados a diversos empregos ou sentidos (cf. ROMANELLI 1964). É o que se observa nos dados extraídos deste autor. Retomo do quadro 2 (capítulo 2, p. 37) alguns exemplos:

(44) *prefixo a- (ad-)*

- (i) aproximação, direção para
ex.: *accedo* ‘caminhar para, aproximar-se’
- (ii) começo de ação
ex.: *accido* ‘começar a cortar, abater, destruir’

(45) *prefixo en- (em-)*

- (i) movimento em, sobre, superposição
ex.: *inmorio* ‘morrer em ou sôbre’
- (ii) ingresso, entrada em um novo estado
ex.: *inmadesco* ‘umedecer-se, molhar-se’

(46) *prefixo es- (ex-)*

- (i) movimento de dentro para fora, saída, extração
ex.: *educio* ‘levar para fora, fazer sair, tirar de’

- (ii) mudança de estado, passagem de um a outro estado
ex.: *eduro* ‘endurecer’, *effemino* ‘tornar feminino, efeminar’

(ROMANELLI 1964, p. 29-70)

Bassani (2013) também reconhece os muitos significados secundários e mais abstratos desses prefixos. A autora afirma que eles “podem até ter uma semântica direcional em um de seus usos em sua origem ou em um sentido primitivo e que é mantida em algumas formações (...)” (BASSANI 2013, p. 73). Essa afirmação traz mais evidências para não assumir na análise dos verbos de mudança de estado físico o valor preposicional dos prefixos como no latim.

Inspirados em Romanelli (1964), cuja investigação assegura que tais prefixos já apresentavam algum valor aspectual⁶⁷ no latim, e baseando-me em dados do PB, assumo que o traço mais relevante desses prefixos é aspectual, e não relacional como Bassani (2013) propõe inspirada pelo valor relacional de algumas preposições. Ademais, proponho que esse valor aspectual está diretamente conectado com dinamicidade e com mudança, e que, conseqüentemente, o núcleo ASP^o em que tais prefixos são inseridos deve conter, pelo menos, o traço [+DINÂMICO]. Outra forte evidência de que este é mesmo um dos traços aspectuais relevantes desses afixos vem da possibilidade de estes poderem se concatenar com uma raiz [+DINÂMICA].

⁶⁷ Remeto o leitor ao capítulo 2 desta tese, onde tais prefixos estão descritos.

Além disso, observando verbos de mudança de estado do PB, como *apodrecer*, *amolecer*, *endurecer*, *enriquecer*, *ensopar*, *esquentar*, *esfriar*, não é fácil recuperar o sentido preposicional dos prefixos da mesma forma que propõe Romanelli (1964) para o latim. Em todos os verbos exemplificados acima, o sentido final extraído é o de *tornar-se estado*, ou seja, algo passa de um estado A para um estado B (ex.: *apodrecer* = *a maçã tornou-se podre*; *amolecer* = *a cera tornou-se mole*; *endurecer* = *o pão tornou-se duro*; *enriquecer* = *o gari tornou-se rico*). Podemos contrastar essa análise com os verbos **empacotar** e **emprateleirar**, por exemplo, em que o sentido de “em” é preposicional (*colocar algo em pacotes*; *colocar algo em prateleiras*) ou relacional, conforme proposta de Bassani (2013).

A constatação do valor aspectual dos prefixos {*a-/en-/es-*} traz mais uma evidência em favor da projeção ASP⁰, bem como do traço [+DINÂMICO] deste núcleo, uma vez que se pode assegurar a presença de dinamicidade envolvida na passagem de um estado a outro, própria de eventos de mudança causativos. Ademais, Bassani (2013) observa que se considerar os prefixos em estudo com os mesmos valores das preposições plenas (por exemplo, *a*, *em*), ambos poderiam estar em competição para a inserção em ASP⁰. Destarte, adotando o valor aspectual desses prefixos, comprovo que, de fato, tais prefixos

são os candidatos a preencher fonologicamente o núcleo ASP^o e, assim, as preposições são eliminadas da competição.

Após a discussão sobre o significado dos afixos e sobre sua função no ambiente em que são projetados, retomo do segundo capítulo alguns condicionamentos, seja de ordem morfológica, seja sintática, seja fonológica, quanto à ligação dos afixos aspectuais à raiz. Observam-se as seguintes restrições:

(47) O prefixo *a-* pode aparecer diante de consoantes distintas: *abastecer*, *amolecer*, *apodrecer*, etc. (só não aparece diante de outra vogal).

(48) O prefixo *en-* também pode aparecer diante de consoantes variadas e de vogais, como *enaltecer*, *entardecer*, *emagrecer*, *empobrecer*, etc. (diante de *m/n* acontece assimilação do som nasal: *e-*; *e/em-* é inserido diante de *b/p*).

(49) O prefixo *es-*, como os demais, não impõe restrição fonológica, aparecendo diante de consoantes distintas: *esfriar*, *esquentar*, *esvaziar*, *esverdear*, etc.

(50) O sufixo {-ec-} ocorre sempre seguido da vogal {-e-} e pode coocorrer igualmente com os prefixos {*a-/en-/es-*}: *amadurecer*, *apodrecer*, *emagrecer*, *empalidecer*, *empobrecer*, *endurecer*, *engordar*, *envelhecer*, *esmorecer*, etc.

Diante da multiplicidade de itens realizando o mesmo aspecto no preenchimento do núcleo de ASP°, percebe-se, então, que esses itens são alomorfes e que esta alomorfia deve ser mesmo condicionada pela raiz, uma vez que se encontra em relação de localidade com ASP°. Para Embick (2010), Bassani (2013), entre outros, somente os afixos que estão no mesmo domínio cíclico da raiz é que podem sofrer esse tipo de alomorfia, por causa da relação de localidade. Nas palavras de Bassani (2013),

(..) a presença ora de um ora de outro [prefixo] deve-se a razões fonológicas da raiz. Ou seja, “para um x concatenado diretamente à raiz, a alomorfia especial para x pode ser determinada pelas propriedades da raiz” (BASSANI 2013, p. 229).

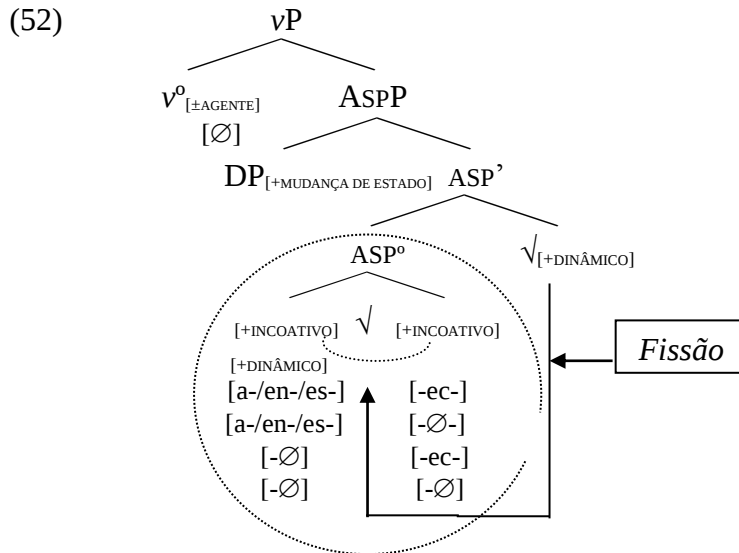
Outra explicação bastante plausível para os dados do PB seria o fato de esses afixos estarem no nível da derivação (ver capítulo 2) e não no da flexão, o que justificaria a falta de regularidade apresentada.

Pelas justificativas apresentadas anteriormente, somam-se à lista dos verbos de mudança de estado os verbos em que o vazio fonológico pode ocorrer na posição de prefixo (ex.: [Ø]*ruborescer*), na do sufixo (ex.: *esfri*[Ø]*ar*) e em ambas as posições (ex.: [Ø]*quebr*[Ø]*ar*)⁶⁸. Vejamos alguns dados com todos os tipos de combinação afixal dos verbos em análise.

⁶⁸ Remeto o leitor ao capítulo 2 desta tese, onde esses dados foram amplamente discutidos.

- (51a) {*a- ... -ec-*}: *adormecer, amolecer, amortecer, apodrecer...*
 (51b) {*a-... -Ø-*}: *adensar, afamar, afrouxar, alagar...*
 (51c) {*en-/em-/e-/... -ec-*}: *emagrecer, endurecer, enriquecer, empobrecer...*
 (51d){*en-/em-/e-/...-Ø-*}:*engravidar, engordar, enamorar, enricar...*
 (51e) {*es-...-ec-*}: *esclarecer, estremecer...*
 (51f) {*es-...-Ø-*}: *esverdear, esvaziar, esquentar, esfriar...*
 (51g) {*Ø-...-ec-*}: *ruborescer, fortalecer...*
 (51h) {*Ø-...-Ø-*}: *quebrar, molhar, ferver...*

Por fim, a estrutura sintática abaixo representa essas possíveis combinações de inserção dos itens de vocabulário no terminal sintático ASP^o [+INCOATIVO, +DINÂMICO].



Uma consideração ainda precisa ser feita nesta subseção em relação à ideia de fases adotada pela MD, segundo a qual cada operação resultante de um *Merge* de itens se dá em uma fase da derivação, com consequências que refletem tanto na sintaxe como na fonologia. Essa teoria preconiza que todo núcleo categorizador fecha uma fase e envia seu complemento – o objeto formado pela concatenação – a *Spell-out*. Neste local, a estrutura é “revista” e, se todos seus traços forem interpretáveis, recebe material fonológico, sendo os processos fonológicos relevantes aplicados. Dessa maneira, a derivação converge. Se houver, entretanto, traços não interpretáveis, a derivação fracassa.

Apresento, na sequência, o resumo das principais ideias desenvolvidas neste capítulo.

5.5. RESUMO DO CAPÍTULO

Para o desenvolvimento deste capítulo, adotei a proposta segundo a qual o verbo de mudança de estado, que forma a construção *causativo-incoativa* do PB, deve ter sua raiz especificada, na lista 1, para dinamicidade, em oposição às raízes estativas. Já o *morfema abstrato* que seleciona a raiz, rotulado de ASP nesta pesquisa, carrega os traços aspectuais [+DINÂMICO, +INCOATIVO] e sofre o processo de fissão no momento da inserção simultânea do prefixo e do sufixo (itens de vocabulário). Isso porque, em um nó terminal, não podem ser

inseridos dois itens. Assim, o terminal principal é cindido, originando um nó subsidiário. A consequência direta da fissão para os dados do PB é a possibilidade de inserção simultânea dos afixos, sendo o prefixo inserido no terminal principal, e o sufixo, no subsidiário. Ressalte-se que, além dos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*} fonologicamente realizados, o PB utiliza a estratégia do vazio fonológico { $\emptyset$ } na ausência do prefixo, ou do sufixo, ou de ambos, sem acarretar prejuízos para a sintaxe e/ou semântica das construções em análise.

A função dos prefixos {*a-/en-/es-*} é a de codificar e inserir na estrutura o aspecto dinâmico, que desencadeia o processo de mudança. Esses itens são inseridos no nó principal, na posição de prefixo, coocorrendo ou não com o sufixo {*-ec-*}. Verifiquei que não há restrição de ordem morfológica, fonológica ou sintática para a inserção dos três prefixos. A alomorfia, então, deve-se ao tipo de raiz à qual se juntam e por serem prefixos derivacionais. Já o sufixo realiza o traço incoativo e projeta o argumento interno com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. O papel fundamental do argumento interno é delimitar a mudança desencadeada pelo evento dinâmico, e a construção resultante sofre uma mudança com um ponto final previsível. Essa delimitação resulta em uma construção télica. Ressalto, entretanto, que, na ausência do traço [+INCOATIVO], o evento dinâmico não tem sua rota alterada, isto é, não tem uma mudança

pontual, resultando verbos causativos agentivos e verbos de atividades, em que um agente deve, necessariamente, ocupar a posição de argumento externo.

Sobre o *morfema verbalizador* dos verbos de mudança de estado, rotulado v1 neste trabalho, assumi que ele é provido do traço [$\pm$ AGENTE], o que abre a possibilidade de o vP se combinar com um argumento externo de qualquer natureza (causa, agente voluntário, involuntário, instrumento). Não havendo a obrigatoriedade de um argumento externo agente ser projetado, cria-se um ambiente propício ao alçamento do DP argumento interno para Spec-TP. Em outras palavras, basta apenas uma “força desencadeadora”, de qualquer natureza (agente, causa, instrumento, evento), para que o evento siga independente de ser acompanhado até seu fim por esta força.

Enfim, a possibilidade de um verbo de mudança de estado poder participar tanto da construção *causativa* quanto da *incoativa*, promovendo o que a literatura denomina de alternância, surge da natureza e da combinação dos traços dos *morfemas abstratos* que se concatenam na formação desse verbo. Mais especificamente da presença do traço [+INCOATIVO], uma vez que este determina a presença do traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno e do tipo verbalizador (v1 $\pm$ AGENTE) desse verbo de natureza aspectual.

No próximo capítulo, discuto as propriedades do argumento interno [+MUDANÇA DE ESTADO] e do argumento externo das *causativo-incoativas*.

Além disso, verifico a telicidade dessas construções, com intuito de comprovar ou refutar a hipótese de que a telicidade é também um fator condicionante da alternância *causativo-incoativa* em PB.

CAPÍTULO 6: O TRAÇO [+MUDANÇA DE ESTADO], A TELICIDADE E O ARGUMENTO EXTERNO

Neste capítulo, discuto as propriedades do argumento interno [+MUDANÇA DE ESTADO], projetado na sintaxe por requerimento do traço [+INCOATIVO]. A análise busca delinear a função desse traço na delimitação do evento dinâmico, bem como as consequências dessa operação para a alternância e para a telicidade das construções *causativo-incoativas*. Fechando minha proposta teórica, ainda neste capítulo, exploro as propriedades do argumento externo da construção *causativa* em estudo.

Para alcançar os objetivos propostos, este capítulo divide-se em cinco seções, a saber: a seção 6.1 discute a proposta de Naves (2005) para a alternância *causativo-incoativa*; a seção 6.2 expõe minha proposta sobre o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno e a telicidade das *causativo-incoativas*; a seção 6.3 apresenta, à luz da MD, o *Spell-out* da primeira fase cíclica (vP) e a conexão desta fase com o argumento externo; a seção 6.4 investiga e exemplifica o papel semântico do argumento externo; por fim, a seção 6.5 faz o resumo do capítulo.

6.1. O TRAÇO [+MUDANÇA DE ESTADO] E A TELICIDADE

Para o desenvolvimento desta seção, apoio-me principalmente na proposta de Naves (2005), cujo pressuposto básico sobre a alternância reside no traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno e no traço [+TÉLICO] do predicado das construções *causativo-incoativas*. A partir desta análise, elaboro a minha hipótese sobre as condições de licenciamento do argumento interno. Para tanto, seguem, na próxima subseção, as ideias básicas da autora.

6.1.1. Naves (2005): dos traços [+MUDANÇA DE ESTADO] e [+TÉLICO]

Naves (2005) constrói sua proposta sobre a alternância sintática dos verbos psicológicos e a estende aos demais verbos causativos, considerando que os traços abstratos [+MUDANÇA DE ESTADO] e [+TÉLICO] distinguem os predicados alternantes dos não-alternantes. Com o objetivo de fundamentar sua argumentação, a autora pressupõe o seguinte:

(...) os verbos que podem ocorrer em estruturas alternantes carregam as informações lexicais relevantes para explicar o seu comportamento sintático e que a possibilidade de alternância é dada composicionalmente, procuraremos defender que os traços relevantes para distinguir os predicados que alternam dos que não alternam são [télico] e [mudança de estado]. Proporemos que a possibilidade de um predicado alternar é definida composicionalmente por essas duas propriedades (NAVES 2005, p. 155).

Na visão de Naves (2005), o fenômeno da alternância sintática está diretamente conectado com o fato de um evento poder se manifestar “apenas pela relação entre o verbo e o seu argumento interno, licenciando essa combinação como licencia uma sentença intransitiva” (NAVES 2005, p. 156). De acordo a autora, os traços responsáveis pela participação dos verbos em duas construções distintas estão codificados nestes dois elementos, ou seja, no verbo e no argumento interno. Seguindo parcialmente a proposta da autora, defendo que, de fato, os traços mais importantes para a alternância *causativo-incoativa* codificam-se no verbo e no argumento interno.

Ao assumir a proposta apresentada acima, a autora prevê que, para efeitos da alternância *causativo-incoativa*, o argumento externo não é relevante, uma vez que seu traço “não pode ser acessado na computação” (NAVES 2005, p. 178) – conforme exemplificado em (1b) abaixo. Essa relação é representada pela autora por meio do seguinte esquema:

(1a) Argumento externo –V– Argumento interno → Sentença transitiva

(1b) –V– Argumento interno → Sentença intransitiva

Diante dessa possibilidade, Naves (2005) busca defender que os traços [+TÉLICO] e [+/-MUDANÇA DE ESTADO] distinguem os predicados alternantes dos não alternantes. Para tanto, a autora inspira-se nas classes aspectuais propostas inicialmente por Vendler (1957, 1967), seguida por Dowty (1979),

Smith (1991), entre outros. A seguir, apresento o quadro adaptado de Naves (2005) contendo as classes aspectuais vendlerianas, com respectivos exemplos.

Classes aspectuais e alternância sintática			
Classe aspectual	Traços	Alter -nam	Exemplos
Estados	[estático] [durativo] [atélico]	Não	(2a) João sabe inglês. (2b) *Inglês (se) sabe. (3a) O governo teme a inflação. (3b) *O governo (se) teme (com a inflação).
Atividades	[dinâmico] [durativo] [atélico]	Não	(4a) João quebra coco na praia. (4b) *Coco quebra na praia. (5a) Alguns povos adoram vários deuses. (5b) *Vários deuses (se) adoram.
Processos culminados ⁶⁹	[dinâmico] [durativo] [télico]	Sim	(6a) A cozinheira derreteu a manteiga. (6b) A manteiga derreteu. (7a) Os patrões acalmaram os manifestantes. (7b) Os manifestantes se acalmaram.
Culminações	[dinâmico] [instantâneo] [télico]	Sim	(8a) A vidraça (se) quebrou. (8b) O vento quebrou a vidraça. (9a) As crianças (se) assustaram. (9b) Os palhaços assustaram as crianças.

QUADRO 5: Classes aspectuais, traços e alternância sintática (adaptado de Naves 2005, p. 157-158)

Analisando o quadro acima, é possível concluir que apenas os processos culminados (*accomplishments*) e as culminações (*achievements*) alternam. Como oportunamente Naves (2005) observa, o traço abstrato [+TÉLICO] distingue *accomplishments* e *achievements* de estados e atividades (ver também Rothstein 2004). Portanto, na visão da autora, o traço [+TÉLICO] combinado

⁶⁹ Naves (2005) emprega os termos processos culminados e culminações para se referir aos processos *accomplishment* e *achievements*, respectivamente. Opto por manter, quando da minha análise, os termos originais, ou seja, em inglês.

com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno dá origem à alternância em foco. Nas palavras de Naves (2005),

(...) predicados télicos que selecionam um argumento que sofre uma mudança de estado físico ou psicológico podem alternar, enquanto predicados atélicos e predicados télicos em que o argumento interno não sofre uma mudança de estado físico ou psicológico não podem (NAVES 2005, p. 159).

A partir da discussão apresentada acima, a autora elabora um esquema exemplificando essa combinação de traços que resulta ou não na alternância. Vejamos este esquema em (10) a seguir⁷⁰:

(10a) V	[TÉLICO]	+	NP	[+MUDANÇA DE ESTADO]	————→	√ alternância
(10b) V	[TÉLICO]	+	NP	[-MUDANÇA DE ESTADO]	————→	*alternância
(10c) V	[ATÉLICO]				————→	*alternância

No esquema acima, é possível perceber que o traço [+TÉLICO] se combina tanto com um NP/DP [+MUDANÇA DE ESTADO] quanto com um NP/DP [-MUDANÇA DE ESTADO]. Não obstante, a alternância só acontece quando o traço do argumento interno é positivo para mudança (10a). Para Naves (2005), os predicados télicos e os atélicos cujo argumento interno não sofre uma mudança de estado físico ou psicológico não alternam.

⁷⁰ Dados extraídos de Naves (2005, p. 159, exemplo 8).

Os dados extraídos da autora, reproduzidos em (11) e (12) abaixo, representam a combinação de um predicado [+TÉLICO] com um DP [-MUDANÇA DE ESTADO]. Além de ilustrar tal combinação, esses dados corroboram a tese da autora que prevê que apenas a presença da telicidade não garante a um verbo sua participação em construções alternantes. Para Naves (2005, p. 155), “a possibilidade de um predicado alternar é definida composicionalmente” pelos traços [+TÉLICO] e [+MUDANÇA DE ESTADO].

(11a) João atingiu *o topo da montanha*. [culminação]

(11b) *O topo da montanha (se) atingiu.

(12a) Os pescadores construíram *uma jangada*. [processo culminado]

(12b) *Uma jangada (se) construiu.⁷¹

Uma vez que os predicados acima são télicos, a autora credita a não alternância dos mesmos ao fato de o argumento interno ser defectivo para [MUDANÇA DE ESTADO]. Em realidade, nenhuma mudança se verifica em *o topo da montanha* quando João o atinge. Já com *uma jangada*, o que ocorre é ela ter existência a partir de sua construção pelos pescadores, e não se verifica uma mudança em algo que existia antes. Ora, se os predicados acima são télicos e a não alternância se deve à ausência do traço [+MUDANÇA DE ESTADO], sugiro que este traço, e não a propriedade [+TÉLICO], deva, sim, ser considerado relevante

⁷¹ Dados extraídos de Naves (2005, p. 159, exemplo 7).

para a alternância, pontuando a diferença entre os verbos alternantes e os não alternantes.

A partir da hipótese levantada acima, delineio, na próxima seção, minha hipótese teórica sobre como se realiza o licenciamento do traço [+MUDANÇA DE ESTADO] nas construções *causativo-incoativas*. Mostro ainda como a telicidade das construções *causativo-incoativas* é decorrente da correlação que há entre o traço [+INCOATIVO] do verbo de mudança e o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno.

6.2. PROPOSTA TEÓRICA: ARGUMENTO INTERNO E TELICIDADE

É consenso na literatura que um verbo de mudança de estado obrigatoriamente projeta um argumento em sua posição interna, com a característica peculiar de ser afetado pela mudança (cf. HALE; KEYSER 1993, 2002, NAVES 2005, BEAVERS 2011, BASSANI 2013, CANÇADO *et al.* 2013, entre outros), e que dessa operação resulta a alternância *causativo-incoativa*. Diante disso, um dos objetivos desta tese é elaborar uma restrição que explique satisfatoriamente o que motiva tal projeção, de que maneira os argumentos interno e externo desse verbo são mapeados na sintaxe e qual é a exata contribuição desses argumentos na viabilização da alternância em foco.

Vários trabalhos disponíveis na literatura, sob as mais diversas perspectivas, preveem que o argumento interno (objeto direto) pode contribuir de diversas formas para determinar o aspecto das predicções. Por exemplo, Tenny (1994) reconhece que esse argumento pode medir e/ou delimitar o evento. Para Krifka (1998), ele pode apresentar um homomorfismo entre o evento e um argumento incremental. Ou ainda pode contribuir por meio da delimitação de um evento BECOME, constitutivo da estrutura de evento, conforme sugere Rothstein (2004).

Em se tratando do aspecto télico, e assumindo que, de fato, o argumento interno tem papel crucial na delimitação do evento (cf. TENNY 1994, p. 11), as indagações que surgem em decorrência disso e que coloco em forma de hipóteses a serem testadas são: (i) o traço de telicidade é uma propriedade do verbo que combinado com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno resulta na alternância, conforme Naves (2005); ou (ii) a telicidade resulta das propriedades do argumento interno combinadas com o traço [+INCOATIVO] do verbo e não determina a liberação da alternância *causativo-incoativa*. Tendo em vista estas duas opções, escolho como melhor hipótese a segunda opção. No intuito de corroborá-la recorro primeiramente à proposta de Leal (2009), conforme a qual,

a articulação entre a semântica do verbo e a semântica do argumento nominal relevante do ponto de vista aspectual é feita, por um lado, através da marcação, no verbo, da possibilidade de o argumento interno determinar a telicidade e de quais são as propriedades relevantes para essa marcação no argumento interno. Por outro lado, no argumento interno, devem existir essas propriedades. Para além disso, o argumento deve exibir certas características quantificacionais, nomeadamente deve denotar uma quantidade especificada (cf. Verkuyl, 1993), ou, de uma outra forma, deve corresponder a um predicado quantizado (cf. Krifka, 1998), para definir, por exemplo, um Processo Culminado (LEAL 2009, p. 255).

Nesta linha de investigação, minha proposta teórica é que o argumento interno, que contém a propriedade semântica [+MUDANÇA DE ESTADO], delimita o evento dinâmico, marcando o ponto final da mudança de estado engatilhada pelo traço [+DINÂMICO] do prefixo dos verbos de mudança de estado. Para que essa delimitação ocorra e alcance a telicidade da construção, uma das propriedades que este argumento deve ter é ser quantificado (ex.: *a bola*, *o leite*, *uma maçã*), referindo-se a algo definido e específico (cf. DOWTY 1979, TENNY 1994, VERKUYL 1999, BORER 2005, LEAL 2009, entre outros). Isso porque os DPs quantificados tendem a sofrer maior grau de afetação que os não quantificados.

É necessário ressaltar, entretanto, que não é todo argumento interno quantificado que determina a telicidade de uma sentença. Há situações em que este argumento parece preencher as condições télicas, como *Alice rolou a bola*, cujo argumento interno ao verbo, *a bola*, é um DP quantificado, mas mesmo

assim o resultado é uma construção atélica: *Alice rolou a bola durante 5 minutos*. Neste caso, ocorre, a meu ver, que o verbo *rolar* não carrega o traço [+INCOATIVO], e a consequência direta disso é *a bola* não sofrer afetação direta em suas propriedades físicas mudando de estado. Portanto, a construção só permite, neste contexto, uma leitura atélica.

Sendo assim, percebemos que, além de o argumento interno preencher as exigências necessárias para telicidade, precisa ser marcado com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Este traço é transferido a tal argumento pela propriedade [+INCOATIVO], a qual é inerente aos verbos de mudança de estado. Da correlação entre esses dois traços, ocorre a mudança de estado do argumento interno, resultando na telicidade da construção *causativo-incoativa*.

Diante dessa constatação, é possível notar que o DP quantificado pode determinar o ponto final de um evento se, e somente se, houver uma leitura télica do predicado. No entanto, a mudança de estado do argumento interno só é alcançada quando este argumento é mapeado na sintaxe pelo traço [+INCOATIVO], uma vez que é sob esta condição que recebe o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. É necessário ressaltar que não estou assumindo com esta afirmação que apenas as *causativo-incoativas* são télicas, conforme veremos mais adiante.

De posse das informações acima, minha proposta teórica pode ser resumidamente proferida da seguinte maneira: o traço [+INCOATIVO],

propriedade inerente aos verbos em estudo, cumpre a função de criar um *slot*, que deve ser saturado por um DP com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Na ausência do traço [+INCOATIVO], é requerido para tal posição interna das construções transitivas um DP com características diferentes das do DP requerido pelo verbo de mudança de estado. Ou seja, tal DP não terá o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Neste caso, mesmo que o verbo alterne, a alternância não será *causativo-incoativa*, já que não há mudança de estado do argumento interno.

Nas próximas subseções, o objetivo é fornecer algumas evidências em favor da correlação que há entre esses traços, tal como apresentada acima.

6.2.1. A correlação entre os traços [+INCOATIVO] e [+MUDANÇA DE ESTADO]

Como vimos, os traços [+INCOATIVO] e [+MUDANÇA DE ESTADO] devem coocorrer na projeção ASPP para atingir a telicidade e liberar a alternância *causativo-incoativa*. Assim sendo, não adoto a proposta de Naves (2005), segundo a qual a composição do traço [+MUDANÇA DE ESTADO] juntamente com o traço [+TÉLICO] seriam os fatores que licenciam este tipo de alternância, uma vez que a telicidade ocorre em construções diferentes das que analiso. Primeiramente, demonstro, por meio dos exemplos abaixo, como o traço

aspectual [+INCOATIVO] opera e, depois, discuto a telicidade como resultado dessa operação.

(13a) João pegou *a bola*.

(13b) João rasgou *a bola*.

(14a) A mãe comprou *o prato*.

(14b) A mãe quebrou *o prato*.

Em (13a) e (13b), o argumento interno é preenchido pelo mesmo DP, ou seja, *a bola*; o mesmo ocorre com (14a) e (14b), que compartilham o DP *o prato*. Notem que ambos os DPs são quantificados. Em (13a) e em (14a), *a bola* e *o prato* não sofrem qualquer alteração em seu estado físico. Isto porque os verbos *pegar* e *comprar* não afetam diretamente seus argumentos. O que determina a não afetação desses DPs é a ausência do traço [+INCOATIVO] na estrutura desses verbos. Já em (13b) e em (14b), tanto *a bola* quanto *o prato* têm suas propriedades físicas diretamente afetadas. Então, *a bola passa de não rasgada a rasgada*; e *o prato, de não quebrado a quebrado*. Essa afetação decorre, por sua vez, da presença do traço [+INCOATIVO] na estrutura abstrata dos predicados *rasgar* e *quebrar*, mesmo que esse traço não possua realização fonológica (cf. capítulos 2 e 5).

A afetação de um argumento pelo traço [+INCOATIVO] pode ser atestada pela paráfrase *tornar-se estado*, cuja função básica é a de sinalizar o resultado

da mudança de estado sofrida por um DP (ver capítulo 2 desta tese). Observem que essa paráfrase com *quebrar* e *rasgar* é possível, resultando na alternância *causativo-incoativa*. Contrariamente, tal paráfrase é bloqueada com *pegar* e *comprar* e os verbos dessas construções não alternam. Vejamos esses resultados apresentados, respectivamente, em (15) e (16) abaixo:

(15a) O prato *tornou-se quebrado*.

(15b) O prato (se) *quebrou*

(15c) A bola *tornou-se rasgada*.

(15d) A bola (se) *rasgou*.

(16a) * A bola *tornou-se pegada*.

(16b) *A bola *pegou*.

(16c) *O prato *tornou-se comprado*.

(16d) *O prato *comprou*.

Diante dessa possibilidade, reforço o argumento de que somente os verbos do tipo de *rasgar* e *quebrar*, devido ao traço [+INCOATIVO], resultam na alternância *causativo-incoativa*. Ou seja, quando este traço se realiza em um verbo, seu argumento interno deve necessariamente vir marcado com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] e, obrigatoriamente, permite a leitura de que sofreu a mudança imposta por tal traço. Assim, a alternância é liberada, conforme reforçam os dados adicionais que apresento a seguir:

(17a) Ana estourou o balão.

(17b) O balão estourou.

(18a) O sol secou a roupa do varal.

(18b) A roupa do varal secou.

(19a) A umidade mofou meu casaco de couro.

(19b) Meu casaco de couro mofou.

(20a) Minha mãe torrou a farinha.

(20b) A farinha torrou.

Após constatar que a presença do traço [+INCOATIVO] na estrutura de verbos como *rasgar* e *quebrar* libera a alternância, enquanto que sua ausência em predicados como *pegar* e *comprar* a bloqueia, o objetivo na próxima subseção é averiguar se a telicidade é garantida em todas as construções com os predicados acima ou se é garantida apenas nas construções em que *rasgar* e *quebrar* aparecem.

6.2.2. Testando a telicidade das construções *causativo-incoativas*

Como já mencionado anteriormente (ver capítulo 4), a telicidade é um aspecto intimamente relacionado à duração de tempo. Então, para testar sua presença em uma construção, a literatura geralmente lança mão de expressões adverbiais que medem tempo (duração). Quando uma construção é gramatical com a inserção da expressão *em x tempo*, ela é télica (i.e., eventualidade

pontual); já com a expressão *por/durante x tempo*, o resultado é uma construção atélica (i. e., não pontual). Os dados de (13) e (14) acima seguem repetidos em (21) e (22) acrescidos dessas expressões adverbiais:

(21a) João pegou *a bola* **por cinco minutos/em dois segundos* —→ Télica

(21b) João rasgou *a bola* **por cinco minutos/em dois minutos* —→ Télica

(22a) A mãe comprou *o prato* **por cinco minutos/às duas horas* —→ Télica

(22b) A mãe quebrou *o prato* **por cinco minutos/em um segundo* —→ Télica

Observem que o resultado da aplicação dos testes deu positivo para telicidade, ou seja, todos os eventos codificam mudanças pontuais, *em x tempo*. Esse resultado corrobora a hipótese segundo a qual o argumento interno quantificado garante a telicidade de um evento, uma vez que em todas as construções essa exigência é preenchida. Além disso, corrobora minha hipótese, conforme a qual os verbos de mudança de estado como *rasgar* e *quebrar* permitem a alternância *causativo-incoativa* e permitem a leitura télica.

Por outro lado, os dados acima reforçam a tese de que a telicidade não deve ser considerada condição para restringir ou liberar a alternância, uma vez que, apesar de os dados apresentados acima serem todos télicos, *rasgar* e *quebrar* alternam, enquanto *pegar* e *comprar* não alternam, o que contraria a previsão de que apenas a leitura télica seria suficiente para liberar a alternância *causativo-incoativa*. Tendo em conta os resultados desses testes, se se assume

que a telicidade é uma propriedade do verbo e é o que transfere ao argumento interno o traço [+MUDANÇA DE ESTADO], viabilizando a alternância, como explicar o fato de *pegar* e *comprar*, ambos télicos, não alternarem?

Como minha proposta prevê que a alternância emerge da combinação do traço aspectual [+INCOATIVO], que exige um argumento interno com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO], a não alternância deve-se à ausência do traço [+INCOATIVO] na estrutura dos verbos *pegar* e *comprar*. A evidência direta dessa ausência advém do fato de o argumento interno não ser afetado pela mudança. Isso pode ser corroborado mais uma vez pela paráfrase *tornar-se estado*. Os dados em (15) e (16) seguem repetidos em (23) e (24) para facilitar a retomada:

(23a) O prato *tornou-se quebrado*.

(23b) O prato (se) *quebrou*.

(23c) A bola *tornou-se rasgada*.

(23d) A bola (se) *rasgou*.

(24a) * A bola *tornou-se pegada*.

(24b) *A bola *pegou*.

(24a) *O prato *tornou-se comprado*.

(24b) *O prato *comprou*.

Ademais, os dados e os testes acima nos mostram que um argumento quantificado, mesmo na ausência do traço [+INCOATIVO], pode garantir a telicidade de um evento, mas não pode garantir a alternância *causativo-*

incoativa. Mais precisamente, a teoria que estou desenvolvendo nesta tese é a de que a telicidade não é condição necessária para a alternância *causativo-incoativa* seja licenciada, ao contrário do que assume Naves (2005).

Mais um argumento em favor da hipótese de que a telicidade não é, de fato, um traço inerente ao verbo é a possibilidade de um mesmo verbo (ex.: *correr*) participar tanto de uma construção télica como de uma atélica. Observem que *correr* é um verbo de atividade e, conforme boa parte da literatura prevê, deveria ocorrer somente em contextos atélicos (25a). Com a inserção de um adverbial de extensão (25b) especificando o trajeto percorrido (5 quilômetros), o evento torna-se, então, delimitado, conferindo à construção uma interpretação télica (cf. DOWTY 1979, WACHOWICZ 2008, entre outros). Além do mais, Dowty (1979) afirma não ter encontrado “um único verbo de atividade que não possa ter um sentido de *accomplishment* em, pelo menos, um contexto especial” (DOWTY 1979, p. 61)⁷². Vejamos os exemplos do PB a seguir:

- (25a) Fábio correu *por duas horas*. —→ Atélica
(25b) Fábio correu 5 quilômetros *em uma hora*. —→ Télica

Por outro lado, o mesmo autor afirma que verbos *accomplishments* com objeto direto podem comportar-se como atividades se o objeto for não um

⁷² Do original: “(...) a single activity verb which cannot have an accomplishment sense in at least some special context” (DOWTY 1979, p. 61).

DP/SN singular, mas um plural (indefinido) ou massa. Esta mesma intuição é corroborada por Wachowicz (2008), conforme discutido no capítulo 4. O dado do PB, em (26b) abaixo, exemplifica esta afirmação.

- (26a) João quebrou a janela *em um segundo*. → Télica
(26b) João quebrou janelas *durante anos*. → Atélica

Verifica-se o mesmo comportamento com os verbos de *achievements*. Tais construções são consideradas por muitos pesquisadores como inerentemente télicas. No entanto, se o argumento interno for um plural nu, por exemplo, a atelicidade é possível até mesmo com essas construções, conforme mostram os exemplos a seguir.

- (27a) As maçãs apodreceram *em apenas um dia*.
(27b) Maçãs apodreceram *durante o período chuvoso*.
(28a) Os vidros (se) quebraram *em apenas 2 minutos*.
(28b) Vidros (se) quebraram *durante o terremoto*.

Ramchand (2008) comprova a afirmação acima ao destacar o problema da telicidade em relação aos verbos inacusativos, como *widen* “alargar”, *harden* “endurecer”, *melt* “derreter” e *dry* “secar”. De acordo com o que a literatura geralmente prediz, esses verbos são de *achievements* e inerentemente télicos. Entretanto, muitos deles contrariam esta predição, aparecendo em contextos

atéticos. Por exemplo, em (29), *a fenda pode alargar, mas não se tornar necessariamente larga*; em (30), *o chocolate pode derreter, mas não se tornar completamente líquido*. Observamos a seguir os dados propostos pela autora:

(29) The gap widened *for three minutes* (but still remained too narrow for us to pass through).

(30) The chocolate melted *for three minutes* in the back seat of the car (before we rescued it).

(RAMCHAND 2008, p. 27)

Os dados acima confirmam que o argumento interno quantificado interfere na telicidade das construções em que são inseridos, assim como comprovam que a telicidade pode ser quebrada por algum elemento adicionado à sentença. Essa possibilidade de quebra permite afirmar que a telicidade não é uma propriedade inerente aos verbos. Portanto, telicidade não deve ser fator que condiciona a liberação da alternância *causativo-incoativa* desses verbos. Outra evidência disso advém do fato de construções atéticas poderem alternar na forma transitivo-intransitiva. Vejamos a seguir:

(31a) Alice rolou *a bola* (**em cinco minutos/por cinco minutos*) → Atética

(31b) A bola rolou.

(32a) Alice furou *a bola* (*em um minuto/*por cinco minutos*) → Télica

(32b) A bola furou.

Corroborando o que venho afirmando até aqui, a diferença entre (31) e (32) acima está diretamente conectada com o traço [+INCOATIVO] do verbo e, conseqüentemente, com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno. Nota-se que o argumento *a bola* em (31) não sofre mudança em sua integridade física, o que se comprova pela agramaticalidade da paráfrase dessa construção em PB: **a bola tornou-se rolada*. Assim, afirmo que o traço [+INCOATIVO] é defectivo em *rolar* e a mudança sofrida pela bola é apenas de locação. Já em (32), *a bola* é afetada diretamente pela ação de *Alice* e *se torna furada*. Neste caso, *furar* tem o traço [+INCOATIVO] em sua estrutura e, por isso, o DP interno que ele projeta é provido do traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. A alternância deste verbo equivale, portanto, à *causativo-incoativa*. A gramaticalidade de (34b) corrobora essa afirmação.

(33a) A bola rolou.

(33b) **A bola tornou-se rolada*.

(34a) A bola furou.

(34b) *A bola tornou-se furada*.

Ademais, se considerar que a telicidade determina alternância, apenas (34a) deveria ser uma sentença possível, já que é télica. Porém, (33a) é atélica e alterna contrariando tal previsão. Este fato corrobora a argumentação de que não é exatamente a telicidade combinada com o argumento interno que

determina se um verbo alterna entre duas construções distintas ou não. Ao contrário, na verdade, o que os dados empíricos demonstram é que a propriedade responsável por liberar a alternância *causativo-incoativa* é o traço [+INCOATIVO]. É, portanto, a presença de tal traço que explica por que *furar* tem este traço e *rolar* não, nos dados em (33) e (34). É sob esta condição que o argumento interno de *furar* recebe o traço [+MUDANÇA DE ESTADO].

Obviamente que o tipo de alternância que ocorre com o verbo *rolar* em *Alice rolou a bola/A bola rolou* não é *causativo-incoativo* (ver discussão no capítulo 2 sobre este tipo de verbo). Não sendo o traço [+INCOATIVO] uma propriedade do verbo *rolar*, ao DP *a bola* não é imposta uma mudança de estado, o que ocorre é apenas uma mudança de locação desse DP.

Percebe-se pela argumentação delineada até este ponto que os traços [+INCOATIVO] e [+MUDANÇA DE ESTADO] operam em favor de um mesmo verbo participar das duas construções: a *causativa* e a *incoativa*. Posto dessa maneira, estou assumindo com muitos outros autores que a telicidade não é uma propriedade inerente ao verbo de mudança, mas sim um resultado da combinação deste com seu argumento interno (ou com outro elemento). Comprova-se esta afirmação quando um mesmo verbo alterna entre télico e atélico, como é o caso de *correr* exemplificado em (25) acima. Portanto, reafirmo que a telicidade é um fenômeno muito mais amplo que o incoativo. Ou

seja, a telicidade atinge outras classes de verbos além da classe de mudança de estado.

Essa dualidade télica x atélica entre os verbos de mudança de estado é encontrada principalmente com aqueles verbos cuja mudança ocorre em determinado grau. Por exemplo, com os verbos *esfriar*, *esquentar*, *amolecer*, *endurecer* é possível a paráfrase *tornar-se (mais) frio/quente/mole/duro*. Vejamos os dados abaixo com *esfriar*:

(35a) Ana Júlia esfriou *o leite em 5 minutos/durante 5 minutos*.

(35b) O leite *tornou-se (mais) frio*.

(35c) O leite esfriou.

Os verbos do tipo de *esfriar* codificam mudança de estado ocorrida em determinado grau. Por isso, a construção em que eles aparecem oscila entre télica/atélica, como em (35a). Para o que me interessa nesta tese sobre a *causativo-incoativa*, assumo, acompanhando o essencial da teoria de Bassani (2013), que “(...) mesmo que não haja uma mudança completa do estado do argumento interno, essa mudança deve ocorrer minimamente em algum grau” (BASSANI 2013, p. 108).

Sendo assim, postulo que esse grau de mudança já é suficiente para afetar o argumento interno e liberar a alternância *causativo-incoativa*, uma vez que houve, sim, uma mudança na temperatura do leite. Por isso, apesar de a

construção poder ser atélica, ela é télica também. Essa dualidade não contraria, neste caso, a previsão segundo a qual a correlação entre o traço [+INCOATIVO] e [+MUDANÇA DE ESTADO] resulta na telicidade das *causativo-incoativas*.

É válido ressaltar, porém, que, com alguns verbos, a inserção da expressão adverbial *durante x tempo* mede o estado resultante e não o ponto de culminação daquele evento, que ocorre em momento anterior. Seguem em (36) e (37) exemplos que ilustram essa afirmação. Em (36), o *leite ferve* quando atinge uma determinada temperatura (*ferveu em x tempo*). Neste caso, a mudança é pontual, e o advérbio de duração apenas indica que *o leite continuou fervendo durante cinco minutos*; o mesmo ocorre em (37): *a porta (se) abriu em x tempo*, mas *permaneceu aberta durante meia hora*.

(36) Chris ferveu o leite *durante cinco minutos*.

(37) Alice abriu a porta *durante meia hora* para ventilar a casa.

Diante dessa argumentação, assumo que o argumento interno, quando específico e determinado, cumpre, sim, a função de delimitar um evento télico. Caso se tenha, por exemplo, um DP nu (*vidraça*) ou um DP plural (*crianças*) como argumento interno dos verbos *quebrar* e *assustar*, respectivamente, a interpretação será de duração, ou seja, atélica. Vejamos os dados abaixo:

(38) Maria quebrou vidraças *durante a adolescência*.

(39) O palhaço assustou crianças *durante o espetáculo*.

Pela discussão feita até o momento, minha hipótese é a de que telicidade não é uma propriedade exclusiva das construções *causativo-incoativas*, uma vez que está presente em diferentes ambientes (causativos ou não). A análise dos dados também me leva a concluir que telicidade não é um aspecto inerente ao verbo de mudança de estado. Tal afirmação torna-se mais clara quando um “verbo” considerado pela literatura como télico sofre alteração deste aspecto por meio de um DP nu, não quantificado, ou pela inserção de uma expressão adverbial de duração (*durante/por x tempo*), por exemplo. Todas essas evidências levam-me a assumir que, de fato, a telicidade é o resultado da combinação de vários fatores e não é o requisito fundamental para liberar a alternância *causativo-incoativa*.

Enfim, as evidências empíricas arroladas até aqui confirmam os pontos cruciais de minha proposta, conforme a qual são os traços dos *morfemas abstratos* que compõem o verbo de mudança de estado que liberam a alternância *causativo-incoativa*.

Após a apresentação desta proposta de análise, resta-me ainda apresentar uma análise de como se dá a projeção do argumento externo na estrutura dos verbos incoativos. Este será o objetivo principal da próxima

subseção. Para tal, apresento como ocorre o *Spell-out* da fase vP, bem como a conexão desta fase com o licenciamento do argumento externo das construções *causativo-incoativas*.

6.3. SPELL-OUT DA PRIMEIRA FASE (vP)

De acordo com o que preconiza a MD, os núcleos categorizadores *n*, *v* e *a* conferem a uma raiz o estatuto de “palavra” (i.e., nome, verbo ou adjetivo). São, portanto, núcleos fásicos (EMBICK 2010), isto é, ocasionam o fechamento de uma fase⁷³. Quando isso acontece, todo o objeto sintático em seu domínio sofre *Spell-out*, sendo enviado à LF onde recebe a interpretação semântica adequada. Em seguida, este objeto é enviado à PF para preenchimento de material fonológico e aplicação de regras fonológicas relevantes. No capítulo 5, discuti como se processa a inserção de material fonológico no núcleo ASP^o, ou seja, a inserção dos afixos {*a-/en-/es...-ec-*}. Nos dados coletados, nem sempre há preenchimento do núcleo ASP^o por tais afixos, podendo tal posição ficar fonologicamente vazia.

Para Chomsky (2001), seguido por tantos outros pesquisadores, uma consequência direta da operação *Spell-out* é o objeto sintático tornar-se opaco a operações sintáticas posteriores. Desse modo, uma pergunta para a qual o leitor

⁷³ Ver capítulo 3 sobre fases (Chomsky 1998, 2001).

atento deve querer encontrar uma resposta é a seguinte: pode haver relação entre o núcleo $v^{\circ}\text{CAUSE}$ ⁷⁴, que introduz o argumento externo, e o núcleo *verbalizador*, projetado imediatamente acima de ASP° ? Se sim, o que motiva tal relação e como ela ocorre? Mas antes de responder a esta questão, faço uma breve explanação sobre o núcleo que projeta tal argumento e sobre os traços codificados nesse núcleo, conforme proposta que venho assumindo até aqui.

A necessidade de se adotar um núcleo independente do núcleo V° (ou v° *verbalizador* para a MD) com a função de projetar o argumento externo tem suas bases em Marantz (1984). Este autor, desenvolvendo estudos sobre a assimetria das relações semânticas (papéis temáticos) existente entre o verbo e os argumentos interno e externo, observa que há uma relação mais estreita entre o verbo e o argumento interno que entre o verbo e o argumento externo.

Marantz (1984) postula haver uma “assimetria que confirma a nossa concepção de semântica de verbo: a escolha do objeto (ou de outro argumento de um verbo) afeta o papel semântico do sujeito lógico, enquanto a escolha do sujeito lógico não afeta o papel semântico do objeto” (MARANTZ 1984, p. 50-51).⁷⁵ Exemplifico com dados do próprio autor:

⁷⁴ Adoto, nesta pesquisa, $v^{\circ}\text{CAUSE}$ como o núcleo que introduz o argumento externo.

⁷⁵ Do original: “(...) asymmetry which confirms our conception of verb semantics: choice of object (or other argument of a verb) affects the semantic role of the logical subject while choice of logical subject does not affect the semantic role of the object” (MARANTZ 1984, p. 50-51).

- (40a) kill a cockroach.
- (40b) kill a conversation.
- (40c) kill an evening watching TV.
- (40d) kill a bottle (i.e., empty it)
- (40e) kill an audience (i.e., wow them)

(MARANTZ 1984, p. 49)

Pelas sentenças acima, percebe-se que o tipo de argumento interno impõe restrição à interpretação do verbo. E ambos, verbo e argumento interno, podem determinar o papel do argumento externo. Por exemplo:

- (41a) Marcos [construiu uma casa] → AE⁷⁶ *agente*
- (41b) Marcos/O terremoto [derrubou a casa] → AE *agente ou causa*

Em (41a), *construiu uma casa* é um tipo de evento dependente de um argumento externo agente para que o objeto *uma casa* seja construído. Ou seja, o agente precisa iniciar o evento e seguir com ele até seu fim. Já em (41b), o evento *derrubar a casa* implica mudança em algo que existe anteriormente ao evento, por isso, basta uma “força desencadeadora” e o evento segue sem a presença desta força até seu fim. Este tipo de evento é sempre dependente do argumento que sofre a mudança de estado (cf. HARLEY; NOYER 2000, p. 20).

Ainda sobre (41b), vale ressaltar que o verbo de mudança *derrubar* não aparece na construção incoativa **a casa derrubou*. Isso porque a língua

⁷⁶ AE: argumento externo.

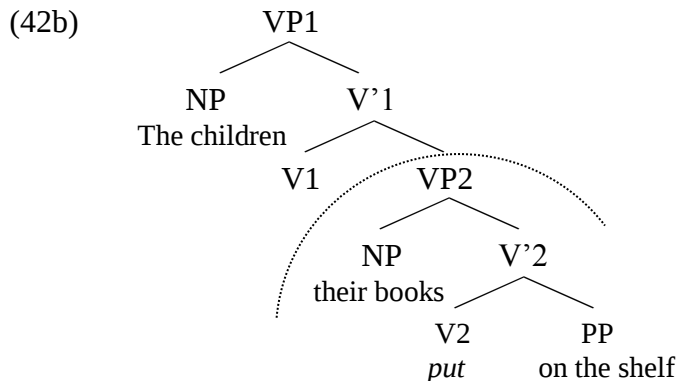
disponibiliza o par *cair* para a *incoativa*, *a casa caiu*. Em PB, existem alguns verbos que se comportam semelhantemente a este par, como *matar/morrer*.

Tendo assentado tal proposta, Marantz (1984) define então quem deve atribuir papel semântico a quem, ou seja: V^o atribui a seu argumento interno e estes conjuntamente atribuem “o papel temático do argumento externo que, por sua vez, encontra-se em uma relação mais frouxa com o núcleo verbal”, como afirma Bassani (2013, p. 110). Afinal, em que núcleo o argumento externo deveria ser projetado? E as pesquisas com o objetivo de definir tal núcleo continuaram.

Anos depois, em 1988, esta ideia foi mais bem desenvolvida por Larson, que propôs a Hipótese do Complemento Único⁷⁷ para dar conta das construções com objetos duplos. Grosso modo, tal hipótese prevê que cada núcleo pode ter um único complemento, representando, assim, um passo importante na articulação do VP. Para Travis (2000), isso de fato força a estrutura binária; contudo, força também a geração de núcleos adicionais para licenciar múltiplos argumentos internos. A estrutura de uma sentença com dois argumentos internos é representada como segue:

(42a) The children their put books on the shelf.

⁷⁷ Single Complement Hypothesis (TRAVIS 2000).



(TRAVIS 2000, p. 150)

Na estrutura acima, dois VPs são gerados, e ambos os argumentos internos *their books* “seus livros” e *on the shelf* “na prateleira” podem ser gerados como irmãos de seus respectivos núcleos. Observem que o v° CAUSE se encontra vazio (V1). Esta posição será preenchida quando o verbo se mover do V mais baixo para lá.

Hale e Keyser (1993; 2002) também adotam a proposta do VP cindido e a aplicam aos verbos denominais, propondo que a sintaxe contribui com a semântica ao determinar que o papel semântico é atribuído aos argumentos na posição em que são gerados. A estrutura sintática dos verbos denominais proposta pelos autores é semelhante àquela representada em (38b) acima.

Para a Semântica Lexical (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV 1992, CANÇADO *et al.* 2013, entre outros), a estrutura de decomposição de predicados descreve as propriedades semânticas que compõem o sentido de um

determinado verbo, bem como a distribuição dos argumentos em suas respectivas posições. Assim, o V mais alto, com agente em sua posição de Spec, é representado pelo operador CAUSE, enquanto o V mais baixo, pelos operadores BE/BECOME (cf. TRAVIS 2000, p. 151-152). A estrutura de decomposição de um verbo do tipo de *abrir* é ilustrada em (43):

(43) abrir: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <ABERTO>]]]

Mais tarde, em 1995, com o advento do Programa Minimalista de Chomsky, a cisão v-VP é consolidada. Acredita-se que esta nova estrutura sintática complexa cubra todo (ou quase todo) tipo de verbo.

Outra versão da proposta v-VP bastante difundida recentemente é a de Kratzer (1996), cuja inspiração credita-se a Johnson (1991). A autora propõe que o núcleo que projeta o argumento externo é Voice^o, introduzido via predicação. Porém, a questão que emerge é como dar conta de argumentos não agentes que são projetados na posição de sujeito. A autora propõe a seguinte solução:

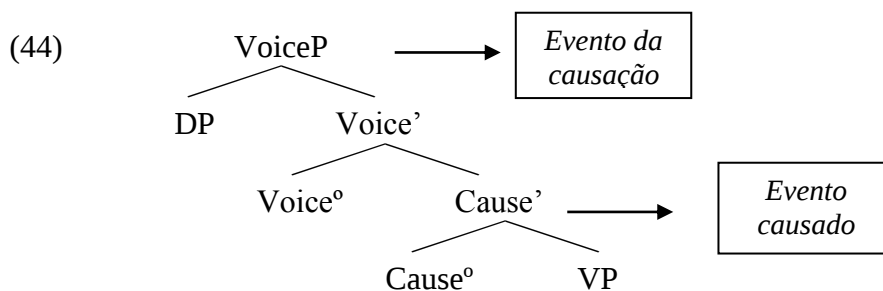
suponhamos que haja dois tipos de núcleo Voice em inglês: um ativo e um não ativo. O núcleo Voice ativo adiciona os argumentos externos e atribui (cheça) Caso acusativo. Já o núcleo Voice não

ativo não adiciona argumentos externos nem checa Caso acusativo (KRATZER 1996, p. 123).⁷⁸

A função do núcleo Voice^o ativo seria adicionar argumentos externos agentes e valorar Caso acusativo. Enquanto isso, o núcleo Voice^o não ativo não exerceria nem uma função nem outra, e o sujeito projetado por esse núcleo compartilharia algumas propriedades com os sujeitos de inacusativos que, geralmente, recebem o papel temático de tema ou afetado. Nos termos de Kratzer, Voice^o é adotado em detrimento de v^oCAUSE.

Um pouco mais tarde, Pylkkänen (2002; 2008), ao estudar as construções causativas do japonês, finlandês e inglês, assume e alarga a proposta de Kratzer (1996) explodindo ainda mais o vP, em Voice^o e CAUSE^o. A autora propõe que todas as estruturas causativas projetam o núcleo Voice^o e o núcleo v^o CAUSE, que podem realizar-se sincreticamente ou não. O núcleo Voice^o cumpre a função de introduzir o argumento externo agente, enquanto o núcleo CAUSE^o tem um estatuto relacional, ou seja, promove uma ligação entre o *evento da causação* (Voice^o) e o *evento causado* (VP). A representação dos núcleos com seus respectivos eventos é como segue:

⁷⁸ Do original: “Suppose there are two kinds of voice heads in English: active and non-active. Active voice heads add external arguments and assign (check) accusative Case. Non-active voice heads do not add external arguments and do not assign (check) accusative Case” (KRATZER 1996, p. 123).



As motivações para a autora propor a cisão de Voice° e CAUSE° vêm das causativas investigadas por ela. De acordo com Pylkkänen (2002; 2008), os dois núcleos estariam presentes em todas as línguas, podendo variar translinguisticamente quanto à realização deles em núcleos cindidos (por exemplo, no japonês e no finlandês) ou fundidos (como no inglês). Quando fundidos, são sintaticamente iguais, porém, semanticamente diferentes.

De posse de algumas propostas sobre a cisão v-VP, justifico o porquê de assumir o V°CAUSE PARA a análise de nossos dados em detrimento de Voice, a saber: (i) faltam evidências morfológicas da existência de um núcleo Voice° (nos termos de Kratzer (1996) e de Pylkkänen (2002, 2008)) em PB; (ii) postulo que há uma conexão entre o traço [$\pm$ AGENTE] do *verbalizador* e o núcleo de V°CAUSE, por meio da qual o *verbalizador* transmite informações ao V°CAUSE sobre a subespecificação do papel semântico do argumento externo. Não há, portanto, completa independência entre os dois núcleos, como Kratzer propõe haver entre Voice° e VP (para a MD, vP); e (iii) existem construções em que o

argumento externo pode interferir, sim, no sentido do predicado. A evidência vem da capacidade de ser este o argumento que delimita o evento (DOWTY 1991; LEAL 2009) em alguns ambientes. Seguem alguns dados que ilustram esta afirmação:

(45) [O exército abandonou] a cidade (em meia hora)

(46) [A jibóia abandonou] a caixa (em 30 segundos)

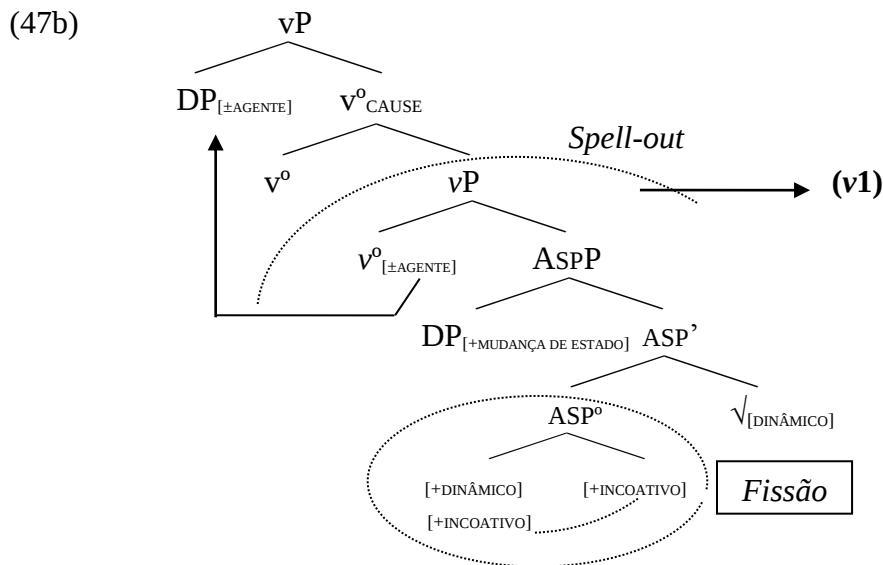
(LEAL 2009, p. 218)

As duas construções acima são télicas como comprovam as expressões *em x tempo*. De acordo com Leal (2009, p. 218), nos dois exemplos, “podemos seguir a progressão do evento através da progressão ao longo da extensão espacial dos argumentos externos”. Colocando de outra maneira, nestes casos, o que determina a culminância do processo é o argumento externo, e não o argumento interno. Desse modo, o argumento externo não se manifesta numa relação de completa independência de seu predicado.

Tendo em conta a opção pelo v^oCAUSE introduzindo o argumento externo, volto ao assunto do fechamento da primeira fase e do consequente problema da “opacidade do material enviado a *Spell-out*”, sobre o qual Galves (2010) faz uma interessante observação. Segundo essa autora, a Condição de Impenetrabilidade das Fases garante que a borda e o núcleo de uma fase sejam acessíveis a operações exteriores. Assim, o traço [$\pm$ AGENTE] do *verbalizador* é

acessível ao traço $[\pm\text{AGENTE}]$ do $v^0\text{CAUSE}$. Desse modo, o núcleo *verbalizador* adjunge-se ao núcleo $v^0\text{CAUSE}$ e uma posição de Spec em $v^0\text{CAUSE}$ é aberta, onde então é inserido um DP subespecificado para agentividade (i.e., agente voluntário ou involuntário, causa, instrumento, evento). Assim, o argumento interno permanece *in situ*, garantindo ao verbo de mudança de estado sua participação em construções *causativas*. Essa operação gera uma estrutura sintática como a que segue:

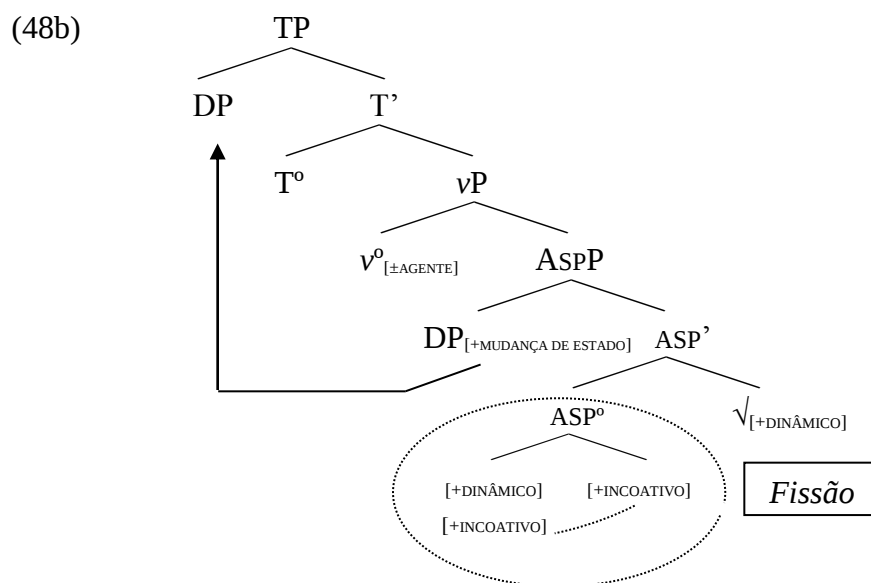
(47a) O vento/o martelo/Maria quebrou a janela.



Por outro lado, se não houver um argumento externo disponível à inserção em Spec- $v^0\text{CAUSE}$, o argumento interno pode alçar a Spec-TP e a

sentença gerada será *incoativa*. Ressalte-se que, quando o argumento externo é obrigatoriamente agente, há sempre um DP disponível para preencher tal posição, bloqueando o alçamento do argumento interno. Vejamos então a derivação sintática de uma estrutura *incoativa*:

(48a) A janela quebrou.



De posse de todas as informações acima, na próxima seção, discuto diferentes tipos de DPs que são projetados na posição de argumento externo da versão *causativa* da alternante *causativo-incoativa*.

6.4. O ARGUMENTO EXTERNO DAS CAUSATIVO-INCOATIVAS

A classe dos verbos de mudança de estado é bastante flexível quanto ao tipo de argumento externo projetado na versão causativa das construções *causativo-incoativas*. Para tal posição, podem ser requeridos diversos tipos semânticos, como um DP humano agente volitivo (49), humano agente não volitivo (50), causa (51), instrumento (52), evento (53). Seguem os exemplos com o verbo *abrir*:

(49) Marcelo abriu a janela *de propósito*.

(50) Marcelo abriu a janela *por acidente*.

(51) O vento abriu a janela.

(52) A chave abriu a janela.

(53) O empurrão que Marcelo levou abriu a janela.

Nas construções de (49) a (53), os DPs que representam a “força desencadeadora”⁷⁹ são de diferentes tipos semânticos. Entretanto, o resultado é sempre o mesmo. Por exemplo, com o verbo *abrir*, tem-se o resultado *a janela tornou-se aberta*, independente da natureza da força que desencadeia a mudança. Isso nos leva à consolidação da seguinte proposta: nas construções

⁷⁹ Diante da diversidade de papel semântico ocupando a posição de argumento externo, para não haver confusão terminológica, adoto em minha análise a expressão “força desencadeadora” em detrimento de agente ou causa, termos recorrentes na literatura.

causativas com verbos de mudança de estado, basta uma “força desencadeadora” do evento da causação, que o evento causado segue por si só.

Diante da multiplicidade de papéis semânticos do argumento externo, é necessário fazer uma ressalva sobre o agente potencial, exemplificado em (49) acima. Muitos trabalhos consideram que a agentividade é uma restrição para a alternância. Em realidade, o que restringe a alternância é o tipo de traços aspectuais selecionados e combinados na estrutura sintática do vP [+DINÂMICO, +INCOATIVO, +MUDANÇA DE ESTADO]. Quando a concatenação da raiz se der com traços diferentes dos que assumo, o verbalizador requerido será do tipo v2 [+AGENTE], com projeção obrigatória de um DP agente. Em realidade, é o traço [+INCOATIVO] que determina se o verbalizador será do tipo v1[±AGENTE] ou v2 [+AGENTE], conforme assentado no capítulo anterior. Ressalto que as construções não alternantes não são contempladas nesta pesquisa por não carregarem o traço [+INCOATIVO]. Deixo este tipo de análise na agenda de investigações posteriores.

Enfim, diante das constatações feitas nesta pesquisa sobre a alternância *causativo-incoativa*, a minha hipótese é a de que a crescente capacidade de muitos verbos, considerados estritamente agentivos, admitirem argumentos externos de natureza diversa tem feito aumentar, e muito, a recorrência de construções transitivo-intransitivas em PB, com comportamento semelhante ao

das *causativo-incoativas*: (ex.: *Esta casa já vendeu, o documento xerocou, a casa alugou*).⁸⁰ Como já dissemos, essa aparente semelhança induz, muitas vezes, à errônea denominação *causativo-incoativa* para essas novas construções. Acredito que esta pesquisa tenha contribuído para distinguir a verdadeira construção *causativo-incoativa* da não *causativo-incoativa*.

Apresento, a seguir, o resumo com as principais propostas desenvolvidas neste capítulo.

6.5. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, propus-me a investigar as propriedades do traço [+MUDANÇA DE ESTADO] e do traço [+TÉLICO], com o objetivo de consolidar a proposta segundo a qual o argumento interno é projetado na sintaxe por requerimento do traço [+INCOATIVO] e não do [+TÉLICO]. Para tanto, testei a telicidade de diversas construções, com o intuito de comprovar ou refutar tal hipótese. O resultado dos testes de telicidade comprovou que este aspecto ocorre em diferentes tipos de construções, e não apenas na construção *causativo-incoativa*. Esta constatação corroborou a hipótese segundo a qual a telicidade não projeta o argumento interno, assim como não condiciona a

⁸⁰ Remeto nosso leitor aos trabalhos de Negrão e Viotti (2008, 2010, 2011) sobre este “novo” tipo de alternância.

alternância *causativo-incoativa*. A telicidade é um fenômeno que pervaga diferentes tipos de construções, alternantes e não alternantes.

A partir do resultado dos testes, pude delinear também a função do traço [+INCOATIVO] na projeção do argumento interno [+MUDANÇA DE ESTADO] e como este delimita o evento dinâmico, marcando o fim de uma mudança deste argumento, bem como comprovei que uma das consequências dessa operação é a telicidade das construções *causativo-incoativas*. Outra consequência da presença do traço [+INCOATIVO] nos verbos de mudança de estado é a possibilidade de ASP se concatenar com o verbalizador do tipo v1 [$\pm$ AGENTE]. Esse verbalizador cumpre tanto a função de categorizar a raiz como a de indicar que o argumento externo da construção *causativa* pode ser de natureza diversa. Além disso, na ausência do argumento externo, o DP interno pode alçar a Spec-TP, resultando na construção *incoativa*.

Caso o verbalizador requerido seja do tipo v2 [+AGENTE], a obrigatoriedade da projeção de agente bloqueia a subida do argumento interno e a alternância é, então, barrada. Ressalte-se que o que determina o tipo de verbalizador que deve se concatenar à estrutura do verbo é a ausência ou a presença do traço [+INCOATIVO]. Se tem este traço, verbalizador v1[$\pm$ AGENTE] é requerido e ocorre a alternância; sem o traço [+INCOATIVO], é requerido o verbalizador v2 [+AGENTE] e a alternância é bloqueada.

Seguindo Naves (2005), Amaral (2015), entre outros, comprovo que a agentividade do argumento externo “não é relevante para a alternância *causativo-incoativa*, porém determina outros fenômenos importantes, como a passivização e a ocorrência do *se*⁸¹ nas formas incoativas” (cf. AMARAL 2015, p. 62). Não vou entrar no mérito da discussão de tais fenômenos porque, pela complexidade, demandariam uma pesquisa à parte. Reservo esses assuntos a futuras pesquisas.

A seguir, apresento a conclusão da investigação desenvolvida nesta tese. Além disso, aponto os problemas não resolvidos e as hipóteses não atestadas e os reservo a futuras investigações.

⁸¹ Sobre o uso do clítico *se* em construções incoativas, remeto o leitor a Duarte (2006), Godoy (2012) e Ribeiro (2010) para o PB, e Lawall (2014) para o espanhol.

CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

7.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese partiu da hipótese segundo a qual a possibilidade de o verbo de mudança de estado participar da alternância *causativo-incoativa* reside nos traços aspectuais que formam estes verbos. A investigação pretendeu atingir dois objetivos gerais, quais sejam: (i) contribuir para a discussão teórica sobre a presença de traços dos verbos de mudança de estado condicionando a alternância sintática *causativo-incoativa* do PB; e (ii) elaborar uma proposta teórica fundamentada nestes traços.

Com o intuito de corroborar a hipótese acima e alcançar os objetivos propostos, outras hipóteses mais específicas sobre a formação dos verbos de mudança de estado foram aventadas, a saber: (i) a raiz é especificada para dinamicidade; (ii) a projeção de um terminal sintático, sob o rótulo de ASPP, cujo núcleo contém os traços aspectuais [+DINÂMICO, +INCOATIVO], motivados pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}. Os prefixos {*a-/en-/es-*} realizam o traço [+DINÂMICO], e o sufixo {-*ec-*} realiza o traço [+INCOATIVO], o qual exige que o argumento interno que satura o verbo de mudança de estado contenha o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]; (iii) o *verbalizador* (sob o rótulo v1) que categoriza a

raiz porta o traço [$\pm$ AGENTE], que, por sua vez, se conecta com o argumento externo das construções em tela; (iv) dessa operação resulta uma construção télica. Essas hipóteses foram testadas com dados do PB à luz dos pressupostos da MD, especialmente os que versam sobre os *morfemas abstratos*, organizados em terminais sintáticos. Tais morfemas são satisfeitos, principalmente, pelos afixos aspectuais {*a-/en-/es-...-ec-*}, fonologicamente realizados ou não.

A primeira hipótese específica levou-me a investigar a raiz (*morfema lexical*) dos verbos de mudança de estado. Sobre este item, os seguidores da MD se dividem entre duas propostas: a primeira sugere que a raiz não carrega qualquer informação; já a segunda vai de encontro a esta, afirmando que a raiz carrega traços e/ou projeta argumentos. Ambas as propostas assumem que a raiz é categorialmente neutra, até ser concatenada ao núcleo doador de categoria.

Adotando uma proposta mista, assumi que a raiz desses verbos é acategorial, não projeta argumentos, mas porta o traço aspectual de dinamicidade e deve ser requerida pelo núcleo de ASP. Constatei que, de fato, este deve ser o traço relevante da raiz dos verbos em análise, uma vez que tais verbos se inserem em construções causativas, e que estas sempre envolvem dinamicidade. Por meio do traço aspectual [$+$ DINÂMICO], a raiz torna-se visível a operações sintáticas e se combina com um afixo cujo traço é da mesma natureza. Entretanto, ressalto que o traço da raiz não condiciona a alternância

em questão, uma vez que a dinamicidade é também uma propriedade de verbos não alternantes, como os de atividades (*dançar, correr...*).

A segunda hipótese resultou na proposta da projeção ASPP, cujo núcleo porta os traços aspectuais [+DINÂMICO, +INCOATIVO]. A função do aspecto [+DINÂMICO] é introduzir o evento dinâmico, desencatilhando a mudança, e inserir nele a raiz, enquanto a do [+INCOATIVO] é delimitar este evento, exigindo um argumento interno com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Este traço marca o ponto final da mudança desencadeada pelo dinâmico e sofrida por tal argumento. Dessa operação resulta uma construção télica. Em PB, a projeção ASPP é motivada pelos afixos {*a-/en-/es-...-ec-*}, mesmo que não realizados fonologicamente. Assim sendo, comprovei que esses são, de fato, os traços do núcleo de ASP e que cumprem a função levantada como hipótese.

Ainda sobre os traços de ASP^o, a conclusão a que chego depois de toda descrição elaborada é a de que o traço mais relevante para a liberação da alternância *causativo-incoativa* é o [+INCOATIVO]. Algumas evidências contribuíram para corroborar esta hipótese, quais sejam: (i) o sufixo {-ec-}, que carrega o traço aspectual incoativo, encontra-se fonologicamente realizado em uma quantidade bastante significativa de verbos de mudança de estado; (ii) o sentido incoativo atribuído a este sufixo desde o latim; e (iii) a função de descarregar o traço aspectual [+MUDANÇA DE ESTADO] no argumento interno,

marcando o ponto final da mudança de estado desencadeada pelo traço [+DINÂMICO] do prefixo e sofrida por tal argumento. Sem esta delimitação, a construção resultante seria uma causativa não alternante ou uma atividade. A partir dessa constatação, propus que tal traço determina o tipo de *verbalizador* da raiz do verbo de mudança de estado, além de interferir diretamente na estrutura argumental dos verbos em análise.

A seguir, investiguei as propriedades do argumento interno que satura o verbo de mudança de estado, com o objetivo de verificar como este argumento delimita o evento dinâmico, como a telicidade resulta dessa delimitação e se esta telicidade interfere na alternância. Para tanto, submeti várias construções ao teste de telicidade *em x tempo/por x tempo*, previsto pela literatura. O resultado comprovou que o argumento interno quando é específico e quantificado faz emergir a telicidade da construção, exemplificado em (a) abaixo. Entretanto, nem toda construção télica alterna, conforme (1c). A alternância só acontece quando o argumento específico e quantificado porta o traço [+MUDANÇA DE ESTADO], em (2). Este traço cumpre a função de delimitar o evento, marcando o ponto final da mudança sofrida pelo argumento interno, como em (2a), em que *a bola* passa de não rasgada a rasgada. Vejamos os resultados dos testes:

- (1a) Alice pegou a bola *em um segundo*. [télico]
 (1b) Alice pegou bolas *durante a brincadeira*. [atélico]
 (1c) *A bola pegou.
- (2a) Alice rasgou a bola *em um minuto*. [télico]
 (2b) Alice rasgou bolas *durante a brincadeira*. [atélico]
 (2c) A bola rasgou.

Esses resultados corroboram, assim, a hipótese segundo a qual a telicidade não é um traço inerente ao verbo. Isso possibilitou propor que este aspecto é, nas construções *causativo-incoativas*, decorrente da correlação entre o traço [+INCOATIVO] do verbo e o traço [+MUDANÇA DE ESTADO] do argumento interno dos verbos de mudança de estado. Finalmente, foi possível verificar que o argumento interno quantificado e específico viabiliza a telicidade da construção. Entretanto, para que ocorra a alternância do verbo de mudança de estado, este argumento deve ser projetado na presença do traço [+INCOATIVO] e ser marcado com o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Em outras palavras, não basta que o argumento interno seja quantificado e determinado para garantir a alternância, é necessário que este receba do traço [+INCOATIVO] o traço [+MUDANÇA DE ESTADO]. Portanto, o traço aspectual [+INCOATIVO] é, de fato, o que condiciona a alternância.

A terceira hipótese aventada foi a da existência de mais de um tipo de *verbalizador* em PB. O ganho teórico desta proposta é a possibilidade de explicar o tipo de argumento externo projetado em cada construção. De acordo

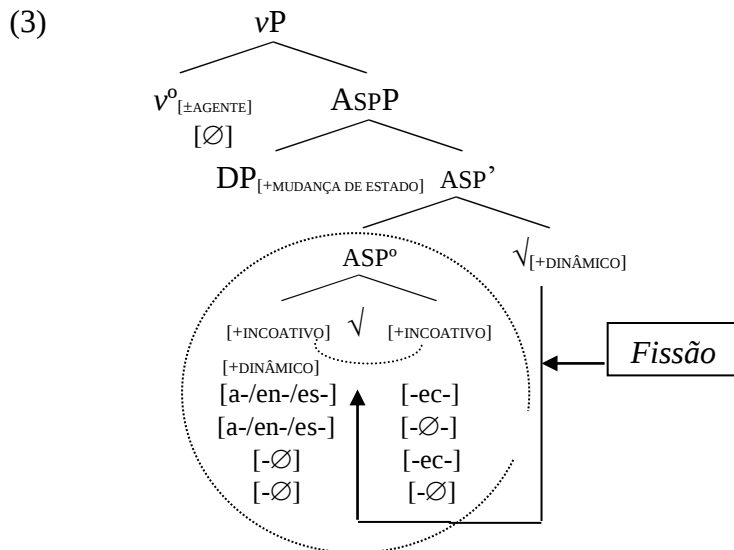
com os traços envolvidos nos verbalizadores, eu os rotulei assim: v1[±AGENTE] verbaliza a raiz do verbo de mudança de estado (ex.: *quebrar, aquecer...*); v2[+AGENTE] verbaliza outros tipos de verbos transitivos dinâmicos (ex.: *empacotar, construir...*). Provavelmente, exista ainda um terceiro tipo, o v3 [-AGENTE], que verbaliza os verbos dinâmicos não alternantes (ex.: *crescer, amanhecer...*). Essa tipificação de traços carrega as informações necessárias sobre o tipo de argumento externo de cada construção. A diferença entre cada *verbalizador* está, portanto, nos traços que cada um realiza.

Assim, se o traço [+INCOATIVO] ocorre na formação do verbo, o *verbalizador* requerido é o v1 [±AGENTE], que se conecta com argumento externo de diferentes tipos semânticos. Essa opcionalidade de papéis semânticos permite que o argumento externo não seja requerido, e na ausência deste, o argumento interno pode alçar a Spec-TP. Desse modo, o verbo resultante de v1 participa tanto da construção *causativa* quanto da *incoativa*; ou seja, alterna. Quando o traço [+INCOATIVO] não ocorre na formação do verbo, o *verbalizador* requerido é o v2 [+AGENTE], que se conecta com argumento externo agentivo, devendo sempre estar presente na construção. Desse modo, o alçamento do argumento interno a Spec-TP é bloqueado, e a alternância *causativo-incoativa* não converge.

Sobre a inserção de vocabulário no núcleo ASP°, os verbos de mudança de estado permitiram propor que esta ocorre por simultaneidade do prefixo e do afixo. Para dar conta de inserir dois itens de vocabulário em um terminal sintático, propus, seguindo a MD, que o núcleo de ASP é fissionado, originando um terminal subsidiário. Assim, o prefixo é inserido no nó principal e o sufixo é inserido no nó subsidiário. Esta ordem de inserção é determinada pelo traço aspectual [+DINÂMICO], que deve ocorrer antes do [+INCOATIVO], uma vez que este delimita o anterior. Ressalto, ainda, que, em ambas as posições, o vazio fonológico pode ser inserido, sem qualquer prejuízo para a sintaxe e/ou semântica das construções. O quadro expõe as possíveis combinações dos afixos na IV em ASP° e, na sequência, a estrutura arbórea ilustra tal IV.

A INSERÇÃO DE VOCABULÁRIO EM ASP°	
{a- ... -ec-}	<i>Amolecer, amortecer, apodrecer...</i>
{a-... -Ø}	<i>Adensar, afamar, afrouxar, alagar...</i>
{en-/em-/e-/... -ec-}	<i>Emagrecer, endurecer, enriquecer, empobrecer...</i>
{en-/em-/e-/...-Ø}:	<i>Engravidar, engordar, enamorar, enricar...</i>
{es-...-ec-}	<i>Esclarecer, estremecer...</i>
{es-...-Ø}	<i>Esverdear, esvaziar, esquentar, esfriar...</i>
{Ø...-ec-}	<i>Ruborescer, fortalecer...</i>
{Ø...-Ø}	<i>Quebrar, molhar, ferver...</i>

QUADRO 6: A inserção de vocabulário em ASP°



Acredito que esta proposta da inserção simultânea dos afixos por meio da fissão é um ganho teórico, pois permite explicar de uma maneira unificada como se processa a inserção desses itens em ASP^o , bem como sua contribuição para a constituição do verbo de mudança de estado. Como vimos, a consequência desta proposta reflete diretamente na estrutura argumental dos verbos em análise.

Enfim, o propósito desta investigação era descrever e analisar as construções *causativo-incoativas* do PB, nas quais os verbos de mudança de estado se inserem a partir de seus traços aspectuais. A hipótese inicial era a de que tais traços são os condicionantes da alternância em estudo. Contudo, o resultado das análises comprova que essa alternância emerge do traço aspectual

[+INCOATIVO]. Os demais traços envolvidos nas construções *causativo-incoativas*, com exceção do dinâmico, surgem em decorrência do [+INCOATIVO].

A seguir, elenco alguns dados desafiadores que surgiram no decorrer desta pesquisa e proponho investigá-los em trabalhos futuros.

7.2. DADOS DESAFIADORES: PESQUISAS FUTURAS

O primeiro dado desafiador refere-se ao grupo de verbos que descrevem fenômenos naturais, como *amanhecer*, *entardecer*, *anoitecer*, que são afixados exatamente como os de minha análise e indicam uma mudança de estado, mesmo assim não alternam conforme a proposta adotada nesta tese. Podemos comprovar essa afirmação pela estranheza gerada quando se introduz um argumento externo nas construções. Seguem alguns exemplos:

(4a) ??O verão amanheceu o dia mais cedo.

(4b) O dia amanheceu.

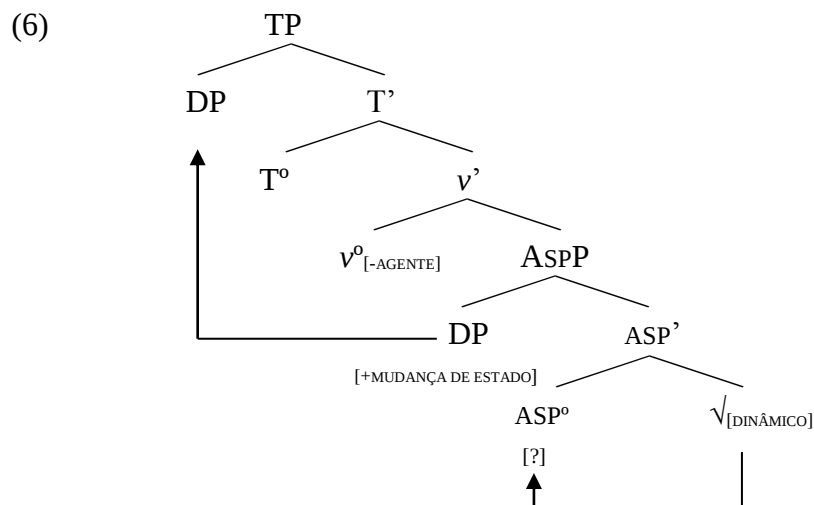
(5a) ??A mãe nasceu a criança.

(5b) A criança nasceu.

Em termos sintáticos, as construções intransitivas acima se comportam como as *incoativas* analisadas, mas os verbos dessas construções não se combinam com um argumento externo. Por isso, sugerimos que um terceiro

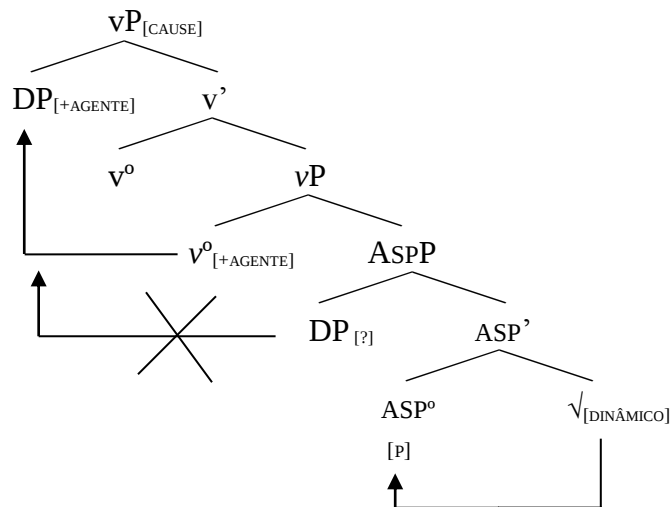
tipo de verbalizador, (v^0 -AGENTE), possa dar conta dessas construções não alternantes. Na presença do traço [-AGENTE], nenhum argumento externo é requerido. Assim, o argumento interno alça para a posição de sujeito. Em meu entendimento, esses são os verdadeiros eventos inerentemente autossustentáveis (KIPARSKY 1997), uma vez que os eventos expressos por esses verbos não pressupõem um causador externo; ou seja, ocorrem naturalmente. O verbo *amanhecer*, por exemplo, apresenta valor aspectual – indica a passagem do dia para a noite –, mas não pressupõe uma causa externa: é um fenômeno da natureza que se realiza no próprio verbo.

Por enquanto, fico com a hipótese levantada acima para uma futura investigação. Esses verbos poderiam projetar uma estrutura como a ilustrada a seguir:

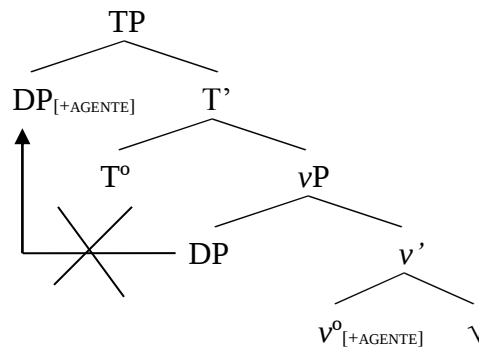


O segundo desafio será o de elaborar uma restrição que explique de maneira unificada como se formam os verbos agentivos causativos não alternantes e os transitivos de atividades. Quais seriam, de fato, os traços envolvidos na estrutura dos dois grupos? A proposta de o verbalizador $v_2[+AGENTE]$ é interessante e explica porque o argumento interno não pode alçar a Spec-TP, bloqueando a alternância do verbo. As estruturas hipotéticas dos verbos causativos não alternantes e dos verbos de atividades seriam, respectivamente, como seguem.

(7) *Verbos causativos não alternantes:*



(8) *Verbos de atividades:*



As estruturas acima ilustram o ponto hipotético de ligação do verbalizador. Nos verbos causativos não alternantes (ex.: *empacotar*, *encerrar...*), o verbalizador seria conectado a uma base composta de traços aspectuais, como um [p], de natureza relacional ou preposicional, motivados pelos prefixos. Já nos verbos de atividades, o *verbalizador* ligar-se-ia diretamente à raiz. Nos dois tipos de verbos, o alçamento do argumento interno à posição de Spec-TP é bloqueado pela presença do argumento externo [+AGENTE].

REFERÊNCIAS

ACQUAVIVA, P. Roots and Lexicality in Distributed Morphology. In: GALANI, A.; REDINGER, D; YEO, N. (Eds.). *York-Essex Morphology Meeting*, 5, p.1-21, 2009.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. SCHÄFER, F. The properties of anti-causatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, M. (Ed.). *Phases of Interpretation*. Mouton de Gruyter, Berlin, p. 187–211, 2006.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. (Eds.). *The Unaccusativity Puzzle: explorations of the Syntax-Lexicon Interface*. Oxford: Oxford University Press, p. 114-136, 2003.

ALEXIADOU, A.; MÜLLER, G. *Class Features as Probes*. Ms., Universität Leipzig/Universität Stuttgart, 2005.

AMARAL, L. L. *A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos*. 2015. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos, UFMG/POSLIN, Belo Horizonte, 2015.

AMARAL, L. Os verbos de modo de movimento do português brasileiro: aspecto lexical e decomposição em predicados primitivos. *Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 1, p. 326-339, 2012.

ARISTOTLE. *Metaphysics*. 1933

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

BACH, E. Eventualities, grammar and language diversity. In: VERKUYL, H; SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). *Perspectives on aspect*. Dordrecht: Springer, p. 167-18, 2005.

BASSANI, I. S. *Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro*. 2013. Tese de doutorado em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2013.

BASSANI, I. S.; LUNGUINHO, M. V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.

BEAVERS, J. On affectedness. *Natural Language e Linguistic Theory*. v. 29, p. 335–370, 2011.

BEAVERS, J. Scalar Complexity and the Structure of Events. *Event structures in linguistic form and interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 245-265, 2008.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, 37ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

BELLETTI, A.; RIZZI, L. Psych-verbs and θ -theory. *Natural Language e Linguistic Theory* 6: 291-352, 1988.

BENVENISTE, E. Ativo e médio no verbo. In: *Problemas de linguística geral*. Trad. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP: 183-191, 1976.

BLANCO, M. T. *Causatives in Minimalism*. Amsterdam, John Benjamins Publishing, 2011.

BONET, E. *Morphology after syntax*: Pronominal clitics in Romance languages. 1991. Doctoral dissertation, MIT, 1991.

BORER, H. *The normal course of events* Oxford: OUP, 2005.

BURZIO, L. *Italian syntax*: A Government-Binding approach. Dordrecht: Reidel, 1986.

BYBEE, J. L. *Morphology*: A Study of the Relation between Meaning and Form, Amsterdam, John Benjamins, 1985.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. *Delta*, São Paulo, vol.19, nº.1, 2003.

CAMARGO, C. V. R. A voz média do grego antigo: percurso sincrônico acerca dos estudos linguísticos. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 180-198, jan/jul, 2013.

CAMARGOS, Q. F. *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista*. Letras/Poslin, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1970.

CAMBRUSSI, M. F. *Alternância causativa de verbos inergativos no português brasileiro*. 2009. Tese de doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

CANÇADO, M. Uma Aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: Verbos Psicológicos. *Revista do GEL*, número especial: 95-125, 2002.

CANÇADO, M. *Verbos Psicológicos: a Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. 1995. Tese de doutorado. IEL, Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, M; GODOY, L. Representação lexical de classes verbais do PB. *Alfa*, v. 56, n.1, p. 109-135, 2012.

CANÇADO, M.; GODOY, L. AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Volume 1: verbos de mudança. UFMG, 2013.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1968.

CHOMSKY, N. *On Phases*. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M; (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: MIT Press, p. 1-52, 2001.

CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries: The Framework*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1981.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Ginn & Company, p. 184-221, 1970.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.

CIRÍACO, L. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 2011. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

COMRIE, B. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language typology and sintatic description: grammatical categories and the lexicon*. Cambridge University Press, v. 3, 1985.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

CYRINO, J. P. L.; ARMELIN, P. R. G.; SCHER, A. P. Morfologia Distribuída: revendo os conceitos de Fissão. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 6, n. 10, março de 2008.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language* 67: 547–619, 1991.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1979.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS *et al.* (Eds.). *Gramática da língua portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Caminho, p. 508-548, 2006.

EMBICK, D. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.

EMBICK, D.; HALLE, M. On the status of stems in morphological theory. In: GEERTS, T.; JACOBS, H. (Eds.). *Proceedings of going romance*, 2003, John Benjamins, p. 37-62, 2005.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C., ed. *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, Oxford University Press, p. 289-324, 2007.

FILIP, H. The Quantization Puzzle. In: TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. (Eds.). *Events as Grammatical Objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, p. 39-96, 2000.

FILLMORE, C. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. *Form and meaning in language: papers on semantic roles*. Stanford: CSLI Publications, p. 123-139, 2003 [1970].

GALANI, A. So, Word Formation: Syntax or Morphology? Formation of Non-Suppletive Stems in Modern Greek. *Proceedings of the III International Conference of Greek Linguistics*, University of Crete, 2004.

GALVES, C. Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa. Apresentação Variação e Gramática Gerativa. *Estudos da Língua(gem)*. Campinas, 2010.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

GOLLA, V. K. *Hupa Grammar*. Doctoral dissertation, University of California at Berkeley, 1960.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Constructional Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1995.

GRIMSHAW, J. *Words and structure*. Stanford: CSLI Publications/University of Chicago Press, 2005.

GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1990.

GRIMSHAW, J.; VIKNER, S. Obligatory Adjuncts and the Structure of Events. In REULAND, E.; ABRAHAM, W. (Eds.) *Knowledge and Language II: Lexical and Conceptual Structure*, Dordrecht: Kluwer, p. 143-155. 1993.

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALE, K; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Org.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993.

HALLE, M. Distributed morphology: Impoverishment and fission. *MIT Working Papers in Linguistics*, p. 425-449, 1997.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.). *A view from building 20*, Cambridge MA: The MIT Press, p. 111–176, 1993.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, v. 40, n.3/4, p. 225-276, 2014.

HARLEY, H. On the causative construction. In: MIYAGAWA, S.; MAMURO, S. (Eds.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, p. 20-53, 2008.

HARLEY, H.; NOYER, R. Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: evidence from nominalisations. In: PEETERS, B. (Ed.) *The lexicon-encyclopedia interface*. Amsterdam: Elsevier, p. 349-374, 2000.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed morphology. *Glott International*, Volume 4, Issue 4, April, p. 3-9, 1999.

HARRIS, J. The Syntax and Morphology of Class Marker Suppression in Spanish. In: ZAGONS, K. (Ed.) *Grammatical Theory and Romance Languages*, Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins, p. 99–122. 1996.

HORVATH, J.; SILONI, T. Causatives across components. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, p. 657-704, 2011.

HOUAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão monousuário 3.0. Instituto Antonio Houaiss. 2009.

JOHNSON, K. Object positions. *Natural Language and Linguistic Theory* 9: 577-636, 1991.

KAMP, H. Events, instants and temporal reference. In.: BAUERLE, R.; EGLI, U.; VON STECHOW, A. (Eds.), *Semantics from Different Points of View*. Berlin: Springer. 1979a.

KAMP, H. Some remarks on the logic of change: Part I. In: ROHRER, C. (Ed.). *Time, Tense and Quantifiers*. Tubingen: Niemeyer. 1979b.

KAUFMANN, I.; WUNDERLICH, D. *Cross-linguistic Patterns of Resultatives*. Ms., Heinrich Heine Universität, Düsseldorf, 1998.

KIPARSKY, P. Word Formation and the Lexicon. In: PROCEEDINGS OF THE MID-AMERICA LINGUISTICS CONFERENCE. Kansas: University of Kansas, p. 3-29, 1982.

KIPARSKY, P. Remarks on Denominal Verbs. In.: ALSINA, A.; BRESNAN, J.; SELLS, P. (Eds.), *Argument Structure*. Stanford: CSLI, 1997.

KOZINSKY, I.; POLINSKY, M. Causee and patient in the causative of transitive: coding conflict or doubling of grammatical relations? In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. (eds.), *Causative and transitivity*. Amsterdam, John Benjamins, 177-240, 1993.

KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Ed.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

KRIFKA, M. The Origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.), *Events and Grammar*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, pp. 197-235, 1998.

LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.

LAWALL, R. F. *O processamento do clítico SE incoativo e télico em espanhol como L1 e como L2*. 2014. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

LEAL, A. *Semântica Aspectual e Nominal – Contributo das Expressões Nominais para a Construção Aspectual das Frases*. 2009. Dissertação de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

LEGATE, A. J. *Phases in “Beyond Explanatory Adequacy”*. MIT, May 26, 2002.

LEVIN, B. Aspect, Lexical Semantic Representation, and Argument Expression. In: *Proceeding of the 26th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 2000.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. A preliminary analysis of causative verbs in English. *Lingua*, v. 92, p. 35-77, 1994.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic structure: its role in grammar*. Berlin: Foris, p. 247-269, 1992.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LIMA, R. B. de. *Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

LUFT, C. P. *Novo Manual de Português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*. 8ª edição. São Paulo: Editora Globo, 1990.

MCGINNIS, M. Fission as feature movement. *MIT Working Papers in Linguistics*, n. 27, 165–187, 1995.

MANNEY, L. J. *Middle Voice in Modern Greek: Meaning and function of an inflectional category*, Amsterdam, John Benjamins Publishing, 1998.

MARANTZ, A. Verbal argument structure: Events and participants. *Lingua* (130), 152-168, 2013a.

MARANTZ, A. No escape from morphemes in morphological processing. *Language and Cognitive Processes*, 28(7), 905-916, 2013b.

MARANTZ, A. Phases and words. New York University. *Manuscrito*, 2007a.

MARANTZ, A. Restitutive *re-* and the first phase syntax/semantics of the VP. MIT. *Handout*, 2007b.

MARANTZ, A. Argument structure and morphology: noun phrases that name events. MIT. *Manuscrito*, 2006a.

MARANTZ, A. Fusion, fission, [multiple exponence], blocking, and the connection between morphological feature geometry within and between terminal nodes in the syntax. MIT. *Handout*, 2006b.

MARANTZ, A. Objects out of the lexicon: objects as events. MIT. *Handout*, 2005.

MARANTZ, A. P. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225, 1997.

MCGINNIS, M. Fission as feature movement. MIT Working Papers in Linguistics, n. 27, 1995.

MINUSSI, R. D. *Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico*. 2012. 283f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MIRA MATEUS, M. H *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 7ª edição, 2006.

MIYAGAWA, S. (S)ase as an Elsewhere Causative and the Syntactic Nature of Words. *Journal of Japanese Linguistics* 16, p. 67-110, 1998.

NAVES, R. R. *Alternâncias sintáticas: Questões e perspectivas de análise*. 2005. Tese de doutorado, UNB, Brasília, 2005.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. *Estudos da Linguagem*. Casamento entre temas e perspectivas. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária da UFPB, p. 37-61, 2011.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Revista Linguística da ALFAL*, p. 37-58, 2010.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, p. 179-203, 2008.

NÓBREGA, V. A. Sobre raízes e domínios de interpretação: resenha de “On the Identity of Roots”: HARLEY, H. *ReVEL*, vol. 13, n. 24, 2015.

NÓBREGA, V. A. Derivando a estrutura dos compostos V-N. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 43 (1), p. 411-426, jan-abr, 2014.

NOYER, R. *Features, Positions and Affixes in Autonomous Morphological Structure*. 1992. Doctoral dissertation, MIT, 1992.

OLIVEIRA, S. *Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil*. 2009. 252f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics*. Cambridge MA: The MIT Press, 1990.

PEREIRA, R. A. *Formação de verbos em português: afixação heterocategorial*. Muenchen: Lincom Europa. Academic Publications, 2007.

PEREIRA, R. A. Condições estruturais da formação de verbos em português. In: RIO-TORTO, G. *Verbos e Nomes em Português*. Coimbra: Almedina, p. 91-127, 2004.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 4, p. 157-189, 1978.

PFAU, R. *Features and categories in language production*. Frankfurt: Johann Wolfgang Goethe-Universität, Doctoral Dissertation, 2000.

PFAU, R. *Grammar as processor: a distributed morphology account of spontaneous speech errors*, John Benjamins Publishing Company, 2009.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. 2002. 137 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

RADFORD, A. *English Syntax: An Introduction*. Cambridge University Press, Cambridge, 2004.

RADFORD, A. *Transformational grammar: A first course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

RAMCHAND, G. *Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax*. Cambridge: CUP, 2008.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: lexical and syntactic constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, p. 97-134, 1998.

REINHART, T. The theta system: Syntactic realization of verbal concepts. In: *OTS Working Papers in Linguistics*. Utrecht Institute of Linguistics, University of Utrecht, 2000.

RIBEIRO, P. N. *A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se*. 2010. Dissertação de mestrado, Instituto de Letras da universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RIO-TORTO, G. Morfologia, Sintaxe e Semântica dos Verbos Heterocategoriais. In: RIO-TORTO, G. *Verbos e Nomes em Português*. Coimbra: Almedina, p. 17-89, 2004.

RITTER, E.; ROSEN, S. T. Event Structure and Ergativity. In: TENNY, C.; PUSTEJOVSKY, J. (Eds.). *Events as Grammatical Objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, p. 187-238, 2000.

RITTER, E.; ROSEN, S. T. Delimiting Events in Syntax. In: BUTT, M.; GEUDER, W. (Eds.), 135-164, 1998.

ROMANELLI, R. *Prefixos latinos*. Belo Horizonte: UFMG, 1964.

ROSS, J. R. Act. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, p. 70-126, 1972.

ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1997.

SCHER, A. P.; MEDEIROS, A. B.; MINUSSI, R. D. Estrutura argumental em morfologia distribuída. *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Cânone Editorial, p. 175-198, 2012.

SHIBATANI, M. The grammar of causative constructions: a conspectus. In: SHIBATANI, M. (Ed.). *The Grammar of Causative Constructions* (Syntax & Semantics 6). New York: Academic Press, p. 1-42, 1976.

SHIBATANI, M.; PARDESHI, P. The causative continuum. In: SHIBATANI, M. (Ed.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, p. 85-125, 2001.

SIDDIQI, D. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. Linguistik Aktuell - Linguistics Today 138. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

SILVA, Y. R. B. *As causativas sintéticas no português do Brasil: novas evidências a favor da estrutura bipartida do VP*. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/ Poslin. Belo Horizonte, 2009.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1991.

SOUZA, P. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 1999.

SVENONIUS, P. 1 . . . 3–2. In: RAMCHAND; G, REISS, C. *The Oxford Handbook of Linguistics Interfaces*. p. 239-288, 2007.

SVENONIUS, P. Slavic Prefixes inside and outside VP. *Nordlyd*, v 32, n.2, p. 205-253, 2004.

TENNY, C. L. *Aspectual roles and the syntax-semantic interface*. Dordrecht: Kluwer Academic, 1994.

TENNY, C. L. Core events and adverbial modification. In: TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. (Eds.). *Events as Grammatical Objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, p. 285-334, 2000.

TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. A History of Events in Linguistic Theory. In: TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. (Eds.). *Events as Grammatical Objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, p. 3-37, 2000.

TRAVIS, L. Event Structure in Syntax. In: TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. *Events as Grammatical Objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. CSLI, Califórnia, p. 145-186, 2000.

VALENTE, A. C. M. M.; SILVA, C. C. C; GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Enfoques sobre parassíntese em português: *da tradição gramatical à linguística cognitiva*. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009.

VAN HOUT, A. *Event Semantics of Verb Frame Alternations*. PhD dissertation, Tilburg University, 1996.

VENDLER, Z. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, vol. 66, n. 2. p. 143-160, abril, 1957.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H. J. *Aspectual issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

VERKUYL, H. J. *A theory of aspectuality: The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

WACHOWICZ, T. C. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008.

WHALEY, L. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications, 1997.

WURMBRAND, S. The Merge Condition: a syntactic approach to selection. In: KOSTA, P.; SCHURCKS, L.; FRANKS, S.; RADEV-BORK, T. (Eds.). *Minimalism and Beyond: Radicalizing the interfaces*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 130-166, 2014.

ZUBIZARRETA, M. L. The lexical encoding of scope relations among arguments. In: STOWELL, T.; WEHRLI, E. (Eds.). *Syntax and Semantics 26: Syntax and the Lexicon*. San Diego, California: Academic Press, 1992.

ANEXO: VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO DO PB
AFIXAÇÃO SIMULTÂNEA
Adoecer, adormecer, amadurecer, amolecer, amortecer, apodrecer, aquecer, emagrecer, embambecer, embarbecer, embrabecer, embranquecer, embravecer, embrutecer, emburrecer, empalidecer, empardecer, empobrecer, emputecer, emudecer, encalvecer, encarecer, endoidecer, endurecer, enegrecer, enfraquecer, engrandecer, enobrecer, enraivecer, enrijecer, enriquecer, enrrouquecer, enrubescer, ensurdecer, entontecer, envaidecer, envelhecer, enverdecer...
PREFIXAÇÃO
Abobalhar, abrandar, acalmar, acanhar, achatar, acinzentar, acoplar, açucarar, adensar, afinar, afofar, afrouxar, agravar, alagar, alargar, alinhar, alisar, aloirar, alongar, amaciar, amarrotar, amassar, amofinar, amontoar, apalermar, aperfeiçoar, aplacar, aplainar, aprimorar, aquietar, arrebentar, arredondar, arregaçar, arreganhar, arroxear, arruinar, asfixiar, atenuar, aveludar, avermelhar, avivar, azedar, azular, emaranhar, embaçar, embananar, embaraçar, embaralhar, embelezar, embolar, embolorar, embriagar, empedrar, empenar, empestar, empipocar, empoeirar, empolar, empolgar, emporcalhar, emprenhar, enamorar, encabular, encalhar, encracolar, encharcar, encolher, encorajar, encorpar, encrespar, encurtar, encurvar, endireitar, endividar, enervar, enfadar, enfarar, enfastiar, enfear, enferrujar, enfumaçar, engordar, engordurar, engravidar, engrossar, enlamear, enlevar, enojar, enroscar, enrugar, ensebar, entediar, entortar, entupir, envenenar, eriçar, esbagaçar, esburacar, escancorar, escoriar, esfarelar, esfarinhar, esfarrapar, esfriar, esmigalhar, espedaçar, esquentar, estontear, estropiar, esvaziar, esverdear...

SUFIXAÇÃO
Escurecer, fortalecer, obscurecer, robustecer, ruborescer, umedecer...
AFIXAÇÃO [Ø]
Abalar, abrir, acender, acentuar, aguçar, amarelar, amarrotar, amassar, ampliar, anestesi- ar, apagar, arranhar, arrepiar, ativar, atordoar, atrofiar, bambear, baratear, bloquear, bronzear, cachear, caramelar, cegar, clarear, coagular, coalhar, compactar, comprimir, condensar, congelar, congestionar, consolidar, constipar, contaminar, contundir, corromper, curar, danificar, debilitar, decompor, degradar, densificar, derreter, desabotoar, desajustar, desbotar, descabelar, desfiar, desfigurar, desfolhar, desgastar, desgrenhar, desmaiar, desmanchar, dilatar, diluir, dobrar, eletrificar, elevar, emaranhar, embaçar, embaraçar, empenar, emperrar, empestar, empolar, encardir, enferrujar, entupir, esfoliar, espalhar, espatifar, estilhaçar, estragar, estreitar, estufar, fatigar, fechar, ferir, fermentar, firmar, fluidificar, fortificar, fragmentar, franzir, fraturar, fundir, gangrenar, gaseificar, gelar, gripar, grudar, hidratar, iluminar, inchar, inclinar, indignar, inebriar, infeccionar, infectar, inflamar, intensificar, interligar, intoxicar, inundar, inverter, irar, lambuzar, ligar, liquefazer, machucar, manchar, maravilhar, melindrar, mofar, molhar, murchar, necrosar, nublar, ofuscar, ouriçar, oxigenar, petrificar, pigmentar, poluir, pretejar, purificar, qualificar, quebrar, queimar, rachar, ralar, rançar, rarefazer, rasgar, realçar, reduzir, reforçar, refrescar, regenerar, rejuvenescer, relaxar, renovar, resfriar, resolver, ressecar, retorcer, retrair, revigorar, romper, roxear, salientar, sarar, saturar, secar, sedimentar, segmentar, sofisticar, solidificar, sufocar, sujar, talhar, tensionar, tonificar, tontear, tornear, torrar, tostar, trancar, travar, trincar, tumultuar, turvar, verdejar, vitrificar...